



INSTITUTO AYRTON SENNA

Uma viagem pelos caminhos da educação

Memórias e depoimentos de 2003 a 2011

Instituto
**Ayrton
Senna**



Texto de Valéria Propato

INSTITUTO AYRTON SENNA

Presidente

VIVIANE SENNA

Vice-presidente de Educação e Inovação

TATIANA FILGUEIRAS

Vice-presidente de Desenvolvimento Global & Comunicação

EMÍLIO MUNARO

Vice-presidente Corporativo

EWERTON FULINI

Gerente Executiva de Comunicação e Marketing

FABIANA FRAGIACOMO

Coordenadora de Comunicação

MARÍLIA ROCHA

PUBLICAÇÃO

Texto

VALÉRIA PROPATO

Edição

MARTA PAGOTTO

Produção

ÉRICA LIMA

Foto da Capa

FABIO CORREA

Projeto gráfico e diagramação

IDEIA MÚLTIPLA

2020

INSTITUTO AYRTON SENNA

Uma viagem pelos caminhos da educação

Memórias e depoimentos de 2003 a 2011

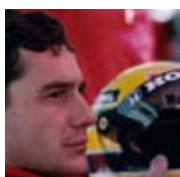
Texto de Valéria Propato

Instituto
**Ayrton
Senna**



9

UM POUCO
DE HISTÓRIA



13

O CAMINHO
DA EQUIDADE:

escala, eficiência
e novas fronteiras
para o aprendizado



19

A DOCUMENTAÇÃO



27

OS PERSONAGENS



31

A VIAGEM:
Estados do Brasil



23

A PAUTA:

qualidade da
educação



- 32 Acre
- 33 Bahia
- 34 Goiás
- 36 Maranhão
- 37 Paraíba
- 39 Pernambuco
- 41 Piauí
- 42 Sergipe
- 43 Tocantins

SUMÁRIO

45

OS ALUNOS



- 47 Wellison e Cleonilson Batista dos Santos – Barra dos Coqueiros/SE
- 49 Taíne Conceição da Silva – Itabaiana/PB
- 50 Marciano Oliveira Nascimento – Rio Formoso/PE
- 51 Antônio Francisco Gomes Martins – Araguaína/TO
- 52 Felipe Santos Xavier – Caaporã/PB
- 54 Kátia Maria dos Santos – Pontezinha/PE
- 55 Ana Karla Santos das Virgens – Aracaju/SE
- 57 Carlos Adriano da Silva – Carpina/PE
- 58 Rosilene da Conceição – Araçoiaba/PE
- 60 José Rinaldo Trajano de Oliveira – São Bento do Una /PE
- 61 Maria Priscila da Silva – Sirinhaém/PE
- 62 Rosângela Maria Siqueira – Rio Formoso/PE
- 63 Luandra Paloma Marques da Silva – Petrolina/PE
- 64 Ana Paula Macedo – Cruzeiro do Sul/AC
- 65 Silvio Nascimento Pereira – Monte Alegre/SE
- 66 Otávio de Carvalho Silva Neto – Teresina/PI
- 67 Samuel Xavier da Silva – Carpina/PE

69

OS PROFESSORES



- 71 Ozelma Cristina de Souza – Cortês/PE
- 73 Maria José Neri Oliveira Silva (Maliu) – Rio Formoso/PE
- 74 Marilanze Néri Alfano – Itaporanga/SE
- 75 Claudenice Rodrigues de Souza – Lajeado/TO
- 76 Sônia Martins Cardoso Freitas – Cidade de Goiás/GO
- 77 Eliete Alves Barbosa Santos – Aparecida de Goiânia /GO
- 78 Helena Teixeira – Estância/SE
- 79 Rosângela Souza – Cidade de Goiás/GO
- 80 Maria Souza – Alcobaça/BA
- 81 Maria Valdilene da Silva – Chã Grande/PE
- 82 Georgina Giacomim Sian – Posto da Mata/BA
- 83 Vânia da Silva – Trindade/GO

85

AS FAMÍLIAS



- 87 Maria do Carmo da Silva – Vicência/PE
- 88 Divina Almeida Laura – Palmas/TO
- 89 Rosa Maria Gomes – Sirinhaém/PE
- 90 Francisca Leandra Ferreira – Cedro/PE
- 91 Emival da Costa Paz – Cidade de Goiás/GO
- 92 Juliane Ribeiro Melo – Rio de Janeiro/RJ

PAIS HERÓIS, RECORTES DE UM MESMO BRASIL

- 95 Ozênio Gomes Pinheiro – Cruzeiro do Sul/AC
- 95 Luciene Barreiro Alves – Lajeado/TO
- 96 Maria Ilda Amorim Pereira – Petrolina/PE
- 96 Teresinha Teófilo da Silva – Cruzeiro do Sul/AC

99

LONGE DA ESCOLA:

o trabalho infantil
e outros motivos



105

**MOSAICO DA
ESCOLA PÚBLICA**



108 ACELERA
BRASIL FOI
MUITO ALÉM DE
SUA PROPOSTA
ORIGINAL

111

**OS GESTORES
ESCOLARES**



- 115 Diretor Carlos Rodrigues – Escola Radir Cavalcante Bastos – Teresina/PI
- 116 Diretora Eliane Sampaio – Escola Affonso Várzea – Rio De Janeiro/RJ
- 118 Diretora Maria de Fátima Soares de Oliveira – Colégio Estadual 16 de julho – Trindade/GO
- 119 Diretora Maria da Conceição Melo – Centro Educativo Maria de Lourdez Assunção – Piripiri/PI
- 120 Diretora Sílvia Monteiro – Escola Primeiro de Maio – Sobral/CE
- 121 UMA CENA BRASILEIRA
Sobral, um case de sucesso

123

**COMUNHÃO
DOS HOMENS
E ABUNDÂNCIA**







UM POUCO DE HISTÓRIA

**"EU PENSO MUITO SOBRE TUDO,
NÃO POSSO EVITAR. VOU DE UMA IDEIA
A OUTRA. E TODOS OS PLANOS VIRAM UM
SONHO QUE VEJO CRESCER, PROGREDIR.
VEJO PESSOAS FELIZES ATRAVÉS
DELES, PRINCIPALMENTE CRIANÇAS."**

– AYRTON SENNA



Em 1994, Ayrton Senna idealizava um Brasil em que todos tivessem a oportunidade de ser vitoriosos em seus sonhos. E oportunidade é uma palavra instigante porque implica aumentar a chance das pessoas de se desenvolver plenamente, de adquirir capacidade para aprender ao longo da existência, de ter acesso aos recursos necessários para um padrão de vida decente. Enfim, implica garantir o bem-estar e a dignidade de todos, sem exceção. Para isso, ele desejava investir esforços em uma iniciativa que atuasse no sentido de combater o grave problema de exclusão social, que coloca à margem da sociedade milhões de brasileiros.

Apesar de Ayrton não ter tido tempo de participar dessa construção, sua irmã, Viviane Senna, deu início à concretização do sonho do tricampeão de Fórmula 1, ainda no ano de 1994, com a criação do Instituto Ayrton Senna. Desde então, a organização contribui para ampliar as oportunidades de crianças e jovens brasileiros por meio da **educação integral**, porque acredita que essa é uma das vias mais eficazes para que as pessoas desenvolvam seu pleno potencial e tenham chance de participar ativamente da sociedade como agentes de transformações construtivas.

Em 1997, respondendo a uma demanda da sociedade para combater o grave problema educacional da defasagem idade-série, provocado pelo tripé repetência, abandono e evasão, o Instituto Ayrton Senna implantou em 15 cidades o programa Acelera Brasil, ampliado em 1998 para 24 municípios de 14 estados em todas as regiões do Brasil. A primeira grande expansão ocorreu no estado de Goiás, em 1999, com a adoção do programa como política pública estadual. Nos quatro anos de sua fase inicial, cerca de 120 mil alunos defasados participaram do programa.

A partir da experiência com o Acelera Brasil, quando se constatou que mais de 30% dos alunos não estavam sequer alfabetizados, o Instituto Ayrton Senna criou o programa Se Liga, em 2001, para superação da defasagem em alfabetização. Em 2009, mais de 800 municípios adotavam os programas de correção de fluxo, que beneficiaram diretamente 500 mil alunos.

Os dois programas têm um foco importante no desenvolvimento da autoestima e da autoconfiança de cada criança, o que garante a esses alunos uma oportunidade de reverter o que poderia ser uma trajetória de fracasso escolar.

Abrindo ainda mais fronteiras nos sistemas educacionais, o Instituto pesquisou e sistematizou também boas práticas para gestão, tanto nos contextos de sala de aula, na gestão da aprendizagem, quanto de rotina escolar e de política educacional. Com programas como Gestão Nota 10 e Circuito Campeão, foram gerados materiais e práticas que permitem ao gestor educacional obter uma visão macro da rede de ensino a partir de ações de diagnóstico, planejamento, acompanhamento de indicadores e avaliações.

Ao longo dos anos, o campo de atuação dos projetos e iniciativas do Instituto se ampliou também para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, sempre realizando formação de professores, gestores e equipes das secretarias para garantir que todos pudessem multiplicar os conceitos e principais práticas envolvidas na educação integral.

Essa missão, de olhar o ser humano, identificar seus potenciais e as formas mais eficazes para apoiar seu desenvolvimento pleno, está na base de toda ação que o Instituto tem realizado no decorrer desses 25 anos. Cumprindo com seu ideal de levar inovação para a área educacional, desde os primeiros passos de pesquisa e de produção de conhecimento até as práticas de disseminação e implementação desse conhecimento, o Instituto adotou sempre uma estratégia de “fazer e influir”, ou seja: conhecer os desafios reais envolvidos na concretização de propostas educacionais e, ao mesmo tempo, pensar em escala e ampliar o alcance das iniciativas inovadoras ao promover o apoio por meio de outros parceiros e organizações.

Como homenagem às experiências mais marcantes vinculadas ao início de toda essa trajetória, esta publicação será focada especialmente em histórias de pessoas que foram afetadas pelos programas iniciais, entre os anos de 2003 e 2011.

EDUCAÇÃO INTEGRAL

A educação integral defendida pelo Instituto Ayrton Senna ultrapassa a ideia de “educação em tempo integral”, na medida em que não se limita à ampliação da jornada escolar, mas pressupõe uma mudança de visão sobre o processo educacional. Essa visão considera o desenvolvimento de **competências cognitivas** (como saber ler, escrever e calcular), mas também, e intencionalmente, as chamadas **competências socioemocionais**.

Competências socioemocionais são capacidades individuais que se manifestam em pensamentos, sentimentos, comportamentos e atitudes para se relacionar consigo mesmo e com os outros, estabelecer objetivos, tomar decisões e enfrentar situações adversas ou novas. Essas competências são maleáveis, ou seja, podem ser desenvolvidas através de experiências formais e informais de aprendizagem – mas, para isso, é crucial que exista intencionalidade. Estudos indicam que elas são importantes impulsionadoras de realizações ao longo da vida, como na saúde e no bem-estar de cada um, na qualidade de relações sociais e também nos processos de aprendizagem. Na prática, não acontecem de forma separada dos aspectos cognitivos, portanto sua definição visa gerar mais clareza sobre suas especificidades e relevância. Entre outros exemplos dessas competências, estão a persistência, a assertividade, a empatia, a autoconfiança e a curiosidade para aprender.

as

ta



RIO TAPAJÓS

UNIDADE DE
SANTA RITA

RIO TAPAJÓS

UNIDADE DE
SANTA RITA

ALAN
PIERRE



O CAMINHO DA EQUIDADE:

escala, eficiência e novas fronteiras
para o aprendizado

CRÉDITO: IVAN FRACHET

O CAMINHO DA EQUIDADE:

escala, eficiência e novas fronteiras para o aprendizado

POR VIVIANE SENNA

CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA



“Em 25 anos de existência, o Instituto Ayrton Senna vem materializando seu próprio DNA. Como um ser humano que nasce com uma carga cromossômica, atualizada ao longo da gestação e depois na infância e adolescência. É uma pré-programação que ao longo do ser vai se realizando. E cada etapa é um aprendizado. Você não nasce andando e, depois que aprende, você não vira outra coisa. Continua sendo o mesmo e passa a remodelar, melhorar ao longo do crescimento o potencial dado, adormecido.

A genética do Instituto está relacionada à criação de oportunidades para que as novas gerações possam desenvolver plenamente seu potencial. Ai estão três palavras do núcleo de seu DNA: potencial, desenvolvimento e oportunidade. O Instituto gera condições para que cada criança possa desenvolver seu potencial e vir a ser o que é. O país como um todo não tem conseguido levar à frente esta missão, dá chances apenas para uma pequena parte das crianças.

Com esta visão, o Instituto logo cedo trouxe em sua origem trabalhar em larga escala e com eficiência. Não é possível atingir este objetivo com meia dúzia de crianças. Abrir uma escola no bairro é muito bonito, mas não resolve o problema do país, que é de escala. Para cumprir a tarefa, era necessário trabalhar dentro de uma lógica diferente do varejo ou do artesanato social, ideia vigente à época e que em grande parte ainda persiste. Porém, hoje ela já não é vista como a ideal e nem a única. O Instituto lançou e advogou este conceito em todos os fóruns empresariais e educacionais possíveis. E há dezenas de fundações atualmente que acreditam no trabalho em escala, inspiraram-se nele e o defendem.

Outro aspecto da genética do Instituto é aliar qualidade à quantidade. Geralmente o Terceiro Setor faz qualidade sem quantidade e o setor público, quantidade sem qualidade. O Instituto teve a ousadia de propor, há 25 anos, *qualidade e quantidade na mesma equação*. Eu usava



O conhecimento tornou-se uma *commodity*. Hoje ele é apenas linha de largada. A escola tem que se reinventar para preparar as pessoas para esse novo cenário pelo qual a humanidade está transitando.

exatamente esta frase. Foi transformador levar o princípio da eficiência — ciência típica da administração moderna — para a área da educação, e o da escala para o segmento do Terceiro Setor que atuava na educação. Foi uma mudança paradigmática. O Estado e as organizações da sociedade civil tinham muito boas intenções. Mas elas são só o ponto de partida.

O setor público passou a atuar com variáveis que não eram pertinentes naquele tempo e houve um impacto muito grande em políticas públicas governamentais. A contribuição do Instituto Ayrton Senna nos primórdios, portanto, foi muito além dos projetos que eram feitos junto com o setor público. Por meio deles, os paradigmas da escala e da eficiência se concretizaram em estados e municípios inteiros.

Os primeiros passos

Em 25 anos, a alfabetização foi e é um tema absolutamente marcante na história do Instituto. Em 1996, havia um quadro crítico na maioria das redes de ensino do Brasil. Parecia mais um campo de guerra do que um sistema educacional. O vírus da má qualidade do ensino provocava um baixo nível de aprendizado e como consequência um alto índice de repetência, de defasagem e de abandono. Isso era visível.

A primeira camada que tinha logo embaixo do iceberg, no nível do mar, se alguém baixasse a sonda ali para olhar, era a da não alfabetização. Do grupo de crianças defasadas, nas cidades mapeadas pelo Instituto na época, 60% eram analfabetas. Ali estava a fonte da não aprendizagem e da repetência. A criança não alfabetizava na 1ª série, repetia porque não conseguia sequer ler o enunciado das matérias, e aí era um efeito dominó.

Os programas de correção de fluxo Se Liga e Acelera Brasil definiram claramente o problema ao qual se dirigiam: as altas taxas de repetência

decorrentes da baixa aprendizagem, as consequentes defasagem idade-série e evasão, como último degrau dessa escada. As crianças ficavam repetindo, repetindo, cada vez mais atrasadas em relação à série que deveriam cursar. E aqueles grandões nas salas de pequeninhos iam desistindo da escola. Os estados tinham padrões muito típicos desse problema. Era como se fosse uma doença sistêmica, uma epidemia que atingia todas as redes de ensino no Brasil.

A defasagem idade-série no país era em torno de 50% a 60%. Havia lugares onde ela era um pouco mais baixa ou mais alta. Pernambuco, terceiro estado a adotar o Se Liga e o Acelera Brasil, reunia um milhão de alunos na Educação Básica e, desse total, meio milhão tinha no mínimo dois anos de atraso na escola. Eles levavam 12 anos para percorrer oito séries. Sobral (CE), por exemplo, era a cidade campeã do atraso, com quase 90% de defasagem. O Instituto Ayrton Senna listou os vinte municípios de diferentes regiões do Brasil com os piores indicadores educacionais e eles foram convidados a adotar os programas de correção de fluxo.

A próxima camada submersa desse iceberg era a falta de gestão, de acompanhamento ao longo do processo educacional. As crianças também não evoluíam porque não havia gestão nenhuma de aprendizagem. Os professores e gestores não sabiam se os alunos estavam aprendendo, quantos estavam aprendendo e se estavam na velocidade certa. O Instituto trouxe isso à consciência com os programas Escola Campeã, Circuito Campeão e Gestão Nota 10, que propunham políticas de gestão junto com a formação de educadores. A alfabetização na 1ª série foi implementada nas centenas de municípios com os quais se trabalhou. Sobral, cidade emblema da alfabetização, não só fez acontecer esta gestão que desenhamos em conjunto na rede municipal – e com todo o acompanhamento de aprendizagem nos anos subsequentes – como a levou para o estado cearense, que

também transformou-se em referência em educação. Em 2017, o município tornou-se o primeiro do pódio, com nota 9 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

Que magia foi essa? Trabalhava-se sistemicamente, com vários estados inteiros, municípios inteiros. E com meta, indicador, gestão de processos, meritocracia; avançava-se acompanhando a criança e corrigindo a rota enquanto ela estava acontecendo. Como em qualquer plano bem definido. Você não traça um voo para a Europa e confere depois de doze horas se chegou na Europa ou na Patagônia. Você vai checando no caminho, se está na altura certa, na velocidade e na direção certas.

A primeira ação de onde partiram estas ‘substâncias químicas’ que provocavam transformação foram o Se Liga e o Acelera Brasil. Os programas eram como uma vacina, literalmente. Há um vírus que ataca a população, impede que as crianças se desenvolvam, paralisando o progresso em etapas muito primárias a ponto de elas nem sequer aprenderem a ler e escrever. O vírus e sua atuação são estudados; desenvolve-se os componentes para combater o mal; eles são aplicados em uma vacina e ela é distribuída onde o problema está se apresentando. O ‘remédio’ tinha um efeito gigante – em Goiás, 100% das crianças atendidas na rede estadual ‘sararam’; em Tocantins, foram 99,9%; e em Pernambuco, 98%, 250 mil crianças, que não é pouca coisa.

O desenvolvimento do potencial começava pela aprendizagem da língua, já que as crianças nem ao menos estavam alfabetizadas mesmo após anos de escola. E, depois, seguia pela aprendizagem do conteúdo de vários anos em um. A capacidade de realização dos programas está ligada ao desenvolvimento de competências cognitivas, como leitura, escrita, raciocínio lógico, e a certas condições para que isso aconteça: estabelecimento de metas, mês a mês seguir se está ou não dentro da meta, ajudar a desenvolver se não está, ver aonde e o quê estão faltando. A mudança é mágica e os depoimentos das crianças são impressionantes.

A genética dos programas é óbvia, mas há 25 anos não era. Falar em eficiência não era bem visto. Falar em escala, as pessoas também não

entendiam. ‘O Instituto quer se tornar o Estado, quer virar governo?’ Não, nunca quisemos, mas sabíamos que era preciso pensar de maneira mais estratégica para de fato impulsionar mudanças significativas. Além de identificar as ações necessárias para a resolução dos desafios, o Instituto Ayrton Senna traz paradigmas novos. É uma organização de inovação, que empurra fronteiras, que vê onde está se ‘batendo cabeça’, propõe maneiras de conseguir avançar e, mais, traz novas fronteiras.

Ultrapassando a fronteira cognitiva: foco nas competências socioemocionais

Agora é preciso desenvolver outros grupos de competências que são tão importantes quanto as cognitivas para o sucesso da criança na escola, na humanidade e no planeta. Sem elas corre-se riscos grandes.

Sobral, cidade emblema da alfabetização,
não só fez acontecer esta gestão que
desenhamos em conjunto na rede municipal
– e com todo o acompanhamento de
aprendizagem nos anos subsequentes –
como a levou para o estado cearense, que
também se tornou referência em educação.

As competências racionais não são suficientes para dar conta de todas as decisões e das habilidades necessárias para viver, conviver e trabalhar no mundo de hoje. Há outro grupo de capacidades, além das cognitivas clássicas, que são as socioemocionais, e que impactam novas performances. Todas elas fazem parte do potencial humano, a ser desenvolvido de maneira que crianças e jovens possam ter todas as condições para dar certo na vida. E esta não pode ser uma oportunidade conferida só a alguns. Tem que ser para todos.

A tarefa não só no Brasil, mas no mundo, é caminhar para além da fronteira cognitiva. O sistema educacional (ocidental) foi cunhado no final do século XVIII para desenvolver competências cognitivas. Na época, elas eram absolutamente imprescindíveis. E a escola tal qual existe hoje nasceu com essa missão. No entanto, essa missão não é mais suficiente porque o conhecimento hoje é uma commodity. Não é mais a linha de chegada, só de largada. A escola tem que se reinventar para preparar as pessoas para esse novo cenário pelo qual a humanidade está transitando. Houve a passagem da era agrícola para a industrial, e a escola surgiu exatamente para ajudar neste momento. Tanto é que daí decorreu todo o avanço científico e tecnológico atual. Fruto do desenvolvimento do conhecimento e da função de ordem racional e cognitiva que a escola implementou com brilhantismo, maestria e

eficiência. Agora passamos por outra transformação, do período pós-industrial para uma fase que vai requerer de novo uma mudança substancial. E a escola precisa estar atenta a esse contexto.

O que o Instituto fez e faz ao longo de todo o tempo é trabalhar com evidência. A empírica, do que funciona; e a científica, de conhecimentos construídos, disponíveis pela humanidade e pelas ciências e que não são utilizados muitas vezes na área da educação. Por exemplo: como o cérebro aprende; como as habilidades socioemocionais são vitais para o aprendizado; qual o efeito sobre a renda, a saúde e o bem-estar social no futuro de alunos que são disciplinados, persistentes, com foco e não desistentes na primeira dificuldade.

Já no início do programa Acelera, trabalhava-se de maneira explícita com o cognitivo e, implícita, com o socioemocional. Constatou-se que o reforço da autoestima, por exemplo, alavancava o cognitivo, mas não havia como medi-lo. Em 2009, começamos a elaborar um instrumento de avaliação das habilidades socioemocionais. E assim, como lá no princípio o Instituto advogava a escala e a eficiência, a partir de 2011 passou a advogar que além do cognitivo é preciso também desenvolver as competências socioemocionais. Elas foram pautadas de lá para cá e hoje já estão na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Ou seja, este paradigma entrou no nível de política pública do país.

O futuro do Instituto Ayrton Senna é influir para que outros façam

Ayrton nunca imaginou que seria um campeão. Ele gostaria, queria ganhar corrida. Mas nunca antecipou que iria se tornar uma referência no Brasil e no mundo. Isso não passou pela cabeça dele nem da nossa família. Quando criamos o Instituto Ayrton Senna, também não tinha no meu *mindset* um desdobramento deste tipo. Eu vejo o efeito que o Instituto causou no país e reconheço um padrão que vai infinitamente além da capacidade de atender tantas mil crianças, um milhão e meio, dois milhões de alunos por ano. O que já é muito. Não é só esse fazer e com resultados incríveis. O nível de impacto gerado vai muito além do projeto *a, b* ou *c*. É o nível do influir, fazendo a ponte entre ciência e educação, trazendo o que há de melhor a serviço do desenvolvimento pleno de todos os nossos alunos. É o *fazer fazer*, é este influir para que outros façam, é a capacidade de induzir mudanças que terceiros passam a operar com forças e recursos próprios, com condições próprias, seja no setor público, no Terceiro Setor, no setor empresarial. Cria-se um movimento; é um novo patamar de consciência e de realizações.

A tarefa não só no Brasil, mas no mundo, é caminhar para além da fronteira cognitiva.



CRÉDITO: IVAN FRANCHET



CRÉDITO: PEDRO MARTINELLI

No futuro, vejo o Instituto Ayrton Senna atualizando sua missão à luz da evidência e do conhecimento. O trajeto continua com a mesma base, segue o mesmo fio, sempre focando na escala e na eficiência – qualidade e quantidade – para que o país possa ter equidade. Não será possível resolver a desigualdade brasileira fazendo ou qualidade ou quantidade. É preciso que as duas andem juntas para que a terceira, a equidade, aconteça.”





A DOCUMENTAÇÃO

CRÉDITO: PEDRO NORONHA



Esta publicação documenta o resultado de cerca de 800 entrevistas realizadas entre 2003 e 2011 em centenas de escolas no Brasil que adotaram, como política pública do município ou do estado, programas educacionais de correção de fluxo e gestão escolar do Instituto Ayrton Senna.

Por meio de textos, fotos e vídeos, a equipe de Comunicação do Instituto Ayrton Senna registrou depoimentos de alunos, familiares, professores, supervisores, coordenadores, diretores, secretários de educação e prefeitos. Histórias de vidas que foram divulgadas em filmes institucionais, reportagens para veículos de comunicação e relatórios de prestação de contas aos parceiros (empresas, prefeituras, secretarias de educação e Ministério da Educação). E que revelam a diversidade da escola pública no Brasil – suas conquistas, desafios, dificuldades para garantir o aprendizado, e os bastidores da implementação de políticas públicas.

A equipe de reportagem do Instituto cruzou estados de norte a sul do país, e percorreu cidades e regiões longínquas – de avião, carro, barco, voadeira, catraia, kombi – para gravar formações de educadores, visitar salas de aula e casas de alunos, inúmeras delas com dificuldade de acesso, principalmente em comunidades ribeirinhas.

Essa realidade era enfrentada também pelos profissionais das redes de educação no interior do país. Um supervisor paraense ia de balsa até a escola e, depois, seguia por uma a duas horas de barco a motor ou a cavalo para chegar à casa do estudante. O deslocamento para participar das formações do Instituto também era complicado. Um educador gastara cinco dias de Tapauá (AM) até Brasília, onde acontecia a reunião de coordenadores dos projetos, em 2011. Quatro dias foram só para descer de barco o rio Juruá, disputando um único banheiro com cem passageiros. Já uma coordenadora escolar levou quatorze horas e meia, de moto, barco e ônibus, de Oeiras do Pará (PA) à reunião de trabalho em Santarém (PA).

O que os movia e os guiava para ir em frente eram sentimentos de resiliência, de dedicação, de crença na superação dos problemas e esperança de melhora na educação de seus alunos.

A narrativa destaca relatos de viagens por nove estados do Nordeste, Norte e Centro-Oeste, alguns deles visitados repetidas vezes ao longo dos anos de 2003 a 2011. E traz também depoimentos, perfis e cenas

UMA VIAGEM PELOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO:

Estados onde o Instituto Ayrton Senna atuou de 1994 a 2018



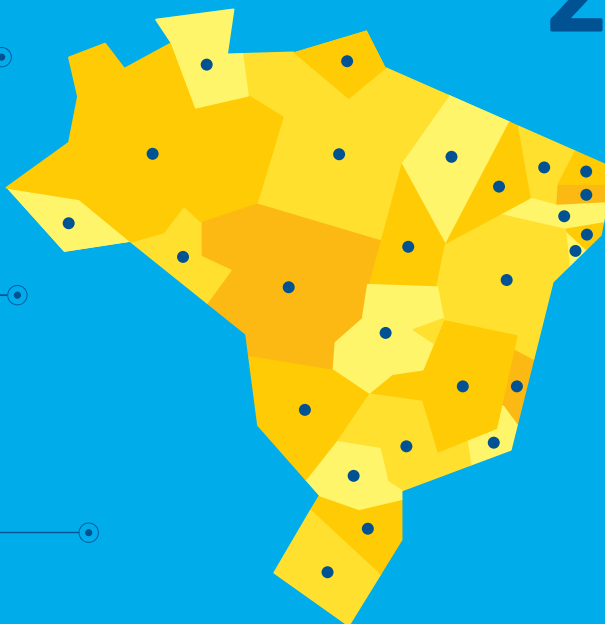
Onde atuamos até 2018?

2.792
Municípios
atendidos

239.585
educadores
capacitados

25.687.385
crianças e jovens
capacitados

27 UNIDADES
FEDERATIVAS



Em 25 anos de atuação,
o Instituto Ayrton Senna
impactou quase 26 milhões
de crianças e jovens.
E formou mais
de 230 mil educadores de
2.792 municípios de todos
os estados brasileiros mais
o Distrito Federal.

brasileiras emblemáticas captadas em cidades parceiras espalhadas por 18 estados de todas as regiões brasileiras.

Este livro apresenta apenas um recorte, ainda que amplo, da cobertura jornalística realizada na “ponta”, como carinhosamente o Instituto chama escolas e redes de ensino. É a ponta de um sistema educacional complexo, que era e continua muito desigual, com diferentes realidades e inúmeros problemas. Milhares de “pontas” passaram pelas mãos do Instituto Ayrton Senna. Mas elas não são um ponto geográfico no mapa senão milhares de vidas que acreditam na educação para mudar o mundo.

Alguns personagens desta publicação não apresentam as idades. Ao longo do percurso, e diante do volume de dados, estas informações se perderam.



CRÉDITO: MARCUS ANTONIUS

BOM DIA
BOA TARDE
BOA NOITE
OBRIGADA-O
POR FAVOR
COM LICENÇA



A PAUTA:

qualidade da educação

CRÉDITO: IVAN FRANCHET



CRÉDITO: FÁBIO CORRÊA

Desde os anos 70, o sistema educacional brasileiro buscava a universalização do ensino e a taxa de atendimento escolar passou de 67,1%, em 1970, para 95,8%, em 1998. No entanto, a inclusão da população fora da escola não implicou aprendizagem para todos.

Na segunda metade da década de 90 e início de 2000, o Brasil encarava enormes desafios no campo da educação. De 36 milhões de alunos matriculados no Ensino Fundamental, 41% estavam com distorção idade-série, ou seja, quase 15 milhões atrasados na escola devido a repetências e abandonos. A taxa de reprovação ultrapassava 10% e 1,4 milhões de crianças e jovens desistiam de estudar. Apenas 53,5% dos jovens de 16 anos tinham o Ensino Fundamental completo.¹

A distorção idade-série acontece quando o aluno é repetente e fica com dois anos de atraso, no mínimo, na relação entre o ano escolar em que se encontra e aquele que deveria cursar. Esse represamento provoca a desregularização do fluxo escolar.²

¹ Dados MEC/INEP | Relatório Todos Pela Educação 2000.

² Movimentação de alunos ao longo dos anos escolares, levando em consideração o acesso, a permanência e a conclusão. Para manter o fluxo regulado, a série cursada e a idade devem ser sincronizadas. Corrigir o fluxo escolar implica não ter alunos com atraso superior a dois anos devido a reprovações, abandonos ou ingresso tardio na escola.

Na época, um conjunto de esforços foram implementados pelos governos para regularizar o fluxo escolar, como a política de “Aceleração de Aprendizagem”, voltada para o atendimento em classes especiais de alunos com distorção idade-série.

O Instituto Ayrton Senna fez parte dessa força-tarefa ao construir e apresentar ao país, a partir de 1997, uma agenda de políticas estratégicas de correção de fluxo para a promoção da educação integral e de habilidades necessárias ao desenvolvimento humano pleno, e melhoria de diferentes aspectos da educação pública – como gestão, formação, avaliação – com resultados reconhecíveis e mensuráveis.

Essa política de correção de fluxo, com base em evidências, ia além de uma intervenção pedagógica para a aceleração de alunos. Apresentava uma proposta de mudança no processo educacional, nas dimensões política, pedagógica e gerencial. Dentro desse foco, as soluções educacionais, que foram criadas no período de 1997 a 2004, envolviam corrigir a distorção idade-série (Acelera Brasil), superar a defasagem em alfabetização (Se Liga) e inserir uma política de gestão para acompanhamento e avaliação (Circuito Campeão e Gestão Nota 10).

Nas escolas públicas parceiras do Instituto, alunos com mais de dois anos de atraso escolar foram submetidos a um teste diagnóstico

para identificação do nível de alfabetização. A partir dessa avaliação, seguiram reunidos em turmas especiais dentro da escola para serem atendidos por um ano nos dois programas de correção de fluxo. Para as turmas do Se Liga seguiam alunos que não sabiam ler e escrever e o objetivo maior do programa era alfabetizá-los para que pudessem dar continuidade aos seus estudos. As turmas do Acelera Brasil eram constituídas pelos alunos já alfabetizados, mas com defasagem de aprendizado; o objetivo era recuperar o tempo perdido com reprovações.

Ao longo da implementação dos programas, o Instituto constatou que era preciso atuar para além da sala de aula. Havia outras partes do quebra-cabeça da educação que precisavam estar integradas. Assim surgiu o Gestão Nota 10, em 2002, que atuava junto às unidades escolares e às secretarias de educação para alcance de metas de indicadores como cumprimento do calendário escolar, frequência de professores e alunos, alfabetização aos 7 anos de idade, aprovação e correção de fluxo. Ele fortalecia a figura do diretor escolar para lidar com a gestão da rotina da escola e da política educacional.

Em 2004, foi criado também o Circuito Campeão, de monitoramento do aprendizado nos primeiros anos do Ensino Fundamental. O programa acompanhava o desempenho dos alunos da rede regular para qualificar o ensino e erradicar a produção do analfabetismo e da repetência escolar, com foco na formação do coordenador pedagógico.

Os programas eram implementados em regime de colaboração com secretarias de educação dos estados e os municípios podiam fazer parte da parceria estadual ou serem atendidos diretamente. Nos depoimentos de educadores e alunos, ficava clara a importância dessa rede de apoio, dando diretriz e suporte aos trabalhos das equipes para garantir a eficácia do ensino-aprendizagem.

Para além dos recursos financeiros e da infraestrutura, o êxito e a longevidade dos programas dependiam de elementos que não podiam ser transformados em números. Bons professores, estudantes motivados... A educação envolvia interação entre pessoas e mudava vidas. É um empreendimento essencialmente humano.

OS PROGRAMAS SE LIGA E ACELERA BRASIL

O Se Liga é direcionado às crianças de 3º a 5º ano que não estão plenamente alfabetizadas, com uma metodologia que devolve aos pequenos a confiança e a autoestima para avançar de série.

O Acelera Brasil é dedicado à correção da defasagem escolar e os conteúdos básicos dos anos iniciais do EF são recuperados em um ano. As aulas são organizadas por projetos voltados para os temas: Quem Sou Eu, Minha Família, Escola, Espaço De Convivência, O Lugar Onde Vivo, Minha Cidade, Brasil De Todos Nós e Operação Salva Terra. Dentro destes temas, que às vezes são trabalhados por mais de mês e em equipes, os alunos aprendem todas as disciplinas.

Nos dois programas, as turmas são motivadas a cultivar hábitos e atitudes importantes: frequentar a escola, ser pontual, fazer as tarefas de casa, participar da aula, ser curioso, criativo e, sobretudo, ser autônomo e confiar em si mesmo.



CRÉDITO: PEDRO MARTINELLI





OS PERSONAGENS

CRÉDITO: ESTÚDIO EUKA

As crianças e os jovens eram os protagonistas de toda a engrenagem dos programas e também da reportagem. Era importante registrar o olhar que tinham sobre a escola, a família, e sobre si mesmos; suas histórias de superação dentro e fora das salas de aula. O perfil das turmas, em todas as “pontas”, era quase o mesmo: crianças analfabetas ou com defasagem de aprendizado, multirrepetentes, de famílias desestruturadas ou com muitas dificuldades financeiras. Paradoxalmente, com muitas lições para dar. Demonstravam alegria e bom humor, mesmo quando tudo parecia ter dado errado. Tinham uma disposição destemida de aprender e reaprender, apesar do infortúnio de suas vidas.

Minudências, entrelinhas no discurso e na imagem revelavam mais do que os relatos para a reportagem. A camisa desproporcional ao corpo miúdo que Rinaldo, 14 anos, de São Bento do Una (PE), escolheu especialmente para a gravação — de xadrez em tons bege e mangas compridas em um calor de rachar — pertencera ao pai falecido, e guardava lembranças que a câmera jamais desvendaria. O anel prateado que o menino exibia no dedo anular, que vinha de brinde no pacote de balas Delicado. O pano *perfex* cor de rosa, de limpeza, que Joseane, 12 anos, apertava nas mãos gordinhas para assoar o nariz, em uma escola de Araguaína (TO). O dinheiro que Samuel, 11 anos, ganhava lavando carros e guardava no bolso de uma bermuda velha quando dormia, com medo de ser roubado pelos vizinhos, no loteamento das Pedrinhas, em Carpina (PE). A árvore no quintal de uma escola de Aracaju (SE) que dava limão e grilos. No recreio, a diversão da criançada era despregar com os dedos as asas dos insetos e levá-los vivos para a sala de aula.

Há nos recônditos do país o hábito da oralidade, da musicalidade em diferentes acentos, mais forte ainda entre os analfabetos. Uma forma de se impor, possível de traduzir para o outro um tempo e um mundo particular. E assim saíam das bocas iletradas de adultos e crianças frases rimadas, ritmadas, um repertório distorcido ou inventado. De repente, de memória, a palavra caía nos ouvidos com um significado inesperado. Colhia-se madura, sob o verde da mangueira carregada no quintal.

“Escrever, eu escrevia só uns gravetozinho. Hoje eu sei um bocado de muitas coisas. Sei tabuada, sei meu nome todinho bem direitinho, sei ler”, cantava Mariel Maciel, 11 anos, sentado em uma ponte de madeira, as pernas finas balançando sobre um córrego em Cruzeiro do Sul (AC). Na mesma cidade, o progresso de Ruanda orgulhava o pai Ozênio. “Hoje a Ruanda, depois que aprendeu a ler e escrever neste projeto, já vem pisando com isso aqui ó, com a ponta do pé maciozinho. Dá pra perceber que o analfabeto não pisa ligeiro”.



Joseane (Araguaína, TO)

CRÉDITO: CLEUDIVAN ARAÚJO

Em Conceição da Barra (ES), Daudete Pereira de Oliveira, 73 anos, saboreava as conquistas do neto Nildeilton. *“Eu viajava uma légua a pés pra estudar, correndo de vacas braba. Ai a escola fechou. Nós morava na roça e parei de estudar. Cursei só a 1ª série. Eu me senti mal pelo seguinte: estudar é muito bom. Mas infelizmente pra mim não deu. Já meu neto, Nildeilton, por nossa senhora que ele foi pra escola, mas não ficou sabendo de nada, nada. As professoras anteriores que vão me desculpar, mas acho que elas não entendiam que o modo de estudo delas não servia pra ele. Já a professora Rita, do programa Se Liga, eu agradeço, porque essa sim merece. Nildeilton sabe ler e escrever que me vêm água nos olhos. Ele chegou a ficar um ano no psicólogo da escola, mas depois viram que meu neto era só um pouco nervosinho”.*



Mariel Maciel (Cruzeiro do Sul, AC)

CRÉDITO: PEDRO MARTINELLI



CRÉDITO: PAULO JOVÂNIO

Nildeilton e Daudete Pereira de Oliveira (Conceição da Barra, ES)



ALIMENTAÇÃO
PARA RADIO

CA



A VIAGEM:

Estados do Brasil

CRÉDITO: NANA FRANCHET



O avião faz escalas em Brasília e Rio Branco, onde a equipe de comunicação pernoita para voar na madrugada do dia seguinte para Cruzeiro do Sul. É a segunda maior cidade do Acre, a noroeste do estado, e a reportagem irá realizar uma semana de filmagens para um vídeo institucional. O porto de onde saem as embarcações para as comunidades ribeirinhas ainda é de chão de barro e enlameado quando chove.

Quase uma década depois dessa viagem, em 2008, Cruzeiro do Sul passaria a ser procurado por turistas estrangeiros e brasileiros para experiências de imersão e cura com os índios na Floresta Amazônica. O município tem como atrativos aldeias indígenas de dezenas de etnias, balneários e igarapés. Sobrevive do extrativismo e do agronegócio – a farinha é seu principal produto e a melhor da região.

O grosso dos deslocamentos é feito em barcos e canoas pelo rio Juruá – mais sinuoso da bacia amazônica –, incluindo o trajeto para as escolas de palafitas ou folhas secas trançadas. Algumas delas estão a um dia de viagem e, quando o Juruá transborda, o jeito é nadar, contam os educadores. A margem em toda a região amazônica é um termo impermanente, já que a variação dos níveis dos rios pode chegar a vinte metros entre a cheia e a seca. No fim da tarde, os pescadores recolhem as

redes. Na piracema, há fartura de mandi, piaú, pacu, surubim e sardinha, que garantem a alimentação de quem vive perto do rio.

Assim como no Amazonas, também visitado pela reportagem, à medida que o barco se afasta da “civilização”, ao longo de um trecho de rio pouco vigoroso e sem desníveis, o tempo é outro. Em duas horas de viagem, chega-se a um descampado e, mais à frente, a um terreno com mangueira madura. O cheiro alegre mistura-se ao zunido das cigarras e à algazarra das crianças; há galinhas e um porco soltos pelo loteamento. A escolinha com três salas de aula e varandão funciona no sistema de ciclos, com alunos de várias séries na mesma turma. O diretor e quatro professores dormem em uma construção de tábuas ao lado da escola; moram longe e voltam para casa só no final de semana. O quarto é simples, com redes, duas beliches e a muda de roupa fica pelo chão. O banho é feito ao ar livre, com água de poço. A escola conta com antena parabólica e TV de plasma. Mas não tem banheiros e a única fossa sanitária, nos fundos, é utilizada apenas pelas alunas.

Vários estudantes chegam na segunda-feira à sala de aula com unhas enegrecidas pelo “feitio” de carvão, na lida com os pais. Tentam em vão se limpar na correnteza do rio, o preto encardiu. As famílias mandam os filhos repetentes para a escola, embora descrentes de sua recuperação. Mas eles estão lá, e isso faz os professores encherem-se de importância.

Com a implementação dos programas do Instituto, escolas passam a garantir um professor para cada turma – nem sempre era assim – e os educadores empolgam-se com metodologias que levam em conta o aprendizado de cada criança de forma heterogênea e no seu ritmo. Turmas com índice de reprovação de até 53% no 1º ano conquistam 99% de aprovação.

A rede de ensino da capital do Acre, Rio Branco, foi uma das primeiras parceiras do Instituto Ayrton Senna na implementação do programa Acelera Brasil, em 1997. O município de Cruzeiro do Sul se juntou à parceria em 2001 e permaneceu até 2008. A cidade tem batido as metas do Ideb dos anos iniciais do Ensino Fundamental, chegando a 5,5 em 2017.

Em 2010, no interior da Bahia, há famílias que ainda assistem televisão na venda. As crianças cozinham farinha e peixe para o almoço, pegam água no poço e dão banho nos irmãos antes de seguir para a escola, com os livros debaixo do braço. Encontram às vezes salas sem pintura, sem janela, úmidas porque não bate sol; ou divididas por prateleira no lugar de parede, onde as vozes dos professores se confundem. A aula também pode acontecer no pátio, diante de um diminuto quadro negro. Por todo o Nordeste, espaços escolares com excelente estrutura convivem com áreas de improviso. Mas a vontade de aprender é enorme. Na cartilha dos programas, os alunos escrevem rambotã, cupuaçu, cacau, pupunha no lugar do “vovô viu a uva” que muitos nunca viram.

O carro faz o percurso Alcobaça – Nova Viçosa, no litoral sul do estado, costa das baleias, margeada de restinga, brejo e várzea. Segue para a ilha de Barra Velha, onde dificilmente encontra-se uma criança que não saiba fazer “ratoeira” para pegar guaiamum. A ilha sobrevive da pesca de marisco e era uma frustração para a escola “segurar” os alunos em sala. Depois da merenda, eles escapavam para o mangue. A coordenadora do Circuito Campeão, Maria Fanticelli, destaca que o programa mudou a cara da única escola da ilha. O contato com os livros, o incentivo à leitura, a “acolhida” no início das aulas, com música e interação... As crianças perceberam que estudar podia ser tão divertido quanto ver saltar do lamaçal a garra cor de abóbora do caranguejo. Não há mais falta e todos fazem as lições de casa.

Em terra firme, nas escolas de Nova Viçosa, a taxa de 70% de alunos de 2º ano sem saber ler e escrever apavorava os docentes. Em dois anos, no entanto, a rede municipal conseguiu fazer o Ideb saltar de 2,7 para 4 (2009/2011)¹. A comunidade escolar credita a melhoria ao alinhamento de conteúdo do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e a um plano de ações exequíveis. Graças a isso, alunos como Leonardo da Conceição, dez anos, do Acelera Brasil, superaram o trauma de até cinco repetências, dando orgulho aos pais.

1 Fonte: Mec/Inep (QEdu.org.br)

“Ele não sabia de nada, nada. A professora reclamava demais. Todo dia era um bilhete pra mim. Hoje eu dou R\$10,00 pra ele comprar um café, um sabonete, e ele já sabe quanto tem que voltar. Eu estudei até na segunda, parei por causa dos filhos. E te falo a verdade porque diz que a mentira tem perna curta: não sei ler nem escrever. Sou péssima nisso aí, de fazer conta. Me sinto uma pessoa fracassada. Eu sei o que eu passo em casa de família. Por isso que eu falo pra ele, instudar tá em primeiro lugar”, comove-se a mãe Cleonice, 30 anos. Abraçado ao corpo robusto dela, Leonardo nada diz. Se o assunto é fracasso, encurva a cabeça diante da câmera. Quando Cleonice relata as conquistas, o olhar do menino, porém, é para a mãe, de satisfação; e para o alto, com um sorriso.

Belmonte, Eunápolis, Irecê, Porto Seguro, Prado e Santa Cruz de Cabrália foram as primeiras cidades da Bahia que aderiram à implementação do programa Acelera Brasil, a partir de 1997. Ao longo dos anos, diversos outros municípios baianos adotaram os programas de correção de fluxo. Licínio de Almeida iniciou a parceria com o Instituto em 2009, com um Ideb para os anos iniciais de 4,8. Em 2017, a cidade atingiu 6,8, ficando em segundo lugar no estado na evolução de aprendizagem. O Ideb dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública da Bahia saiu de 2,5, em 2005, para 4,7, em 2017.





O chão de terra seca e vermelha empoeira a paisagem. De Goiânia, a reportagem do Instituto parte, em 2004, para cidades adjacentes e o interior. A estrada corta as savanas, que perdem espaço para o milho, a soja, os bois e a extração de minério. Um dos municípios visitados é Cidade de Goiás, a duas horas de carro da capital, onde nasceu e viveu Cora Coralina. Às margens do rio Vermelho, não há mais lavadeiras com rodilhas de pano, trouxa de roupa e pedra de anil, como diz um poema de Cora. Goiás Velho, porém, fundada no ciclo do ouro e tombada como patrimônio mundial, ainda abriga analfabetos dentro da escola. Nas salas de aula do Se Liga, parecem ecoar os versos da doceira poetisa que cursou até a terceira série primária e escreveu o primeiro livro aos 67 anos. “Não te deixes destruir (...) Recomeça. Faz de tua vida mesquinha um poema.”

Na escola estadual *Menino Jesus*, em Trindade, a 26 quilômetros da capital, a sílaba *ca* é o tema do dia. “Essa CAsa é tão bonita, quem mora nela é a CABrita”, repetem os alunos. Junto com as letras, aprendem as primeiras regras de convivência, a se valorizar e a respeitar os outros, a tentar solucionar pequenos problemas. A professora do Se Liga, Vânia, vai contar uma história e avisa que quer os ouvidos abertos, o corpo quieto e os olhos viajando.

“Era uma vez, um menino que queria colocar uma carta no jornal para a sua avó, Luiza. Na carta, ele escreveu que existia um bicho dentro dele que não o deixava em paz: a saudade.”

Na escola estadual *Machado de Assis*, também em Trindade, a aula é do Acelera Brasil. São 13 horas e as torneiras secaram na cidade. Ninguém sabe o porquê. Um cartaz na parede fixa o combinado em sala de aula: o aluno tem o direito de ter um professor competente, expressar seu pensamento e errar enquanto constrói o seu conhecimento. Também tem o dever de respeitar o professor, saber ouvir os colegas e corrigir os próprios erros. As carteiras estão dispostas em grupos de quatro e a lição é sobre meio ambiente.

“O que vocês acham da figura desse urubu em cima do lixo, no meio de um lugar tão bonito? Vocês concordam com o título desta imagem, *Beleza Suja?*”, questiona a professora Elza.

“Eu concordo professora. A terra é bonita, mas o homem é que suja”, observa Adilson.

“E o que essa imagem passa pra vocês?”

“Eu moro perto do lixão, passa muito nojo professora”, responde Daniela.

“Pessoal, na legenda da foto aparece a palavra paraíso. “O que é o paraíso pra vocês?”

Reinaldo corta o silêncio: “Ah, não dá pra explicar professora, é

Um cartaz na parede fixa o combinado em sala de aula: o aluno tem o direito de ter um professor competente, expressar seu pensamento e errar enquanto constrói o seu conhecimento. Também tem o dever de respeitar o professor, saber ouvir os colegas e corrigir os próprios erros.

o mundo!”. “Paraíso é o lugar que me ilumina”, completa Vitor, com voz imperceptível.

Na sala pequena, de carteiras rabiscadas e malconservadas, estudam 16 alunos. Ao final da aula, Elza passa mais uma bateria de exercícios para fixar o que ensinou. No dia seguinte, os alunos irão aprender a fazer papel reciclado. E junto com a dinâmica virão as lições de matemática, cálculo e porcentagem.

Goiás foi um dos primeiros estados a adotar como política pública os programas do Instituto Ayrton Senna. Em 1999, a Secretaria Estadual de Educação de Goiás implementou o Acelera Brasil em escolas estaduais e municipais de 145 cidades. Tinha como desafio diminuir o desconfortável índice de cerca de 46% de crianças e jovens defasados nos estudos², e o caminho foi pontilhado de situações inusitadas que as equipes dos programas tiveram que lidar e vencer. A cabra que dormia com o aluno e comia as folhas de seu caderno. O pai que fazia cigarro com a página do livro de escola. A aluna que se tornara mãe aos doze anos, vítima de um estupro. A enorme quantidade de alunos que iam e ainda vão para a escola de “tua vazia” (sem se alimentar).



CRÉDITO: GLAUCIO SPINDOLA

Ao longo do trabalho com as crianças repentinas, constatou-se que elas não sabiam o básico: ler e escrever. Goiás adotou, então, em 2001, o programa Se Liga. No início de sua implementação, o diagnóstico da Secretaria de Educação indicava que 50% dos alunos da rede pública de Ensino Fundamental eram analfabetos. Em 2003, porém, 41% das crianças da 2ª a 4ª série continuavam sem saber ler e escrever.³ Era enxugar o chão com a torneira aberta. A metodologia de acompanhamento do programa Se Liga foi estendida a todas as turmas de 1ª série da rede estadual⁴ – onde as crianças eram promovidas sem estar alfabetizadas ou repetiam de ano.

² Em 2017, o índice de distorção tinha sido reduzido para 10% (rede municipal) e 7% (rede estadual).

³ Segundo a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA 2016), alunos do 3º ano do Ensino Fundamental de Goiás tiveram 56,91%, 75,91% e 72,87% de proficiência em leitura, escrita e matemática, respectivamente.

⁴ A municipalização (transferência de funções do governo federal e estadual para o município, no âmbito educacional) em Goiás intensificou-se a partir de 2006.

Posteriormente, Goiás adotou como política pública o programa Circuito Campeão, para garantir que os estudantes fossem promovidos de um ano para o outro com o conhecimento adequado. O depoimento da secretária estadual de educação de Goiás, Eliana Maria França Carneiro, em 2004, dava a dimensão dos desafios enfrentados pelas redes de ensino e dos muitos percursos percorridos pelas políticas públicas até serem implementadas:

“Em 1999, Goiás tinha problemas cruciais na educação: altas taxas de distorção idade-série e de repetência, além de contar com apenas 32% dos professores qualificados com nível superior. Eu caí de costas quan-

do constatei que a maior parte dos professores do 1º ano não tinham feito o Profa, o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, do MEC. Na época, eu era superintendente do Ensino Fundamental e uma das coisas que me preocupava muito era que tudo o que estava se debatendo em termos de avanço na educação não tinha chegado às escolas de Goiás. Não havia discussão nem informação.

O desafio era grande, era tudo grande demais. Procurei me informar sobre como outros estados estavam resolvendo as questões educacionais e aí conheci o trabalho do Instituto Ayrton Senna. Apresentamos todos os dados de Goiás para o Instituto e começamos a desenvolver uma parceria. Foi um aprendizado muito grande para todos. Houve uma grande transformação na mentalidade e na maneira de trabalhar dos professores. Tivemos que formar equipes enfrentando resistência dos professores, dos diretores, dos pais. Fazíamos reuniões com as escolas e com as famílias. Foi um corpo a corpo para formar e montar as primeiras turmas dos programas, capacitar os educadores, acompanhar as aulas.”

Eliana Maria França Carneiro, secretária estadual de Educação de Goiás de 2002 a 2006

Como resultado desse investimento no gerenciamento eficaz da aprendizagem, Goiás conseguiu modificar pontos considerados fundamentais para a elevação da qualidade da educação. O estado foi destaque entre os que mais avançaram nos índices de aprendizagem em todas as etapas do Ensino Básico, nos últimos dez anos. Em 2017, Goiás liderou o ranking do Ideb para o Ensino Médio entre as redes públicas estaduais.

MARANHÃO

Após a troca de aeronaves em São Luis, o avião aterrissa em Imperatriz, em 2010. Serão três dias na cidade – localizada a 630 km da capital, na divisa com Tocantins – para filmar a capacitação de diretores e coordenadores do programa Gestão Nota 10. Segunda cidade mais populosa do estado, Imperatriz permaneceu escondida até a construção da rodovia Belém-Brasília, nos anos 1950, e hoje é o maior entroncamento comercial, econômico e energético do estado. Há ruas e calçadas comerciais por toda parte, embora a região ainda guarde um ar bucólico às margens do rio Tocantins.

A dificuldade das equipes escolares em combater o analfabetismo é tema das formações. *“Hoje a escola tem 53 alunos analfabetos. Essas crianças estão com a gente desde a educação infantil. Há algo de errado e é claro que é nos anos iniciais. E eu me sinto sem recursos pedagógicos para lidar com isso, apesar de 23 anos de magistério”*, confessa Cristina Carvalho, diretora adjunta da escola municipal Paulo Freire.

Um dos caminhos é justamente focar no professor, pontua Marilene Queiroz de Almeida, 42 anos, então secretária municipal de Educação de Porto Franco: *“Temos alunos de diversas idades, do 1º ao 9º ano, que ainda não alcançaram a alfabetização. O professor precisa ser bem cuidado, precisa estudar, para ele refletir essa aprendizagem nas crianças. Percebemos que a formação inicial do professor e a continuada, onde ele se atualiza, é necessária. Como é que um professor que não consegue produzir um texto vai exigir que seu aluno produza um texto? A metodologia ainda é a de se depositar o conteúdo no aluno; essa é uma fragilidade de*

“O estudante vê no professor um espelho, uma pessoa que faz com que ele cresça”.

todo o sistema. Precisamos proporcionar um momento de estudo para o professor, para que ele possa crescer e esse crescimento se refletir na aprendizagem do aluno. Um complicador é fazer com que o aluno permaneça na escola. E entendemos que o professor precisa ser um atrativo. Quando isso acontece, a escola não precisa ser belíssima. O estudante vê no professor um espelho, uma pessoa que faz com que ele cresça”.

No século XIX, a luta por justiça e igualdade social levou os maranhenses à revolta conhecida como Balaiaida, que durou três anos e se estendeu ao Piauí. Um de seus líderes era artesão e fabricava cestos de palha chamados na região de balaio. Daí o nome Balaiaida. Dois séculos depois, a revolução que acontece no Maranhão é silenciosa, de degrau em degrau, com livros no lugar das armas. Há um repertório frequente de obstáculos na rede pública a vencer – frequência de professor, qualificação de educadores e diretores, garantia de transporte, merenda escolar e infraestrutura das escolas; gestão integrada, planejamento, alinhamento das equipes. Mas é muito o que celebrar.

“A escola está sendo reconhecida, procurada. No passado, as famílias não acreditavam nela. Isso porque se trabalha com metas para melhorar a qualidade do ensino, e assim há mais afinco, entusiasmo e parceria”, comemora Estela Diniz, superintendente da rede escolar de São José do Ribamar. Em 2010, 54 escolas maranhenses já contavam com um projeto político-pedagógico. *“Ele é o norteador de todas as ações, o mapa que a escola precisa para poder caminhar”*, pontua Rosângela Dias, diretora da unidade escolar Josué Montello, em São Luis.

A parceria entre o governo do Maranhão e o Instituto Ayrton Senna estendeu-se de 2010 a 2014 com o objetivo de implementar um modelo de acompanhamento das diretrizes curriculares nas escolas estaduais, por meio do programa Gestão Nota 10. Os programas Se Liga e Acelera Brasil também fizeram parte da política pública de correção de fluxo da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão e foram adotados, de 2012 a 2014, por cerca de 80 redes municipais em regime de colaboração com o governo maranhense.



CRÉDITO: BRUNO KELLY

Ao longo dos anos, a reportagem faz repetidas viagens aos estados nordestinos. Na Paraíba, visita escolas de João Pessoa, Cabedelo, Santa Rita, Sapé, Itabaiana, Guarabira, Itaporanga, Areia, Cubati, Cuité e Campina Grande.

Patrimônio imaterial dos paraibanos, as irmãs cegas campinenses trinam cocos de embolada com seus ganzás em feiras e portas de igreja em troca de esmolas. Trazem nos versos doidos a herança do Nordeste. Analfabetas, filhas de camponeses sem terra, alugadas pelo pai alcóolatra quando pequenas para trabalharem na lavoura. “A pessoa é para o que nasce”, sentenciam Indaiá, Maroca e Pororoca, nascidas cegas entre os anos 1940 e 1950, no Agreste da Borborema. As cantoras viraram filme, verbete de dicionário de música popular, e com a fama sustentaram pelo menos quatorze parentes; Maroca faleceria quase uma década depois dessa viagem, em 2017.

Nascer para preencher o próprio destino parece ser a crença de muitos paraibanos. Quando os programas de correção de fluxo aportam às escolas, todavia, conseguem dar vida a um sentido menos fatalista. O “tinha de ser” podia ser reescrito, transformado. A começar por problemas que tinham de ser, de falta de estrutura, falta de recursos. Em Sapé, na zona da mata, a coordenadora de correção de fluxo Rosilda Gomes de Araújo conta que comprou um notebook em doze prestações para poder digitalizar os dados de desempenho e enviá-los pela internet ao Instituto. Também adquiriu dois celulares e paga as ligações de trabalho do próprio bolso. Na Secretaria de Educação de Sapé, não há computadores disponíveis nem aparelho de telefone. Quando o Instituto precisa falar com alguém de lá, precisa ligar para o orelhão da rua. Nas formações

Nascer para preencher o próprio destino parece ser a crença de muitos paraibanos. Quando os programas de correção de fluxo aportam às escolas, todavia, conseguem dar vida a um sentido menos fatalista. O “tinha de ser” podia ser reescrito, transformado.



Rosilda Gomes de Araújo

CRÉDITO: MARCUS ANTONIO

promovidas pelo Instituto, Rosilda e os demais veem a chance de tirarem de si e das crianças o melhor, aliarem conhecimento, habilidade e competência.⁵

O carro da reportagem percorre o semiárido paraibano. O céu está nublado, mas tudo em volta é estiagem, abafamento e em tons de cinza, das escarpas aos troncos retorcidos de caatinga e cactos. A dormida é em Cuité, em casa de morador transformada em pensão. Pela manhã, chega-se à Cubati, no Seridó paraibano, quase na fronteira com o Rio Grande do Norte. As primeiras ocupações em Cubati, no início do século XX, teriam sido nas propriedades de um escravo alforriado. O pequeno município de seis mil eleitores tem uma enorme área aberta de despejo de lixo. Lucas Rodrigues, 13 anos, mora com a família em uma casa de taipa e cortinas de pano branco, ao lado do lixão, onde precisa espantar as moscas para entrar. Foi no Acelera Brasil que o menino repetente descobriu o significado de projetar – agora ele pensa em ser ator – e perdeu o medo que sentia de professor. “Eu gosto da minha professora porque ela destrói o mal com o bem. Ela sabe falar bem direitinho com nós. Não é daquelas que vai logo com ignorância pra cima do aluno”.

⁵ E isso aconteceu porque a distorção idade-série dos anos iniciais do Ensino Fundamental de Sapé caiu de 54%, em 2007, para 25%, em 2008.

Muitos estudantes descrevem-se como briguentos, preguiçosos, antes dos programas; riscavam carteiras, paredes; rasgavam folha de caderno, falavam alto, andavam descalços e corriam na sala. A mudança no perfil da turma começou com a do professor.

“Depois das aulas, meus alunos ficam até duas horas na escola esperando o ônibus. Ele deixa as crianças na pista e elas ainda têm que caminhar a pé até em casa. Mas ninguém falta. O pouco que consegui foi muito pra mim. Tinha um menino na sala que escrevia de trás pra frente, tinham duas alunas com problema de vista e o Aaron com problema de dicção. Eles ficavam encostados na escola. Eu tento desenvolver o ser de cada um, ajudar nas dificuldades, inculcar o gosto pela leitura. Digo a eles: vocês têm que gostar de vocês, essa é a primeira coisa. Com 28 anos de magistério, estava

meio adormecida, me sentia velha, desestimulada. Quando o Se Liga apareceu, ah minha filha....acendeu uma luz que vai longe. Eu nem sabia que era capaz. Hoje tenho incentivo, fico até as duas da manhã preparando aula e gosto que alguém veja e avalie”, afirma Maria de Lourdes Conrado, 56 anos, professora do Se Liga em João Pessoa.

A parceria do Instituto Ayrton Senna com a Paraíba iniciou-se em 2001, em alguns municípios, com a implantação dos programas Se Liga e Acelera Brasil. Em 2004, estendeu-se para a rede estadual. Em 2006, foi diagnosticada a necessidade da implantação do Circuito Campeão, pois o ensino regular continuava a produzir crianças com distorção idade-série. A parceria terminou em 2011, abrangendo 186 prefeituras. A taxa de distorção idade-série no Ensino Fundamental chegava a 65% antes do início da parceria, em 2003. Em 2012, esse índice caiu para 29%.

PERNAMBUCO

CRÉDITO: ROBERTA GUIMARÃES



A equipe de reportagem do Instituto está há quinze dias nas estradas pernambucanas. A viagem tem início em Petrolina, na ponta oeste do estado, e segue pelo sertão, que a cada trecho ganha um nome diferente: São Francisco, Pajeú, Araripe. Atravessa o agreste até a capital, Recife. Na divisa com a Bahia, há alunos baianos que todos os dias cruzam de barco o rio São Francisco só para estudar no estado vizinho, Pernambuco, em escolas onde funcionam os programas do Instituto. Na contraluz do crepúsculo, às margens do “Velho Chico”, as crianças divertem-se dando banho em cavalo manso.

Em Serra Talhada, cidade natal do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, há um museu que conta a saga lampiônica na região. Entre os itens em exposição, está a impressionante fotografia em preto e branco dos corpos de Lampião, da mulher, Maria Bonita, e do seu bando, ao lado das cabeças decepadas, nas escadarias de uma igreja. Os tempos de

Como pequenas juremas-pretas, crianças que haviam se acostumado com o analfabetismo e a repetência parecem estar dando flor. A escola preenche suas vidas como chuva em terra gretada.

selvageria ficaram para trás no sertão pernambucano, que hoje conta com internet, restaurantes, casas com TV de plasma ou LED, projetos sustentáveis e alternativas para a seca. A escola pública, no entanto, em muitas localidades ainda se resume a salas toscas, giz, lousa e decoreba.

Em 2006, o estado registrava 5,7% de analfabetos entre dez e 14 anos; metade dos alunos matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental com distorção idade-série; e 24% eram reprovados no 3º ano.⁶ A maior parte deles estava no sertão.

O ano todo a jurema-preta, de galhos secos e espinhos que lembram unha de gato, cobre com uma mancha escura o sertão de Pernambuco. Uma única vez, durante as chuvas de inverno, a árvore floresce. De seus ramos brotam espigas de penugem branca e cheiro agridoce. Como pequenas juremas-pretas, crianças que haviam se acostumado com o analfabetismo e a repetência parecem estar dando flor. A escola preenche suas vidas como chuva em terra gretada. Apesar de contar com poucos atrativos, a sala de aula é como um campo ensolarado, onde colhe-se, entre livros, gomos de fantasia.

Com a chegada dos programas do Instituto, muita coisa no cenário escolar surpreende. Há casos de alunos que estudaram na mesma série por sete anos consecutivos! São crianças “enganchadas” na escola, como se diz no Nordeste. E invisíveis para a direção escolar.

“Eu repeti cinco vezes o 1º ano. Na primeira e na segunda vez, fui reprovado nas provas. Nas outras, fui reprovado por falta. Não tenho pai e precisava trabalhar. Não gostava da escola e não aprendia nada. Cada vez que repetia, mainha falava: Ôxente, Claudeilson, na mesma série de novo! Me sentia envergonhado”, confessa Claudeilson da Silva, 12 anos, de Afogados da Ingazeira.

Na região da Zona da Mata, boa parte das famílias com filhos na escola pública sobrevive do cultivo de cana-de-açúcar para as usinas. E de cada duas crianças entrevistadas pela equipe do Instituto, uma quase sempre é filha de analfabetos. Até 2003, a média de aprovação nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede estadual de Pernambuco

6 Dados MEC/Inep 2006 | PNAD 2006

ficava sempre abaixo de 70%.⁷ Naquele ano e no seguinte, 166 municípios adotaram como política pública os programas de alfabetização e de correção de fluxo do Instituto Ayrton Senna.

“Mais da metade das crianças do 2º ano não compreendiam o que liam, não ligavam grafia a fonemas nem figuras a texto. Era alarmante. Outro dado preocupante é que não havia consciência do tamanho do problema entre professor, diretor, secretário municipal e gestores. Em função disso, começou a crescer assustadoramente a distorção idade-série. Era um quadro educacional lastimável, que se perpetuou através de décadas de um processo pedagógico descomprometido e equivocado”, analisou a então coordenadora de correção de fluxo da Secretaria de Educação do estado, a pedagoga Edenize Galindo.

No 1º Encontro Anual de Coordenadores do Programa Se Liga Pernambuco, realizado em agosto de 2003, em Recife, uma das dinâmicas era colar na parede cartolinas coloridas com a descrição da evolução, das dificuldades e das soluções encontradas em sala de aula. Os avanços eram muitos: elevação da autoestima de alunos e professores, perseverança e dedicação do professor, assiduidade da turma, o brilho no olhar do aluno que aprendia. Os problemas também eram muitos: a indisciplina da classe; a falta de lápis, tesoura, papel borracha; a tarefa de casa por fazer; a seca, a desestrutura familiar, o trabalho infantil, a pobreza...

Falar de educação no Brasil era ir muito além das questões pedagógicas, gerenciais e administrativas. As histórias de vida de alunos e professores compunham um amargo retrato social do país. Atravessando a pálida paisagem do agreste e do sertão pernambucanos, de galhos secos de algaroba, sem sopro de vento, a reportagem encontrava pelo caminho crianças e adultos acostumados à procissão de dias que parecia que nunca iam mudar, a uma escola que parecia que nunca ia melhorar.

Na semana seguinte ao encontro de coordenadores em Recife, foi a vez dos 227 supervisores dos programas discutirem as

⁷ Em 2017, a taxa de aprovação foi de 89,8% (MEC/Inep).

problemáticas do ensino. Reunidos na sede da diretoria regional de educação do Agreste Meridional, em Garanhuns, queixavam-se da resistência de alguns professores a qualquer inovação na metodologia de ensino. Era necessário, diziam os formadores, levá-los a reavaliar sua atuação em sala de aula: ora, se estava dando certo até agora, por que então tantas crianças ainda estavam sem ler e escrever?

“O Se Liga trouxe uma nova cultura de alfabetização no estado. O melhor interlocutor para a adesão das prefeituras, além do trabalho da Secretaria Estadual, foram os depoimentos positivos dos municípios que já fazem parte do programa. Os secretários se falam, os prefeitos se falam... O clima de motivação e autoestima prosperou dentro do estado! O que mais mudou em Pernambuco, desde a implantação do Se Liga e do Acelera Brasil, foram as formas de ver e sentir a educação. Mais do que a metodologia, os programas mexeram no coração da gente, na maneira de tratar o aluno. Essa cadeia produtiva do desenvolvimento humano foi traçada a partir de uma nova ótica, redefinindo um novo compromisso com a educação, com foco e vontade política.”

Mozart Ramos Neves, secretário estadual de Educação de Pernambuco, de 2003 a 2006.

Pernambuco iniciou a parceria com o Instituto Ayrton Senna em 2003 e os primeiros programas a serem implantados foram o Se Liga e o Acelera Brasil. Em seguida, vieram o Circuito Campeão e o Gestão Nota 10, cuja implementação abrangeu todos os 184 municípios pernambucanos, dentro do regime de colaboração entre Estado e municípios.

Ao longo da parceria, o Instituto Ayrton Senna ofereceu, com o Gestão Nota 10, um conjunto de ferramentas que se tornou protocolo de gestão para todo o trabalho da Secretaria de Educação. Ele garantiu autonomia ao sistema de ensino pernambucano, que adaptou o modelo de acompanhamento de indicadores para um sistema próprio.

Pernambuco vem se destacando nas avaliações nacionais e em indicadores como a menor taxa de abandono escolar e a maior taxa de aprovação no Ensino Médio do país.

"Atenção passageiros, preparar para pousar. O tempo em Teresina é bom; temperatura de 37 graus". Do alto, avistam-se vias largas e planejadas entre os rios Poti e Parnaíba, que se encontram ao norte e seguem juntos para o mar. Lá embaixo a sensação térmica é de 50 graus, mesmo à sombra dos oitizeiros, de cadeira na calçada. Teresina nasceu habitada por pescadores, canoieiros, plantadores de fumo e de mandioca, em um estado que foi desbravado pela pecuária e antes, bem antes dela, terra de pelo menos dez tribos indígenas. Durante uma semana, a equipe de comunicação filma na capital as capacitações de professores, supervisores e gestores de escolas públicas para os programas Se Liga, Acelera Brasil, Circuito Campeão e Gestão Nota 10. Os relatos são intensos e trazem um contexto de dificuldades enfrentado pelas escolas.

O piauiense é um forte. Os educadores sabem que os desafios não podem ficar para amanhã. *"Você tem que correr atrás das soluções hoje, é urgente, não dá para esperar o fim do ano"*, ressalta a supervisora Maria Eliane dos Santos. Sua escola, a *Lisandro Tito de Oliveira*, conseguiria ao longo do ano de 2011 melhorar o índice de desempenho dos alunos — apesar de não contar com espaços de lazer e de leitura e estar localizada em um bairro violento, onde as famílias sobrevivem da coleta do aterro sanitário. *"Tem meninos agora querendo devorar livros. As professoras já estão diversificando os gêneros; agora é ficção, agora é conto de fadas, e cada vez eles lendo, lendo, lendo"*, exulta Maria Eliane.

As formações dos profissionais nos primeiros meses do ano são o marco zero dos programas dentro das redes de ensino. Por isso mesmo, servem como diagnóstico dos problemas, que são muitos e de toda ordem.

O maior desapontamento da professora de Palmeirais, Nildeane Almeida Rodrigues, 27 anos, é não conseguir alfabetizar os alunos. *"Tenho especialização em gestão ambiental e curso superior de geografia. Dou aula para uma turma de 3º ano e há alunos repetentes na sala que ainda não estão alfabetizados. Vejo que a minha forma de trabalhar não está dando certo"*. José Manoel Assunção Filho, coordenador pedagógico da escola *Angélica Ribeiro Borges*, faz coro. *"Cerca de 60%*

dos alunos do Ensino Fundamental são semianalfabetos. Mais do que uma fragilidade, isso é um alarme".

Também ronda as capacitações o desânimo profissional. *"A gente vê que os nossos alunos estão sendo aprovados, mas a gente não vê eles aprendendo. A maior fragilidade da nossa rede é a falta de motivação dos professores em relação ao desafio de ensinar. Eu queria que todos sentissem a paixão que eu sinto de transformar, de mudar. Porque o meu papel é esse, de educadora. Eu quero fazer a diferença. Queria que todo mundo tivesse essa mesma vontade"*, diz Jaqueline Ribeiro, 36 anos, coordenadora do ensino infantil e de gestão de Palmeirais.

De pouco em pouco, no entanto, os resultados começariam a aparecer. *"Se alguém me dissesse que eu não podia mais estudar, ia achar ridículo. Já sei fazer conta, ler, escrever melhor e assim sucessivamente"*, afirma cheia de si a teresinense Iara Vieira, oito anos. Em uma escola de Piripiri, Ana Beatriz da Silva, sete anos, comemora e faz planos. *"Aqui não falta nada de nada. Aprendi a ler e contei para meus pais, minha avó, minha tia, meu tio e minha madrinha. Se eu não estudar, quando crescer não vou poder ser cantora e assinar contrato para cantar nas cidades"*.

Ao final do ano, o feedback dos educadores também seria outro. *"As aulas têm uma rotina e dinâmica especiais. Quando a gente segue todos os passos, dificilmente dá errado. É um progresso fora do comum"*, relata Maria Amélia Araújo Silva, supervisora do Circuito Campeão em Piripiri.

A relação entre o Piauí e o Instituto Ayrton Senna começou em 2001, quando as redes municipais de Piripiri e Teresina adotaram os programas Se Liga e Acelera Brasil. Mas foi em 2008 que o estado decidiu implantar como política pública os programas de gestão Circuito Campeão e Gestão Nota 10, envolvendo 144 municípios. Essa parceria se estendeu até 2013. Em dez anos, o Piauí avançou no Ideb dos anos iniciais do Ensino Fundamental: de 3,3 em 2007 foi para 5, em 2017. Teresina vem se destacando por sua educação de qualidade, tendo obtido o melhor Ideb do Ensino Fundamental em 2017, entre as 27 capitais brasileiras.

SERGIPE

CRÉDITO: DIÓGENES MENEZES



O Baixo São Francisco deságua no oceano entre Sergipe e Alagoas, abre-se em leque em um cenário de praia deserta e dunas e o encontro escuma o céu de branco. O assoreamento e as hidrelétricas fizeram o rio minguar e o espetáculo já não tem a mesma opulência. Mas ainda encanta os turistas nos barcos.

Histórias tristes não deveriam caber em paisagens bonitas. De uma cidade a outra, de escola em escola – em Estância, Tobias Barreto, Itabaiana, Lagarto, Monte Alegre, Nossa Senhora do Socorro, Capela, Barra do Coqueiro, Japarutuba –, há entrevistados que nunca viram o mar ou a foz do São Francisco. Imersos em realidades que “às vezes não têm porta da frente nem dos fundos; e quando têm, raramente conduzem ao paraíso”. Assim o escritor americano Nathaniel Hawthorne descreve em *A Letra Escarlate* o fardo dos personagens. Em uma escola

do sertão sergipano, em 2009, as torneiras são abertas somente três vezes ao dia, por quinze minutos, para economizar água.

Com a correção de fluxo, o novo material didático e uma disposição renovada, alunos, educadores e gestores driblam os revezes e veem o esforço recompensado. “Agora que eu sei ler, sei falar alguma coisa, escrever alguma coisa, parece que tem um caminho me iluminando. Não tem mais aquela escuridão. Tudo o que eu vejo, que eu penso, que eu imagino, dá certo,” conta à reportagem Alana Ferreira dos Santos, 11 anos, na cozinha de sua casa, em Tobias Barreto, enquanto frita um ovo e prepara-se para ir à aula do Se Liga.

Em Aracaju, Bruna Carla, 13 anos, com dois anos de atraso corrigidos no Acelera, agora quer ser professora e já tem preparado o discurso para os futuros alunos: “Eu vou dizer que essa cadeira que eles estão sentados, eu já sentei nela também e não fui tratada como lixo não. Eu quero que as crianças, que a mãe não tem dinheiro pra comprar uma farda pra escola, não se revoltam, que vão à escola, façam isso por elas mesmas pra ter um futuro”.

Rotulados de rebeldes e incapazes, os alunos do Acelera Brasil da Escola *Edite Oliveira*, na grande Aracaju, agora vestem coletes coloridos, apartam brigas e visitam as salas para conversar com as turmas. “A gente diz que não é bom fazer xixi fora do vaso, quebrar as pias do banheiro, riscar o piso, e pede pra todo mundo catar as coisas do chão”, descreve Romário Aquino dos Santos, 12 anos, autor da ideia.

Os programas foram adotados em Sergipe em 2005, em 72% das prefeituras. Sergipe avançou no resultado do Ideb dos anos iniciais (saiu de 2,8 em 2005 para 4,3 em 2017).

TOCANTINS

A equipe acaba de aterrissar em Palmas, capital do Tocantins e primeira parada da viagem, em 2005. De lá, atravessa de carro a ponte do rio Tocantins até Porto Nacional, polo regional da capital. Depois de alguns dias, segue de avião para Araguaína, 385 km mais ao norte. O estado é banhado pela bacia hidrográfica Tocantins –Araguaia. No período de chuvas, pode-se topar com caramujos por gramados, muro de casa, quintal, tronco de árvore. O forasteiro acha exótico. Os moluscos, no entanto, tornaram-se uma praga para os moradores, proliferam-se rápido e comem qualquer tipo de planta. Nas estradas ribeiras, os índios Karajás vendem cerâmicas, cestarias, adornos. Em seu mito de origem, o povo do fundo das águas restritas e frias teria descoberto uma passagem para a superfície, subindo à terra firme e fascinando-se com o que vira. Os índios encontraram dificuldades, tentaram voltar, mas o caminho por baixo do rio estava fechado. Era para frente que deveriam andar.

Mesmo sem conhecer a lenda indígena, as crianças tocaninenses defasadas na escola seguem a “passagem” para um mundo novo e não pensam em “submergir”. Romário Moreira, que se criou no sertão de Morro dos Bodes – “vi um livro pela primeira vez, rapaz, acho que foi de 11 pra 12 anos; é parece que foi” – agora lê “um bocado” no Se Liga e sente-se importante. Marcus Ferreira da Silva, 13 anos, de Porto Nacional, do Acelera Brasil, quer estudar para ser médico. “Comecei a estudar com

A melhor coisa que tem é aprender uma coisa
que a gente não sabe. Antes eu queria que
o ano passasse logo, era muito infeliz.
Hoje eu não penso mais que vou reprovar,
que não vou fazer direito.
A gente tem que dizer: eu vou conseguir,
eu vou tentar, e indo sempre pra frente.

nove anos e ainda repeti de ano. Não quero ficar na roça, Ave Maria, no cabo da enxada...”, diz.

A margem do rio tem muitas surpresas. Josiane Soares, 11 anos, dos programas de Araguaína, conta que deixou para trás um passado de duas repetências e coças do pai sempre que mostrava o boletim. “A melhor coisa que tem é aprender uma coisa que a gente não sabe. Antes eu queria que o ano passasse logo, era muito infeliz. Hoje eu não penso mais que vou reprovar, que não vou fazer direito. A gente tem que dizer: eu vou conseguir, eu vou tentar, e indo sempre pra frente”, afirma, os olhos apertados.

Relatos como estes envolvem os educadores em um corpo a corpo para que os estudantes compareçam às aulas e permaneçam na escola. Da professora que leva bananas, mala e panela para ensinar aos alunos as famílias silábicas ao diretor que consegue terceirizar o transporte escolar para aumentar a frequência da turma. Localizada na zona rural do município de Lajeado, sua escola registrava 30% de faltas nas turmas do Se Liga a cada dois dias que o ônibus municipal quebrava.

“Os programas têm o compromisso de tirar o aluno daquele comodismo, os que só copiam passam a produzir. É maravilhoso ver aquele que ficou três anos no cantinho da sala escondido dizer: não, eu tenho valor! Os pais falam: olha, eu já vi diferença no meu filho. A diferença é dentro e fora da escola, é social. Eles me contam: tia, já estou lendo no supermercado; tia, olha o que escrevi.”, descreve Ionete Rodrigues de Souza, 34 anos, supervisora e coordenadora dos programas em Araguaína.

A parceria com o governo de Tocantins teve início em 2004, mas desde 2001 os municípios de Araguaína e Palmas adotavam os programas Se Liga e Acelera Brasil. Em 2009, o estado também incluiu o programa Circuito Campeão nas escolas públicas. A parceria terminou em 2011, sendo retomada em 2017 e 2018. O Ideb dos anos iniciais do Ensino Fundamental saiu de 3,5, em 2005, para 4,8, em 2011; em 2017 atingiu 5,1.





OS ALUNOS

CRÉDITO: ROBERTA GUIMARÃES

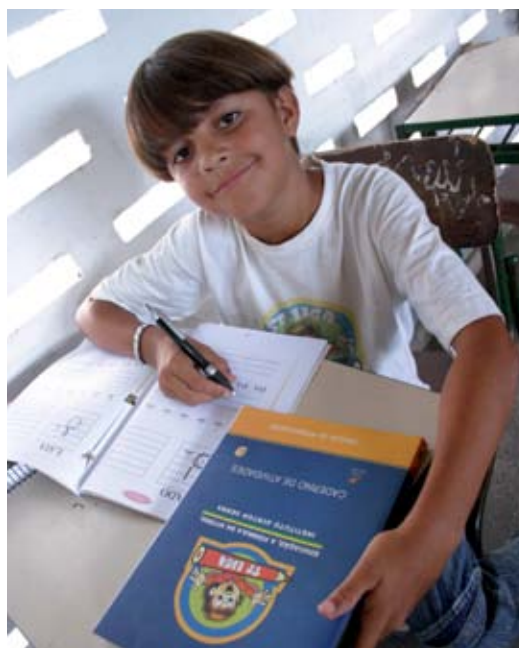
Centenas de crianças e jovens foram entrevistados para as reportagens e vídeos sobre os programas do Instituto Ayrton Senna. Falar não era fácil para eles. A dificuldade em se expressar e se socializar, e que impactava no aprendizado, era justamente um dos motivos que os levava aos projetos educacionais. Quando aquiesciam e arriscavam desnudar-se, contavam seus dramas ou o recontavam do jeito que gostariam de ser vistos. Completavam-se no que diziam. Um discurso que só nascia porque havia uma câmera ligada e um outro que os ouvia, desconhecido e que talvez não reveriam.

As meninas e os meninos entrevistados pelo Instituto eram analfabetos na pré-adolescência ou encontravam-se entre os 10% e 35% dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental multirrepetentes, “escanteados” no fundo da sala. O alto índice de defasagem idade-série na rede pública escolar podia ser traduzido dentro do sistema de ensino pela imagem de uma pirâmide. A comparação não é nova entre os educadores, mas ainda é válida. Em 1996, havia 6 milhões de alunos no início do Ensino Fundamental e, oito anos depois, apenas 2 milhões completavam as etapas escolares. Perdia-se 2/3 dos alunos do país nesse processo. Hoje, na base, estão 2.264.699 de crianças que ingressam anualmente na escola no 1º ano do Ensino Fundamental (a redução deve-se à transição demográfica, menos crianças nascem). Apenas 63,6% dos que têm 19 anos, no entanto, concluem o Ensino Médio e estão no topo da pirâmide.¹

Os alunos dos programas de correção de fluxo estavam na base, eram os que tinham ficado para trás. Manejando lápis e livros esforçavam-se além dos limites para, quem sabe um dia, mostrar que o serrado, o sertão, a floresta, a comunidade analfabeta de onde vinham podiam ter outra sorte em suas mãos.

Para escapar do bairro violento onde morava, em João Pessoa (PB), Felipe, 12 anos, fugiu de casa. Junto com um amigo, foi até a rodoviária

da cidade e escondeu-se dentro de um ônibus que ia para Natal (RN). Sem avisar a família, sem voltar o olhar. A fuga foi descoberta pelo Conselho Tutelar e a dupla teve que retornar para a Paraíba. Felipe explicou que “preferia se jogar no mundo do que viver todos os dias com medo de morrer de bala perdida”.



Ronaldo Lima Santos



escola e dava banho no irmão menor, desviando dos pedaços de abóbora apodrecida no chão. Não havia o que comer na casa naquele dia. A primeira refeição de Ronaldo seria a merenda escolar. “Eu tava na 1ª série com nove anos. Não sabia ler, escrever, não sabia nada. O mais bronco da sala era eu. Eu ficava com raiva e dizia: amanhã eu não venho. Eu reprovô, reprovô, mas eu não venho. Ai faltava, faltava, faltava. E repetia de ano. Chegou mais outro ano; eu faltava, faltava. E repetia de ano. Ai me botaram pra aprender neste projeto Se Liga. Eu fui juntando as letras, foram saindo as palavras de minha boca... Ai eu disse: foi um milagre, foi um milagre”, contou o menino.

¹ Fontes: Instituto Ayrton Senna e IBGE / Phad 2018 / Todos Pela Educação 2019



NA BEIRA DO CAMINHO TINHA UMA ESCOLA, TINHA UMA ESCOLA NA BEIRA DO CAMINHO

WELLISON E CLEONILSON BATISTA DOS SANTOS – BARRA DOS COQUEIROS/SE

São 5h30. Wellison Batista dos Santos, dez anos, dobra-se na rede e olha os pés miúdos que nunca na vida calçaram sapato. Só chinelo de dedo, desde que nasceu. Estão inflamados novamente, e inchados. Não faz dois dias que Wellison pegou a agulha de costura da mãe e espetou a pele dos pés, coberta por bolinhas de pus. Bicho-de-pé. A cabana na beira da praia do Jatobá, em Barra dos Coqueiros, Sergipe, onde mora com os pais, dois irmãos e o avô, está infestada deles. Do tamanho de uma pulga, a fêmea, quando fecundada, hospeda-se na pele do porco ou do homem, onde deposita os ovos. Toda a família convive com o bicho porque o chão da cabana é de areia. O preferido desta fauna microscópica parece ser Wellisson.

– Boto pra fora tudinho num dia e no outro tem mais um bocado – diz, desanimado.

Com os pés doendo, apoiados ao chão pela beira das solas, Welisson veste-se rápido, come um beiju e segue viagem junto ao irmão, Cleonilson, 11 anos. Caminham por três quilômetros de praia. Cantam, brincam de pega-pega, de lobisomem, correm, caem, cansam. Ao meio dia, voltam pelo mesmo caminho de areia, mar e capim. Mas com o sol esquentando, a barriga vazia, a tontura, a sede, o trajeto parece interminável. Sem contar os riscos, que Welisson jura não serem histórias de pescador.

– *Um dia vi uma cobra maior do que gente. Tava estirada no capim. Peguei uma tora de pau e dei nela. A bicha deu um bote, eu bati mais. Ela ficou se enrolando no chão e esbagacei a cabeça dela* – conta.

Diariamente, os pequenos sergipanos encaram aventuras como essa para estudar no programa de alfabetização Se Liga. Depois da caminhada na praia, tomam o ônibus da prefeitura que os leva ao povoado de São Sebastião, onde funciona a escolinha do programa. Quando faz sol. Se chove, o caminho enche de lama e o ônibus não dá as caras. Os moleques voltam para casa amuados.

– *Era bom ter aula direto, até no feriado, pra nós não ficar em casa limpando camarão com o pai* – comenta Cleonilson. Os meninos chegam na

escola com as pernas bambas, mas prontos para enfrentar um desafio ainda maior que o de pescador: aprender a ler e a escrever. Welisson cursou três vezes o 1º ano.

– *A professora dizia bem assim: olha Wellison, você não sabe porque não quer; eu tô ensinando. E eu perguntava: professora, como vou saber alguma coisa se não sei de nada?*

Com Cleonilson foi igual. Repetiu uma vez o 1º ano e uma vez o 2º.

– *la fazer o quê? Chorava. Eu não lia; só fazia cópia, cópia. Quando disse à mainha que aprendi a ler no Se Liga, ela falou: Graças a deus, não quero um filho burro.*

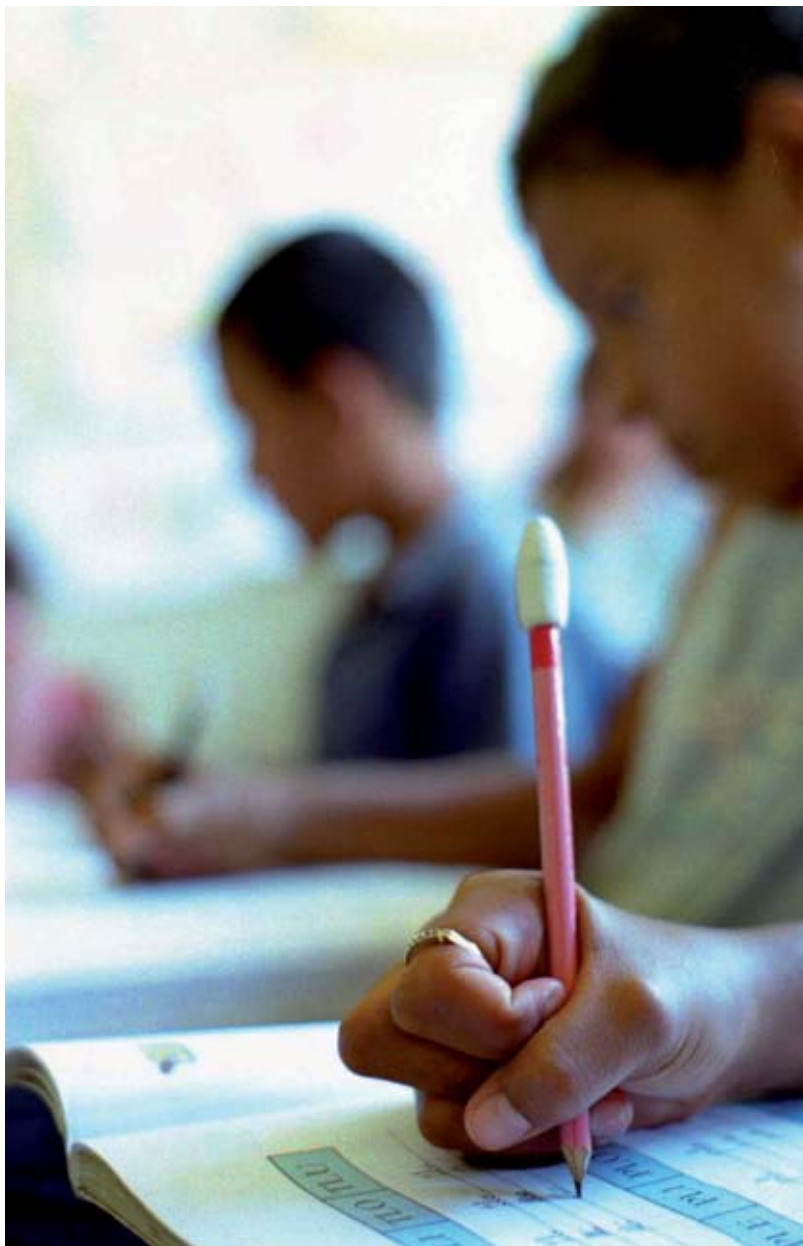
Cleonilson e Welisson hoje vão e voltam pela praia acreditando que sonhos se realizam. Um quer ser médico, o outro, juiz.

– *Estudar é bom. Tem um menino lá perto de casa que não estuda, não aprende nada* – diz Cleonilson.

– *É, e ele tem inveja de nós* – arremata Welisson.

DESCOBRIR A IMPORTÂNCIA QUE A GENTE TEM QUANDO COMEÇA A PENSAR

TAÍNE CONCEIÇÃO DA SILVA – ITABAIANA/PB



CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA

Um ar fresco de primavera balança as folhas do pé de jambo que sombreia a Escola João Fagundes de Oliveira, em Itabaiana, a uma hora de João Pessoa (PB). Taíne Conceição da Silva, 12 anos, fala despojadamente, em tom de conversa desabrida, atrevida e larga. “Eu não sabia que eu sabia ler. Um dia, sem querer, saiu: A casa é bonita. Eu ouvi minha voz, senti assim uma emoção.... de dar orgulho a minha vó, que me criou. Quando eu leio, eu sinto que os personagens vivem de verdade. Sei lá, eles viram meus amigos. Chapeuzinho Vermelho, Chapeuzinho Amarelo, Se Essa Rua Fosse Minha, Flics, Quem Lê Com Pressa Tropeça...eu já li todos esses livros”, conta Taíne.

Foi a professora de Taíne, Alcione, quem percebeu o brilho no olhar da menina cada vez que ela terminava uma leitura e pedia: professora, me dê mais este livro. Alcione, em resposta, encheu a aluna de livros. Taíne repetiu três vezes o 2º ano. “Eu repetia e pensava: será que eu vou me aposentar na série que eu tô?”. Cursava o 4º ano quando foi transferida no início de 2005 para o Programa Acelera Brasil. No meio do ano, já tinha lido todos os livros do cantinho da leitura, decorado com almofadas, balaio, esteiras e brinquedos. Foi procurar mais títulos em outras salas da escola. Esgotou todos. Agora frequenta a biblioteca de Itabaiana.

“Pra mim, estudar não era nada. Entendeu? Através dos livros, eu descobri a importância que a gente tem quando começa a pensar. Quando morrer, o estudo não fica pra ninguém não, não passa de mão em mão feito um papel. Ele serve só pra gente aproveitar a nossa vida mesmo”, diz, entre contidos sorrisos, que de vez em vez viram um riso solto e longo. Antes a menina apresentava uma leitura silabada, uma redação descoordenada. Agora, até história em quadrinho escreve. Revela orgulhosa que fez o personagem Cascão, da Turma da Mônica, tomar seu primeiro e histórico banho. “No último capítulo, o Cascão diz: nossa, nunca senti uma sensação tão fresca”, diverte-se. Taíne foi criada pela avó; a mãe a abandonou e o pai está preso, acusado de estupro. Na escola descobriu o colorido dos livros e da imaginação. “Eu tava fora da linha e agora estou na estrada de novo”.

A VIDA COMO ELA É

MARCIANO OLIVEIRA NASCIMENTO
– RIO FORMOSO/PE

Ao contrário dos colegas, para tudo Marciano Oliveira Nascimento, dez anos, tem resposta. Na sala de aula do Se Liga, em Rio Formoso (PE), a fala é ligeira e o rosto, sorridente. O jeito é de homem que sabe das coisas. *“Quando meus colegas pedem pra ensinar, eu ensino bem, com carinho. Mas tem que prestar atenção, porque eu ensinar aqui e o cabra ficar olhando pra outro canto não dá certo não”,* avisa Marciano, que esconde uma bolinha de naftalina no bolso do short para ficar cheiroso.

Antes de ir para a escola, lava os pratos, cozinha arroz com macarrão e varre o chão da casa, onde mora com a mãe, o padrasto e quatro irmãos. Toda a família é semianalfabeta. Rosa Lúcia dos Santos, 33 anos, a mãe, cursou só o 1º ano. Aos 14 anos, fugiu de casa porque engravidou. Há pouco tempo, ela voltou a frequentar a escola durante a noite. Não durou um mês. *“Tinha que acordar cedo pra dar café pro marido e pros filhos”,* justifica. Rinaldo, o padrasto, trabalha na lavoura de cana e estudou só até o 4º ano. *“Nunca me interessei muito nos estudos”,* diz. O filho mais velho, Edvaldo, 17 anos, também largou a escola bem no começo. *“Ele desistia no meio do ano e eu não me importava”,* confessa Rosa. Os outros três irmãos de Marciano “pelejam” para recuperar o tempo perdido com repetências.

A sorte de Marciano é outra. Ele repetiu três vezes de ano, mas hoje é o mais letrado da família. Agora lê conta de luz, lê as placas com o nome das cidades, escreve a lista de compras da casa e orienta a mãe no mercado. *“Aí fomos comprar carne. Quando olhei o preço, eu disse: mainha, danou-se, R\$10,80 o quilo!”*

“Agora ele não vai mais assinar o título de eleitor com o dedo. Tá sabido”, exulta a mãe. Antes de posar para as fotos, Rosa Lúcia tira com cuidado da gaveta do armário da sala um dente de porcelana e o encaixa no espaço vazio do sorriso. *“Me sinto feliz com o Marciano. Mãe é bicho besta, né?”.*

Mais alegre, só Marciano. Como diz, uma alegria forte e firme. *“Sentia uma vergonha danada quando todo mundo passava de ano e eu lá no 1º ano. Ôxente, quando veio o Se Liga, eu disse: agora vai! Eu acho assim: eu vou ter um filho que vai crescer e vai me pedir pra ensinar a ele. Que vergonha eu não vou ter, não é, se continuasse analfabeto?”*

Depois do Se Liga, Marciano iria estudar no Acelera e ingressar no 5º ano, aos 12 anos de idade. *“Aprendi até a falar sobre a cadeia alimentar e a fazer desenho geométrico. Tô mais desenrolado e o povo agora me vê diferente”.*



CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA

ERA UMA HUMILHAÇÃO DANADA PRA PODER LER UM PAPEL, UMA CARTA

ANTÔNIO FRANCISCO GOMES MARTINS – ARAGUAÍNA/TO

“*Repeti três vezes o 1º ano e quase perdi a esperança quando a professora disse que eu era um caso perdido. Ajudava minha mãe na roça, morava com meus avós e três irmãos. Plantava feijão, arroz, milho, fava; cavava os buracos pra botar as plantinhas dentro. A mão da gente cheia de calo, a pele queimando de sol ... A vida era um sofrimento grande lá no Ceará. A escola era longe, eu ia de a pé e chegava atrasado. Era uma humilhação danada pra poder ler um papel, uma carta. E eu botei na cabeça de ir morar com meu pai no Tocantins pra aprender a ler e a escrever numa escola da cidade, pra poder vencer na vida.*

Aqui me botaram no programa Se Liga. Fiquei um pouco envergonhado. Um rapaz que nem eu, no meio de um bocado de criança pequena... Mas a professora e os colegas me receberam bem, me respeitaram. A sala era enfeitada, limpa, tinha um cantinho com livros pra leitura. Foi aí que a minha sorte começou a virar. No dia que aprendi a ler, se eu pudesse tinha feito uma festinha pros meus colegas e pra minha professora.

No final do ano, fui até orador da turma. Convidaram as escolas tudinho pra ver eu falar. Agora, com 14 anos, estou no Acelera. Minha mãe me dizia pra ter fé que eu ia ler e escrever um dia. Quando eu tiver mais velho, vou voltar no Ceará. Quero que a professora que não acreditou em mim ainda esteja na escola, pra eu ler um livro inteirinho na frente dela”.



CRÉDITO: CLEUDIVAN ARAÚJO

MEU DEUS DO CÉU, ISSO É EU NO ESPELHO?

FELIPE SANTOS XAVIER – CAAPORÃ/PB

“Eu tinha dificuldade pra lê, pra escrevê. Só passei de ano duas vezes na minha vida. Depois disso, nunca, nunca, nunca. Eu primeiramente me olhava no espelho e pensava: meu Deus do céu, isso é eu no espelho? Um menino que não sabe lê com este tamanho. Dava aquele desgosto, vontade de acabar com a minha vida. Eu dizia pra mim: vou desistir, não vou estudar mais não; quanto mais eu estudo, não dá certo. Foi assim que eu cheguei no Se Liga, com 14 anos.

No primeiro dia de aula, eu disse à professora Mauristela, que é bem gordinha e bem bonitinha: eu não vou ficar no Se Liga não, porque eu nunca vou aprender a ler e escrever. A professora disse: Felipe, tenha fé que você vai aprender; a gente não nasce sabendo não.

Hoje, já sei bem escrever e qualquer palavra que eu vejo pela frente eu leio. Quando a professora manda eu ler, vou com aquela vontade na frente do quadro, que é pro povo vê que eu sei ler mesmo!

Minha vida fora da escola não é muito boa não. Tenho nove irmãos, minha mãe é desempregada e não pode comprar o nosso material de escola só com o dinheiro que ela recebe do Bolsa Família. Meu pai trabalha em João Pessoa e faz bem dizer um mês que ele não vem pra casa. Quando vem, traz cinquenta reais pra dez filhos.

Hoje eu só sou feliz porque tenho minha leitura e minha escrita. Eu vou continuar estudando pra dar outra vida pra minha mãe. Aquela Irene, cheia de tristeza com o futuro dos filhos, não vai viver mais não. Ela vai ser outra Irene Maria dos Santos”.



APRENDI QUE EU TINHA QUE ACREDITAR NOS MEUS SONHOS

KÁTIA MARIA DOS SANTOS
– PONTEZINHA/PE

“Repeti o 2º ano duas vezes. Comecei a endireitar a vida no Se Liga e, depois, no Acelera Brasil, com 14 anos. Aprendi que eu tinha que acreditar nos meus sonhos, levantar a cabeça e seguir em frente.

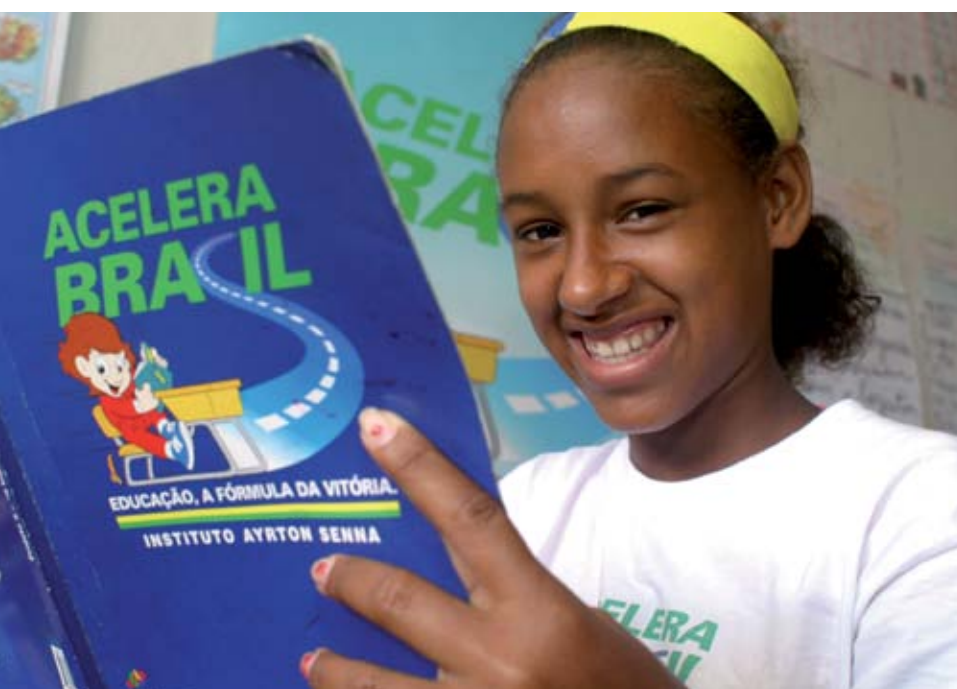
Quando eu nasci, meu pai me abandonou nos braços da minha mãe. Pra não me magoar muito, minha mãe disse que ele tinha viajado e morrido. Quando eu estava com nove anos, ele veio me procurar, mas dentro de mim não tinha mais amor de filha pra dar a ele. Só tinha ódio. Eu sentia nojo do sangue dele dentro das minhas veias porque ele não quis saber se eu tava viva ou morta.

Eu tenho seis irmãos, cada um de um pai. Quando minha mãe sai, tenho que cuidar deles. Pra não faltar à aula, eu sempre levo um comigo. Boto num canto perto dos livros, com papel e lápis de cor, e vou fazendo minhas tarefas.

Eu tinha dificuldade com as letras. Sentia vergonha porque os outros me botavam apelido de negra burra, cinzenta. Isso é crime. Se eu sou negra, branca, roxa ou qualquer outra cor, eu tenho orgulho porque é a cor que Deus me mandou. Mas eu fazia que nem sapo, ficava muda e surda. Só esperando o dia de aprender. A gente não nasce sabendo comer, não nasce sabendo andar; a gente aprende caindo. A ler, por exemplo, a gente aprende de pouquinho, juntando as letras, as palavras, entendendo o que elas querem dizer.

Eu comecei a aprender e senti que todo o esforço que eu fazia era bom pra minha vida. Eu sentia que eu podia conseguir mais ainda. Achar onde fica uma rua, chegar na casa das pessoas, ler placas, conversar com outros educadamente. A melhor coisa no mundo é o saber.

Às vezes eu chego na escola triste, mas a alegria tá em volta de mim. Eu já achei que a minha vida não valia nada, que nunca ia ter um jeito. Agora eu tô vendo que aquilo que eu pensava não era verdade. Eu pensava que eu não tinha qualidade pra nada. E hoje eu até ensino a tarefa pra uns alunos abestalhados, que não acreditam na capacidade que eles têm”.



CRÉDITO: ROBERTA GUIMARÃES

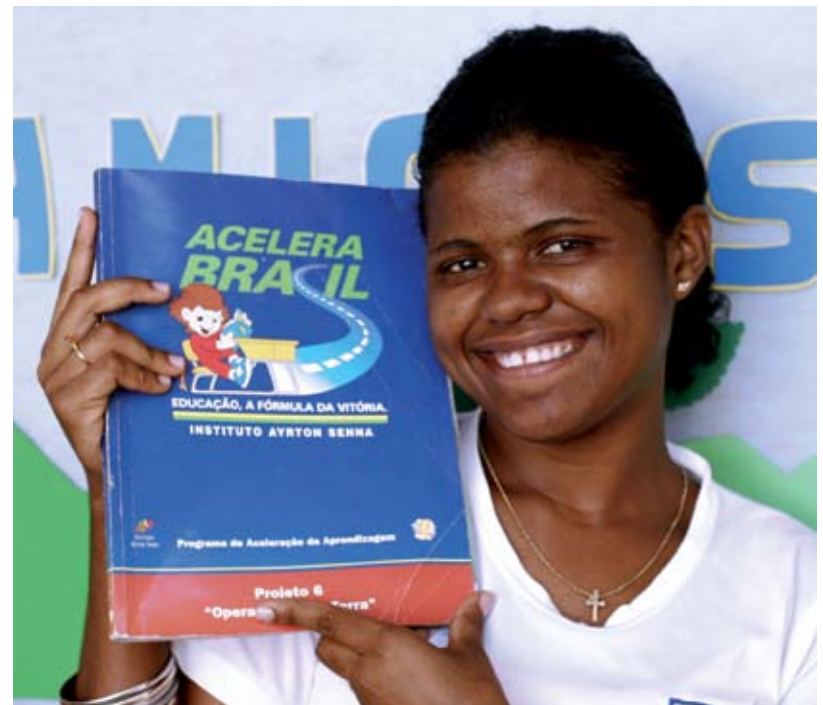
EU TENHO MUITOS MISTÉRIOS E CAPACIDADE DE APRENDER

ANA KARLA SANTOS DAS VIRGENS – ARACAJU/SE

“**C**om 12 anos eu não sabia nem dizer quanto era quatro vezes quatro. Não conseguia ler nem escrever, e quando a gente não tem um pouquinho de leitura, né, a gente não sabe nem falar, responder certo pros amigos. Agradeço à professora ótima que Deus botou na minha frente. Ela é quem foi me mudando. Eu tinha botado na cabeça que ia largar a escola, arrumar uma carroça, botar lixo dentro e vender pra reciclagem. Mas a escola foi me mostrando que eu não ia ter era mais chance de nada na minha vida com isso... lá ficar o dia inteiro debaixo de sol e ganhando um nada.

Eu repeti o 1º ano duas vezes. Meu pai é cego e eu deixei muitas vezes de estudar pra fazer as coisas pra ele. No final de um ano por aí, eu tava com 62 faltas e reprovei, né. Na minha casa eu achava que eu não ia ter estudo, porque a maioria dos meus irmãos não tiveram. Meus pais são sem condição de dar um caderno, uma pasta, um lápis pra gente, que somos nove irmãos. O pai recebe um salário de aposentadoria por invalidez e a mãe ganha R\$ 100,00 trabalhando em casa de família. Quando não tem dinheiro, o pai fica rodando de um canto pro outro, pedindo ajuda pra dar de comer a nós.

Lá no fundo eu me sentia mal por dentro. De meu pai me pedir pra ler um documento e eu ter que dizer pra ele: meu pai, eu não posso ler pro senhor não. Aí veio na escola esse programa Se Liga. Eu fiz. Agora veio o Acelera, que eu tô fazendo, aos 14 anos, e descobrindo que tenho muitos mistérios e capacidade de aprender. Quero estudar pra ter um emprego bom e ajudar meus pais a poder comprar uma fralda descartável, um remédio. Porque quando chega na velhice é disso que eles precisam. Tem sergipano por aí que acha que estudo é uma coisa pesada. Mas não é não. Pesado é pegar numa enxada. Estudo não pesa na mente não, minha gente”!



CRÉDITO: FÁBIO CORREA



CRÉDITO: GLAUCO SPÍNDOLA

FIZ UMA PRATELEIRA NO MEU QUARTO ONDE BOTO MEUS LIVROS

CARLOS ADRIANO DA SILVA
– CARPINA/PE

“Eu pensava que era diferente dos outros meninos. Tinha muita dificuldade na leitura, na escrita e em matemática. Quando não passava de ano, aí é que me revoltava mais e não ia pra escola. Ficava pelas ruas. Repeti dois anos o 3º ano e dois anos o 4º. Com 12 anos, saí de casa e abandonei os estudos. Tava no 4º ano. Meu padrasto bebia, brigava com minha mãe. Eu não podia fazer nada. Aí me deu na cabeça de sair pelo mundo. Deixei três irmãos com minha mãe.

Quando acabou a festa de São João, fui pra casa, peguei uma bolsa, arrumei umas parelha de roupa dentro – dois shorts, duas camisas – e disse que ia pra quadra de esporte, mentindo. Fiquei dormindo na rodoviária. Trabalhei num bar em troca de comida e também num depósito de materiais recicláveis. Fui andando a pé, de carona, até que cheguei na Paraíba. Quando menos imaginava, tava no Rio Grande do Norte. Fiquei pelas calçadas, ajudando um, ajudando outro, pedindo dinheiro, catando alumínio pra vender. Dormi muito na praia e encontrei muitos andarilhos pelo caminho. Uns que bebiam até álcool de posto de gasolina pra esquecer os problemas da vida. Dormia com um olho aberto e outro fechado, com medo. Porque na rua ninguém tá seguro. O maior medo que eu tinha era da van do Conselho Tutelar que pegava as crianças nas ruas. Trabalhei de carregador de água, jardineiro, consertador de fogão. Foi um ano assim...

Depois me deu vontade de arranjar uma vida melhor, voltar a estudar. Procurei uma escola lá no Rio Grande do Norte e contei toda a minha

história pra diretora. Ela ligou pro SOS Criança e o Conselho Tutelar me trouxe de volta pra casa. Cheguei lá e minha mãe tinha tido um derrame.

Aí eu fui morar com a minha vó. Construí na casa dela um quartinho de taipa e uma cama de vara pra dormir. O Conselho nem arrumou um trabalho pra mim nem me colocou na escola. Fiquei um ano parado. Só quando minha mãe melhorou do derrame, em 2006, que ela foi me matricular na escola. Aí eu entrei no Acelera, com 15 anos.

No começo eu fiquei desmotivado. Se antes não tinha dado certo, porque agora ia dar? Mas a professora me motivou a querer, a batalhar. Desenvolvi a matemática, a leitura e a minha escrita. Senti foi uma alegria, né. Fiz uma prateleira de madeira no meu quarto onde boto meus livros, dicionário e cadernos da escola. A nossa professora explica como é, como não é, pergunta se o aluno entendeu, volta ao assunto outra vez até a gente aprender.

Uma vez ela passou um exercício de matemática e eu fiquei nervoso. A professora disse: tenha calma, você vai conseguir fazer. Eu pensava dentro de mim que não ia. Ela sentou comigo, pegou uma folha de ofício e começou a passar as divisões, multiplicação, adição, subtração. E no outro dia eu já cheguei na sala fazendo as contas.

Eu me senti capaz. Um colega pedia uma ajuda e eu já conseguia orientar no modo mais simples de fazer. Não passar de ano e ficar no meio de um bocado de criança era um desgosto pra mim. Me chamavam de pai da turma. Os colegas diziam: tu vai é mofar nessa série. Mas eu não mofei”.

SE EU ESTUDAR, COM CERTEZA VOU MAIS LONGE DO QUE O POVO PENSA QUE VOU

ROSILENE DA CONCEIÇÃO
– ARAÇOIABA/PE

Rosilene da Conceição, 17 anos, é a primeira de três gerações de analfabetos na família a aprender a ler e a escrever. Ela nasceu na agrícola Araçoiaba, a 40 km de Recife, onde, em 2010, 31,18% da população com 25 anos ou mais eram analfabetos, 17,88% possuíam o Ensino Médio completo e 1,61%, um diploma de faculdade.¹ No final dos anos 2000, 70% dos araçoiabenses tinham renda inferior à metade do salário mínimo.

A família de Rosilene chegou na Zona da Mata nos anos 1970; avós, tios e pais ganharam a vida nas frentes de trabalho dos canaviais. Décadas se passaram e nenhum deles frequentou uma sala de aula. *“Meu pai, minha mãe, meus irmãos mal sabem ler. Só sabem mesmo escrever o nome, que só isso não tem muita serventia na vida...”*, lamenta Rosilene.

A jovem chegou ao 3º ano do Ensino Fundamental também sem saber ler e escrever; alfabetizou-se no programa Se Liga aos dez anos e seguiu para o Acelera Brasil. *“Nem o beabá eu sabia. Os meninos ficavam zombando de mim. Quando cheguei na série certa pra minha idade, eu disse a eles: viu, eu não sou diferente de vocês!”*, afirma.

Rosilene repete que não quer ter a mesma sina dos pais. *“Se eu estudar, com certeza eu vou mais longe do que o povo pensa que eu vou”*. Em 2009, ela conseguiria chegar ao 2º ano do Ensino Médio. *“Eu tô muito feliz, ninguém nunca chegou aonde eu cheguei. Sempre vejo as pessoas falando que Araçoiaba é a cidade mais pobre, mas não é porque ela é pobre que a gente tem que ser pobre em educação. Se a gente tem a riqueza da educação, a gente tem tudo”*.

Quase um ano depois, no entanto, Rosilene teria que interromper os estudos, pois engravidou e perdeu o bebê no final da gestação. Outros contratempos competiam com a escola.

¹ Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2010.



A PROFESSORA FOI QUASE UMA MÃE PARA MIM E FUI APRENDENDO...

JOSÉ RINALDO TRAJANO DE
OLIVEIRA – SÃO BENTO DO UNA /PE

CREDITO: GLAUCO SPINDOLA



O dia mais feliz na vida de José Rinaldo Trajano de Oliveira, 14 anos, corpo e estatura de dez, é também o mais triste. Rinaldo passou de ano com louvor na Escola Ivete Cordeiro Valença, em São Bento do Una (PE), a 206 quilômetros de Recife. O rapagão aprendeu a ler e a escrever no programa Se Liga e, em uma tarde chuvosa de dezembro de 2004, é filmado e fotografado pela equipe de comunicação do Instituto Ayrton Senna. Lê um texto em voz alta para a turma, depois de tomar muita água com açúcar na cantina “porque sabia que ia acabar chorando de emoção”. Passados mais de quinze minutos como celebridade, Rinaldo, órfão de pai e mãe, volta para casa acompanhado da equipe do Instituto. A intenção é contarem juntos para a irmã Nilma, única parente da família, sobre o progresso do menino na escola.

Rinaldo mora na rua da Vara, feia, suja e pobre. Antes que o garoto se aproxime da frente do barraco, a irmã aparece alcoolizada. “O que vocês estão fazendo aqui? Vão dar uma casa pra gente? Não vão? Então podem ir embora! Rinaldo, pra dentro agora!”, grita Nilma, sem dar chance de resposta. E tira com força os livros do Se Liga da mão do irmão. A alegria que de dia estampou a face de Rinaldo em segundos se transforma em vergonha.

No início do ano letivo, o garoto faltava às aulas três dias na semana. E fazia segredo do sumiço. Depois de conquistar a confiança do aluno,

a escola descobriu que ele frequentava o lixão da cidade no lugar de estudar. Catava o que pudesse ser reciclado para vender e ter o que comer. A supervisora Maria Adriana Guimarães Moraes, 24 anos, decidiu organizar um mutirão para arrecadar material reciclável, que passou a juntar em sua casa. Fez um trato com Rinaldo. “Eu te dou o material pra você vender e tirar o que comer. Você não frequenta mais o lixão e assiste a todas as aulas”.

Rinaldo aceitou, embora continue visitando o lixo de vez em quando. Aos saltos, enterrando os pés nos montes de detritos, tasteia tudo, rasga sacos com agilidade e recolhe o que pode. Os dois pares de tênis usados para a escola são do lixão. O banho muitas vezes é feito ali mesmo, em um poço de água e lama onde Rinaldo diz já ter encontrado até cachorro morto.

O esforço para estudar vale a pena. “Antes eu só dava pra bagunçar. A professora foi quase uma mãe pra mim e fui conseguindo aprender. Um dia, eu li uma placa na rua e falei pro meu colega que estava do lado: eita, aqui vende galeto, farinha e açúcar. Ele perguntou: como cê sabe? Eu respondi: ôxe, vai pra escola que cê sabe! Desse dia em diante, pensei: rapaz, é melhor não bagunçar mais não”, conta Rinaldo.

HOJE ME SINTO IGUAL ÀS OUTRAS CRIANÇAS

MARIA PRISCILA DA SILVA
– SIRINHAÉM /PE



CRÉDITO: GLAUCO SPÍNDOLA

Maria Priscila da Silva, dez anos, tem os pés e parte das pernas atrofiadas. Era um bebê de apenas três meses quando seu corpo foi gravemente ferido em um incêndio. A tragédia a deixou longe dos bancos escolares por muito tempo. Mas o desejo de aprender, de ter contato com outras pessoas, de batalhar para ser alguém, foi o combustível que a levou à sala de aula.

“Eu vivia triste e pedia ao meu pai para me matricular numa escola. Só agora, que entrei no Se Liga, é que sei ler e escrever”, comemora a menina, a primeira a levantar o dedo quando a professora chama para escrever no quadro. Priscila arrasta-se pela sala sobre os joelhos com um largo sorriso. De seus nove irmãos, é Maria, nove anos, quem sempre a acompanha até a Escola Municipal João XXIII. Ela carrega Priscila nos braços; quando cansa, coloca a irmã sobre as costas estreitas. A tarefa é revezada com a diretora da escola, Josilene.

Se a irmã ou a diretora não estão disponíveis, Priscila segue para a escola de carrinho de mão, empurrada pelo pai. E se o pai não pode, Priscila vai só, impulsionando os braços finos contra o chão. Em uma aventura solitária, atravessa um canavial e uma ladeira pedregosa; o corpo impregnado pela fumaça da cana queimada para adubo. Chega à escola cansada, e conta com a ajuda do vigia para levá-la no colo até a sala do Se Liga. *“Mudou tudo na minha vida. Apesar do meu problema, hoje me sinto igual às outras crianças. Gosto tanto de estudar que em casa eu dou aula para as minhas amigas”,* ressalta.

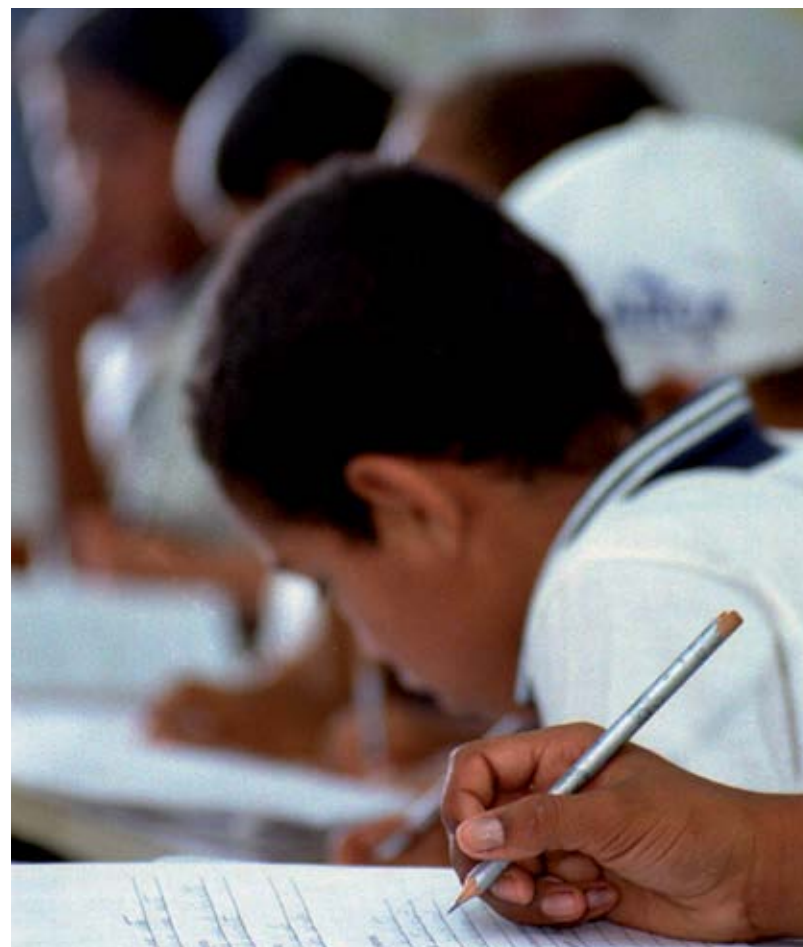
O TRATO ÁSPERO DA VIDA, TÃO CEDO, ESTÁ ALI

ROSÂNGELA MARIA SIQUEIRA
– RIO FORMOSO/ PE

Além da cana-de-açúcar, por toda parte do agreste pernambucano não há quem não tenha no quintal uma roça de palma – planta que se corta no pé para alimentar o gado na seca e que brota quando chove. Dizem que a palma não enfraquece com pouca coisa. Nem as crianças de Pernambuco.

Em Rio Formoso, distante trinta minutos de onde vive Priscila, Rosângela Maria Siqueira, onze anos, também não perde um dia de aula na Escola Municipal *Paulo Guerra*. A menina mora em um engenho de cana e gasta bem uma horinha para chegar até a escola. Do mesmo jeito que vai, volta: a pé, com quatro irmãos sob seus olhos. Dois deles, de cinco e quatro anos, ficam sentados na porta de entrada do colégio até a hora do almoço, enquanto ela e outra irmã estudam.

Órfãs de mãe, as crianças vivem com o pai, que sai às três da manhã para cortar cana e só retorna no fim da tarde. Rosângela e os irmãos chegam na escola sujos e com os cabelos desgrehados e a história chama a atenção da equipe escolar. A Secretaria da Educação da cidade providenciou uma creche para os irmãos de Rosângela, e um banheiro na sede da prefeitura para que as crianças se lavem antes e depois das aulas. Rosângela fala pouco e baixinho. O trato áspero da vida, e tão cedo, está ali, no silêncio que intercala suas frases como



CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA

um esquecimento. A escola intervém para ajudar a comunidade de diferentes formas. Faz mais do que ensinar, e ali certamente é preciso.

Analfabetos até a pré-adolescência, Rinaldo, Priscila e Rosângela viam a sala de aula por trás de um véu. Conforme aperfeiçoam as letras garranchadas, habituando-se à voz vacilante na leitura, surpreendendo-se com histórias inventadas que magicamente preenchem o papel, passam a sentir algo exclusivo. A escola é como uma ilha de mar verde, vento brando e de muitas cores em meio ao agreste seco e insensível. Ali podem esquecer por algumas horas quem são e de onde vêm. Podem sonhar com o futuro. E prepararem-se para as surpresas do caminho.

NA PROVA DO APLICAÇÃO CAIU UM MONTE DE COISA QUE EU ESTUDAVA NO ACELERA

LUANDRA PALOMA MARQUES DA SILVA – PETROLINA/PE



CRÉDITO: MICHELE ZOLLINI

Em torno de 780 candidatos fizeram prova para conquistar uma das 170 vagas nas turmas de 6º ao 9º anos do Colégio Aplicação, da Universidade Estadual de Pernambuco, considerado um dos melhores de Petrolina. A disputa pela matrícula era acirrada – em média cinco candidatos para uma vaga. No início de 2005, Luandra Paloma Marques da Silva, 11 anos, ex-aluna do programa Acelera Pernambuco, foi aprovada nos testes com média 8 e ingressou no Aplicação no 6º ano.

Luandra havia repetido o 2º ano. Por quê? *“Ah...a professora era chata e brigava quando eu conversava na aula. Eu ficava com raiva e não fazia os deveres”*. Quando entrou para o Acelera, em 2004, Luandra torceu o nariz e deu trabalho. Não queria participar das atividades em grupo, achava que já sabia tudo. Com o tempo foi percebendo como sabia pouco e precisava aprender mais. A transformação acontecia a cada aula, a cada página lida. Luandra ficava mais carinhosa com os colegas, sociável e participativa.

“Na prova do Aplicação caiu um monte de coisa que estudei no Acelera. Meu pai pagou aula de banca (particular) nos últimos dois meses do ano pra reforçar os estudos. Mas foi o Acelera que ajudou mais. Tenho uma amiga que estuda em escola particular, fez prova no Aplicação e não passou”, resume Luandra.

A comerciante Maria Lucineide Marques de Sá exalta o ótimo desempenho da filha. *“Ela passar no meio de tantos alunos é bom demais, gratificante. No início, ela queria sair do Acelera. Falei com a professora e ela me orientou a conversar com Luandra, que passou a chegar da escola maravilhada e foi até chefe de turma”*, destaca Lucineide. *“Eu parei de estudar aos 15 anos e me arrependo. Se tivesse ficado na escola, minha vida seria outra”*, completa.

VOU VENCER PRA SER UMA ENFERMEIRA OU MÉDICA

ANA PAULA MACEDO
– CRUZEIRO DO SUL / AC

“Antes de eu ir pro Acelera, meus coleguinhas na escola me perguntavam quantos anos eu tinha e em que série eu estudava. Eles diziam que eu estava atrasada e ficavam rindo de mim. Eu não gostava disso. Eu queria tá junto com eles, na mesma série e com a mesma idade.

Sentia amargura dentro de mim, sentia que podia ter me esforçado mais pra passar de ano. Ai veio o Acelera e eu disse que eu ia vencer. Eu descobri que eu tinha capacidade. Sempre pedia à minha mãe pra ensinar as tarefas que eu não sabia. Já no programa, eu fazia minhas tarefas só, sem ajuda de ninguém. Foi maravilhoso pra mim.

Eu lutei, consegui e tô aqui hoje, no 6º ano, com 12 anos. E lutando pra conseguir mais, pra não reprovar mais nem uma vez. Vou vencer pra ser uma enfermeira ou uma médica. Eu acho muito bonito quando vejo aquelas doutoras bem altonas, com aquele jaleco branco.

Minha mãe, Francenilda, me via na escola sempre com dificuldade, dificuldade. Até ela teve pena de mim e se sentia culpada. Mas depois que eu fiz o Acelera, ela viu que eu desenvolvi bastante, tanto assim pra não ter vergonha de falar, que de primeira eu tinha. Às vezes têm programas que sempre acabam, né. A mãe espera que esse não se acabe, porque ajudou muito a filha dela e pode ajudar outras crianças também.”



CRÉDITO: PEDRO MARTINELLI

EU PODIA TER ABANDONADO A ESCOLA SE NÃO FOSSEM ESSES PROGRAMAS

SILVIO NASCIMENTO PEREIRA

– MONTE ALEGRE/SE

CRÉDITO: VALÉRIA PROPATO



De olhar retraído e voz baixa, Silvio Nascimento Pereira, 15 anos, surpreendeu a todos na Escola Estadual José Inácio de Farias, onde frequentou os programas Se Liga e Acelera Brasil. O rapaz tirou o primeiro lugar na primeira fase da Olimpíada Brasileira de Matemática de Escolas Públicas, realizada no estado de Sergipe, em 2007. Silvio obteve a melhor pontuação entre os 84 alunos de 5º e 6º anos da rede regular que prestaram o exame.

“É uma prova de que os programas funcionam dentro da unidade de ensino. Resolveram os problemas de aprendizagem de Silvio e serviram de exemplo para o resto da escola”, celebra a diretora Mariele Barros de Albuquerque. A história também é festejada pelo professor de matemática Cícero Aristides Sobrinho, que treinou duro com a turma, e com Silvio, durante seis meses. “O bom desempenho, mais que tudo, é fruto do estudo de Silvio, que chegou ao 5º ano muito interessado graças aos programas de correção de fluxo”.

Quando o professor anunciou o resultado da Olimpíada na escola, Silvio custou a acreditar. *“Ôxe, sou inteligente, mas não esperava tanto. Foi uma sortezinha mesmo, e muito estudo,”* observa. Antes de fazer parte do Se Liga e do Acelera Brasil, o jovem havia repetido três vezes o 3º ano. No Se Liga aprendeu a ler e no Acelera, pegou gosto pela matemática.

“Eu poderia ter abandonado a escola se não fossem estes programas, que deram uma chance pra um menino assim pobre como eu. Minha mãe é varredeira da escola e hoje tá muito orgulhosa de mim!”.

A GENTE NÃO ESTUDA SÓ PRA LER E ESCREVER, É PRA SE PREPARAR PRA VIDA

OTÁVIO DE CARVALHO SILVA
NETO – TERESINA /PI

“Na escola a gente aprende o que é importante para nas provas acertar todas as questões e passar de ano. Eu consigo responder à maioria das perguntas. Estudo porque gosto e a escola ensina bem. Mas a gente não estuda só pra ler e escrever, é pra se preparar pra vida. Quando não entendo uma coisa, procuro nos livros, pesquiso, pergunto à professora. Não gosto de faltar à aula pra não perder o assunto, porque aí vai ser mais difícil de aprender. Eu estudava em escola particular, mas meus pais tinham conta pra pagar e aí tive que ir pra escola pública. Uma escola boa precisa ter professores bons, uma diretora que saiba dirigir a escola e alunos interessados. Eu quero ser militar quando crescer. Quando me chamarem pra guerra, vou ter que ir né... Meu serviço vai ser combater o crime.”

Otávio, oito anos, estava matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola de Teresina acompanhada pelo programa Circuito Campeão.



CRÉDITO: MICHELE ZOLLINI

DURMO NO PENSAMENTO DE ACORDAR PARA ESTUDAR

SAMUEL XAVIER DA SILVA – CARPINA/PE

CRÉDITO: FÁBIO CORREA



Durante muito tempo, Samuel Xavier da Silva, 12 anos, morou com a família na igreja de Carpina. Vestia, calçava, comia do lixo; e não estudava. Matriculado na escola, repetiu três vezes o 1º ano. Foi no Se Liga que começou a se ver como sujeito de seu destino. Com as contas matemáticas que aprende no programa, passou a administrar os R\$15,00 que tira por semana lavando carros no contraturno.

Comprou em parcelas de R\$8,00 toalha e colchão para seu quarto – depois de finalmente mudar para uma casa –, e exibe orgulhoso o cartão de prestação da loja onde escreveu seu nome. “Aí, juntei trinta reais que ganhei; com mais trinta que tinha guardado, fiz sessenta. Comprei lençol pra todo mundo lá em casa”, conta.

Também foi com firmeza que o menino colocou pela primeira vez sua assinatura em um documento judicial. “Minha mãe voltou a viver com meu pai verdadeiro e me perguntaram na Justiça: você tá decidido a aceitar o sobrenome dele? Eu escrevi lá: estou. Só assinei por causa do meu estudo”, explica.

As “provas” para que o pequeno Samuel exercite seu aprendizado poderiam acontecer em contextos mais leves. Mas ele não desanima. “No Se Liga aprendi a ler e a escrever. No Acelera, endireitei minhas letras, consegui fazer texto e escrever cartas. Fecho os olhos e penso como vou escrever uma história com começo, meio e fim. Durmo no pensamento de acordar pra estudar, pra deixar de ser o que eu era”.





OS PROFESSORES

CRÉDITO: DIEGO VILLAMARIN

No livro *Educomunicação – Imagens do Professor na Mídia*¹, pesquisadores da ECA-USP debruçaram-se sobre os meios de comunicação e constataram que faltavam neles as vozes dos educadores. Ana Luisa Zaniboni Gomes, diretora da empresa de comunicação popular Oboré Projetos Especiais, por exemplo, centrou seu estudo na imagem do docente nas matérias de rádio. E usou como base as reportagens inscritas no 10º Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo.

O GP Ayrton Senna tinha justamente o objetivo de mobilizar a imprensa para que a educação ocupasse mais espaço na mídia. Procurava também incentivar a produção de reportagens mais aprofundadas, que ampliassem a compreensão dos diferentes aspectos e desafios sobre o tema. Lançado em 1997, teve cerca de 12 mil reportagens inscritas ao longo de dez edições, até 2010.

No 10º GP, de um universo de duas centenas de trabalhos inscritos na categoria rádio, apenas oito haviam dado luz à figura do professor, 4% da produção. E mesmo nestas matérias ele era pouco ouvido. A imagem do professor retratada nas reportagens, segundo Ana Luisa, era a de “um simulacro discursivo homogêneo e pasteurizado, que ora se aproximava, ora se afastava do cenário das responsabilidades reais que circunscrevem a profissão, a carreira ou o cotidiano escolar.”² Era como um fotograma congelado.

Nas coberturas jornalísticas realizadas pelo Instituto, na primeira década do século XXI, uma face mais viva destes profissionais e da realidade escolar emergia. Menos estereotipada e simplificada. Desde aquela época, há problemáticas que ainda bordejam a categoria empregada na rede pública. Há estados e municípios onde os profissionais ainda ganham abaixo do piso salarial nacional unificado – ainda que pesquisas tenham comprovado que baixos salários não são os responsáveis pela má qualidade da educação.³ Há um déficit de professores na rede de ensino e a profissão está entre as menos procuradas no vestibular.

1 *Educomunicação: Imagens do Professor na Mídia*, org. Adilson Citelli, São Paulo: Paulinas, 2012.

2 Capítulo “A Imagem do professor no rádio”, pág. 33, Ana Luisa Zaniboni Gomes/livro *Educomunicação*.

3 Diagnóstico da Educação: professores e escolas, Ricardo Paes de Barros/ Instituto Ayrton Senna, 2019. Acesso ao vídeo em 14 de janeiro de 2020 <https://www.institutoayrton-senna.org.br/pt-br/a-causa/diagnostico-da-educacao/diagnostico-educacao-escolas-professores.html>

A formação é precária, desvinculada da realidade da sala de aula. Entre os educadores, há um sentimento de frustração e desvalorização profissional. O professor que era exemplo a ser seguido, responsável por lições que os alunos levariam por toda a vida, hoje é considerado fracasso em termos de dinheiro e fama. No dia a dia escolar, os profissionais precisam lidar com escolas mal aparelhadas e com a violência.

Há professores faltosos e descompromissados. E há educadores realizando trabalho exemplar, para além dos muros da escola. Muitos dos educadores dos programas de correção de fluxo – originários da rede pública regular e capacitados pelo Instituto – haviam passado por várias profissões antes de chegar ao magistério. Vinham de famílias de baixo poder aquisitivo, onde ser professor ainda era visto como ascensão social. Dezenas dos entrevistados pela equipe do Instituto Ayrton Senna tinham em comum o fato de pertencerem à primeira geração da família que aprendera a ler e a escrever, conseguira terminar os estudos e cursar uma faculdade, rompendo um longo ciclo de analfabetismo geracional. Vários traziam ainda a experiência de serem alfabetizados tardiamente. Sabiam bem o valor da frase “não existe aluno incapaz”.

Ainda hoje, as ações do Instituto tentam desfazer o mito de que certas pessoas manifestam desde cedo uma falta de jeito, uma inaptidão para os estudos e que, por mais que se tente, é impossível mudá-las. Acreditar nisto faz com que a culpa pelo fracasso escolar recaia sobre o aluno, retirando a atribuição da escola e da política educacional. Os critérios de avaliação também precisam ser revistos. Os testes devem ser usados para levantar as dificuldades e melhorar o ensino, não para condenar o aluno. Quando a criança não aprende, o que tem de mudar é o jeito de ensinar.

O que se constatava nos relatos dos educadores acompanhados pelos programas era a preocupação constante com o desenvolvimento emocional dos alunos, o olhar atento para a individualidade, para o momento em que determinada criança necessita de uma atenção especial. O outro lado, por sua vez, também recebia atenção: nas formações, nas visitas técnicas ou em reuniões de planejamento, os professores sempre foram estimulados a conhecerem e refletirem sobre suas próprias competências socioemocionais, fundamentais para o exercício de suas demandas e práticas. Olhar o docente de maneira integral, focando em seu desenvolvimento socioemocional, atendia aos desafios para um novo paradigma educacional.

ONDE É QUE EU PONHO O GOMES DA SILVA?

OZELMA CRISTINA DE SOUZA,
36 ANOS, PROFESSORA ALFABETIZADORA,
ESCOLA MUNICIPAL PADRE BORGES – CORTÊS/PE

Na Escola Municipal Padre Borges, a professora Ozelma Cristina de Souza distribui frases escritas em tirinhas de papel para leitura em voz alta. “Eu mo-ro no ri-o”, sussurra Edenildo, ombros encolhidos, buscando aprovação com os olhos. “Muito bem, Edenildo”, diz Ozelma. Ufa!! O rosto e o corpo relaxam. “Eu sou um ja-ca-ré”, silaba Edson, tocando as letras no papel com a ponta do lápis apertado entre os dedos. Hoje a aula é sobre o r e o rr. Ozelma circula com voz firme, acompanha carteira por carteira e ajuda nas lições.

“Vamos sublinhar no livro a palavra farinha”, convoca. Adriana passa o lápis nela, mas o risco fica torto. Apaga com a borracha várias vezes. Tenta de novo, absorta. Terminada a lição, Ozelma pede para que escrevam seus nomes no caderno. “Professora, não dá todo ele não. Só cabe Denis Darquiano. Onde é que ponho o Gomes da Silva?”.

Na sala de chão de cimento descascado e teto de telha, as crianças se agitam quando Ozelma passa de mão em mão uma caixa contendo uma barata de feltro. Todo mundo pode ver, mas não pode falar o que é para o coleguinha ao lado. A menina de cabelos longos e encaracolados solta um Ui! A turma cai na gargalhada. O menino com olhinhos puxados franze a testa. A curiosidade aumenta. “Todo mundo já viu?”

CRÉDITO: GLAUCO SPÍNDOLA



O que tem dentro da caixa, minha gente?”, pergunta a professora. “Uma baraaata”, responde a turma em coro. “A barata é um animal.... nojeeento !!!”

“Na turma de 2º ano que eu peguei no ano passado, reprovei 20 de 35 alunos. Tive tantas críticas na escola que quase perdi meu emprego. Os alunos não faziam a tarefa, não tinha espaço na sala para caminhar, os pais não vinham às reuniões. Eu pensava: esses meninos são fracos, fracos, não sabem ler, não sabem construir uma frase. Como é que eu ia passar eles de ano sem saberem de nada?”

Fui conversar com a diretora e ela me respondeu: ‘Ozelma, eu morro de pena, mas não posso fazer nada’. Ninguém parou para olhar o meu problema. Eu sei que eu reprovei os alunos. Aí me chamaram na secretaria da escola pra saber por que eu tinha feito isso. Porque aqui é assim – para dar uma de boa, você tem que passar todo mundo de ano.

Eu fiquei com uma imagem muito negativa. Quando começaram a escolher as professoras para dar aula no Se Liga, fiquei caladinha

esperando. Queria tanto participar... Só pra melhorar minha imagem. Mas não tinha coragem de pedir. Me escolheram, e eu ria demais porque pensava: ‘agora vou mostrar pra todo mundo que eu não sou uma professora que gosta de reprovar, que não tá nem aí com os alunos’. Eu trabalhava muito na sala de aula, mas não tinha resposta. Eu precisava de uma ajuda, de um apoio.

Eu ganho R\$ 318,00⁴ por mês porque tenho faculdade de História. Quem não tem Ensino Superior ganha menos por aqui. O emprego que mais aparece por aqui é esse, de professor. Fazer magistério, fazer concurso para ensinar é o que quase toda mulher por aqui sonha. Meu pai era agricultor e trabalhava na usina de cana-de-açúcar. Não morríamos de fome, mas era um aperto porque só ele que trabalhava. Éramos cinco filhos e hoje tenho mais três irmãs que também atuam na área da educação. Trabalho à tarde na escola e de manhã preparo minha aula. E posso te dizer que me realizo muito ensinando, apesar de tudo!”

4 O depoimento de Ozelma é de 2003, quando a média salarial de um professor em PE era de R\$900,00. O piso salarial foi aprovado em 2009, e em 2019 era de R\$2.557,74.

NÃO SE DIZ MAIS RADIOLA NÃO, PROFESSORA, AGORA É SOM

**MARIA JOSÉ NERI OLIVEIRA SILVA
(MALIU), PROFESSORA DO SE LIGA,
ESCOLAS WILSON DE ANDRADE BARRETO
E PAULO GUERRA – RIO FORMOSO/PE**



Os alunos da Escola Estadual Wilson de Andrade Barreto são tão tagarelas que é difícil seguir o roteiro da aula. Um assunto puxa o outro e, se a professora Maliu deixar, a contação de “causos” atravessa o dia. São os meninos quem têm mais histórias mirabolantes. “Minha tia tem 34 preás. Eu não matei um e comi outro dia, professora?” “E eu peguei uma cobra lá no mato, parti ela ao meio assim, limpei dentro, coloquei numa lata, levei pra casa, fritei e comi”.

Maliu comenta que pegou a classe “zerada”, sem conhecer letra alguma do alfabeto. Lentamente, como a imagem que aparece em uma foto *polaroid*, cada sílaba pronunciada ia despertando nos alunos um pertencimento, a vontade de se expressar em um mundo a ser descoberto. “Como se separa a palavra carro?”, pergunta Maliu. “É fácil demais, professora. Bota duas letras num canto e três no outro”, responde Ranilson. “Vamos bater palmas pra ele, minha gente! Agora respondam comigo o significado das palavras que estão no livro. Radiola, minha gente, que tá escrito aí. O que quer dizer?”. “Não se diz mais radiola não, professora, agora é som!”, ensina a turma.

“O Se Liga deu uma direção ao meu trabalho. Antes eu estava um pouco solta. Eu sabia o que tinha de fazer na sala de aula para ter um bom rendimento dos alunos, mas não me sentia segura. Não me acho a melhor professora, mas procuro dar tudo de mim, fazer a minha parte. Me sinto dando luz à vida dessas crianças. Eu volto para casa sem voz, mas quando os meus alunos começam a ler a primeira palavra, a felicidade é muito grande. É uma sensação de vitória; eu consegui!”

MUDOU MINHA DINÂMICA, MINHA ATUAÇÃO FOI REMODELADA

MARILANZE NÉRI ALFANO,
PROFESSORA DO ACELERA BRASIL,
ESCOLA ESTADUAL FRANCISCO
SALES SOBRAL – ITAPORANGA/SE

“Entrar para o Acelera foi um desafio, de colocar em prática o que aprendi na teoria. Ter 25 alunos na sala é o que todo professor almeja. Permite uma maior convivência e trabalhar melhor com eles. Todos têm histórias de vidas fantásticas, tristes, alegres, emocionantes. Mudou minha dinâmica, todo a minha atuação foi remodelada. Eu faço o que já deveria estar fazendo há muito tempo; só que antes o professor não tinha essa exigência total do programa, de preparar aula por aula.

O ensino dos conteúdos também é diferente. Hoje eles vão aprender sobre corpo humano, mas também vão conhecer as palavras paroxítonas na mesma aula. É uma vivência muito boa que faz com que a gente repense toda a metodologia com que estava acostumada.

A minha turma já leu todos os 40 livros do ano. Eu pedi para cada um contar ao grupo sobre o livro que tinha lido. Isso foi estimulando a leitura. Criei uma ficha de leitura, onde eles têm que preencher com o nome do autor, título do livro, nomes dos personagens e o resumo da história que leram. Confeccionei uma carteirinha de estudante pra cada aluno do Acelera, com foto e assinada pelo diretor. Para que eles tenham um documento de identificação e se sintam cidadãos.”

QUANDO O ALUNO TEM UM PROFESSOR QUE O VALORIZA, MUDA TUDO

CLAUDENICE RODRIGUES DE SOUZA,
35 ANOS, PROFESSORA DO ACELERA BRASIL,
ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA
DA PROVIDÊNCIA- LAJEADO /TO



CRÉDITO: CLEUDIVAN ARAÚJO

“Fui convidada para dar aula em uma turma do Acelera Brasil onde já tinham passado cinco professores em um mesmo ano. A maioria deles me falava a mesma coisa: os alunos eram danados demais, indisciplinados, não obedeciam. Os professores se estressavam muito e largavam a turma, chegavam a abandonar mesmo. Uma professora me falou assim: ‘menina, aqueles alunos são uns bichinhos, eu não dou conta de mexer com eles não. Se eu fosse você, eu desistia, porque a turma lá é da pesada’.

Daí eu pensei: como é que eu vou enfrentar essa situação? Sou professora do município há 13 anos e tinha enviado meu currículo para a Secretaria Estadual de Educação porque meu sonho era trabalhar na rede estadual. Quando me chamaram para fazer parte do programa Acelera Brasil em uma escola estadual, não pensei nos obstáculos. Aceitei. Depois que fui saber o que era tudo. No primeiro dia de aula, rezei muito, muito. De 16 alunos matriculados, só tinham cinco na turma e eles disseram entre eles: ‘essa é mais uma professora que vai sair’. Eu fui à secretaria da escola, peguei os nomes dos alunos do Acelera e visitei a casa de um por um. Me apresentei como a nova professora do programa e disse que eu ia ficar até o fim.

Os pais também já estavam bastante desmotivados. Uma hora eles iam na escola e os alunos estavam com a coordenadora pedagógica. Voltavam no outro dia, ou não tinha professor ou já tinha mudado de novo. No dia que consegui juntar todos os alunos na sala, era criança correndo pra todo canto. ‘Meu Deus do céu, o que vou fazer com essas crianças?’, pensei comigo. São alunos que acham que não têm mais jeito mesmo. Comecei mostrando como estava contente de ter eles na sala. Valorizei eles dentro da escola; propus a eles um novo jeito de trabalhar, pedi sugestões...

No final do ano, eu consegui 100% de aprovação na minha turma! Houve meses que nós não tivemos nenhuma nota vermelha, nada, tudo verde. Estava lidando com alunos repetentes, desvalorizados pela sociedade, que a escola só matricula porque o Conselho Tutelar obriga. Quando o aluno tem um professor que o valoriza, muda tudo.

A peça principal dentro de uma escola é o aluno. Professor só é professor enquanto tiver aluno na sala de aula. Dei atenção, dei amor, conheci a vida de cada um, levei conteúdos, mas também trabalhei o que eles já traziam, o que eles sabiam, o que eles eram capazes de fazer e melhorar. Estes alunos representam um grande passo na minha vida profissional. Eu pude alcançar alguma coisa dentro da educação, eu juntei as peças, eu lutei, e vi que meu trabalho fez diferença”.

NÃO RESOLVEMOS TODOS OS PROBLEMAS, MAS A GENTE AJUDA

**SÔNIA MARTINS CARDOSO
FREITAS**, 37 ANOS, PROFESSORA E
COORDENADORA DE CORREÇÃO DE
FLUXO – CIDADE DE GOIÁS /GO

“Muitas vezes, a Secretaria de Educação não tinha carro para visitar uma escola mais distante. Eu chegava a gastar até três horas de estrada na carona de caminhão de leite para chegar nas escolas da zona rural. Quando ouvia a mãe dizer ‘professora, muito obrigada, meu filho tá aprendendo’, ah, isso compensava todas as dificuldades.

Passei por inúmeras situações que me exigiram uma nova prática pedagógica. Hoje eu não me preocupo só em ensinar, mas em aprender também, e em como o outro vai aprender. Agora eu tenho foco, que é fazer o aluno dar certo em todos os sentidos.

Certa vez, eu precisei fazer uma avaliação das turmas em uma escola que ficava bem longe. Não tinha carro disponível. O ônibus da cidade não chegava até lá. Então fui de carona. Dessa vez, num caminhão que transportava galinhas vivas. Gastamos duas horas e meia para percorrer quarenta quilômetros de estrada de terra. E paramos dez vezes no caminho para o motorista molhar as galinhas porque estava muito quente.

Quando cheguei na escola, um dos alunos estava com escoriações por todo o corpo. Ele queria matar o pai, que era negro e espancava o filho por ser branco. Saí com o menino para caminhar pela cidade e conversar. Acabamos indo parar em um cemitério, você acredita? Sentamos lá dentro, entre os túmulos, conversamos demoradamente, e o menino me contou que o pai não acreditava que ele era seu filho. Na escola, o garoto descontava batendo e brigando. Havia repetido várias vezes e ainda não estava alfabetizado.

Conversei bastante com este menino ao longo do ano, ‘tomei’ ele pra mim, cuidei e acompanhei seus estudos. Ao final do ano, vi o aluno mudado e alfabetizado. O pai, por sugestão da escola, fez um exame de DNA e comprovou que a criança era sua, apesar de todas as dúvidas. A gente não resolve todos os problemas, mas a gente ajuda. Houve uma transformação na vida do aluno; ele ficou mais participativo na sala de aula, mais curioso. O aprendizado fluía. Quando isso acontece, a criança dá retorno para a família e para a sociedade.”

QUANDO FALTA UM ALUNO NA SALA DE AULA, VOU ATRÁS, VOU ATÉ A CASA

ELIETE ALVES BARBOSA SANTOS, SUPERVISORA ESCOLAR – APARECIDA DE GOIÂNIA /GO

“Acompanho todos os alunos da escola e quando verifico que falta um na sala de aula, vou atrás, vou até a casa. Vejo outro na rua e já pergunto: Ei, por que você não está na escola a essa hora, hein? Tem dias que fico agoniada porque quero resolver todos os problemas deles. E se você esperar um momentinho pra resolver, pode passar da hora. A criança que some mais de dois dias, muitas vezes você não acha mais. Foi embora de casa porque o pai brigou, o vizinho ameaçou porque viu mexendo com droga...

Às vezes, os problemas são os mesmos, mas aquela pessoinha é diferente da outra e aí as soluções também são diferentes. Eu faço até ronda na rua junto com a polícia, que tem um trabalho chamado SOS Criança, pra procurar os alunos faltosos. Já perdi muitas noites de sono. Uma noite, meu marido não aceitou que eu fosse pra ronda. Era ele ou o aluno da escola! Naquela noite eu não saí de casa, mas fiquei até as três horas da manhã ao lado do telefone, esperando a ronda me ligar pra dizer que achou um menino nosso. Não vejo tudo isso como obstáculo, mas como desafios”.



TRABALHEI ACIMA DE TUDO O LADO HUMANO DELES

HELENA TEIXEIRA, 46 ANOS,
PROFESSORA ALFABETIZADORA,
COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR
GILSON AMADO – ESTÂNCIA /SE



CRÉDITO: FBIO CORREA

"Tenho 22 anos de magistério e já fui alfabetizadora de jovens, adultos e crianças. Cada vez que via o fracasso de um deles, no fundo, no fundo, sentia que não tinha sido capaz de ensinar. O programa Se Liga despertou minha criatividade, minha vontade de ajudar. No primeiro dia de aula, metade dos alunos estava fora da classe. Peguei os nomes e os endereços com a direção da escola e fui visitar um por um. Fiz, digamos assim, uma catequese nas famílias que deu certo. Os nomes dos mais faltosos, eu levei ao Conselho Tutelar. Também criei um café da manhã mensal com as mães e os alunos. Queria mostrar que éramos uma família que partilha do mesmo objetivo: o sucesso do aluno na escola.

Não me considerava uma boa alfabetizadora. Primeiro de tudo, tive que trabalhar minha autoestima para poder estimular o aluno. A segunda coisa que fiz foi nunca ir adiante quando eles tinham dúvidas. Fez errado, apaga e faça de novo. Trabalhei acima de tudo o lado humano deles. Passei por barreiras, ia chorar escondida. A pasta de um aluno, o Anderson, estava cheia de advertência. Mas eu não levei o caso para a secretaria da escola não, eu tentei lidar com ele na sala de aula e consegui. Anderson não pega mais advertência nem suspensão, e foi alfabetizado.

Nas turmas regulares, os professores querem se livrar de alunos assim como o Anderson, que brigam, saem da sala quando querem, são violentos com a turma e com a professora. São, vamos dizer assim, um fardo. Mas eu consegui mudar muitos. Às vezes, penso que estou sonhando. Minha turma começou o ano com 25 alunos e está terminando com os mesmos 25. Nenhum deles abandonou a escola! Estou feliz porque completei a corrida, combati o bom combate."

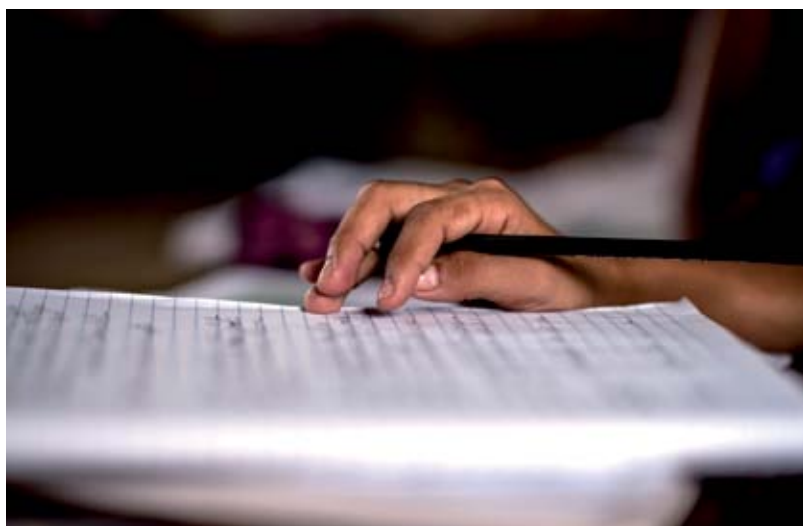
NÃO QUERO QUE MEUS MENINOS LEIAM SEM ENTENDER

ROSÂNGELA SOUZA, 46 ANOS, PROFESSORA
ALFABETIZADORA, ESPAÇO CULTURA VILA
ESPERANÇA – CIDADE DE GOIÁS/ GO

“Sou formada em pedagogia, tenho magistério e faço todos os cursinhos que aparecem na minha frente. Herdei a profissão da minha mãe. Nasci dentro da escola praticamente e adorava brincar de aulinha desde os oito anos. Sempre trabalhei com alfabetização. Morei onze anos no Iraque e no Equador, onde alfabetizei crianças brasileiras.

Aprender a ler e a escrever é mais do que decodificar. Já passei por todos os métodos de alfabetização e sei que só decodificar os símbolos não é suficiente. Tem muito exemplo aí de gente que lê com fluência. Mas quando acaba a leitura e você pede para a pessoa explicar o que leu, ela não sabe. A preocupação com a decodificação na escola ainda é maior do que com a interpretação. Não adianta só memorizar as sílabas, a preocupação tem que ser com o entender.

Não quero que os meus meninos leiam sem entender nem que leiam depressa. De fevereiro até agora, todo mundo progrediu. E eu não vou simplesmente empurrar ninguém para o 2º ano. Os alunos precisam ir pra frente sim, mas com mérito. Essa criançada é meu objetivo de vida. Fico preocupada porque a cada ano que passa eles estão com problemas diferentes. E fica difícil você pedir ajuda para a família porque ela está com dificuldades muito maiores. Eu tento sanar os problemas das crianças com elas, na sala de aula. E sei que se conseguir fazer um bom trabalho com eles já no 1º ano, estou eliminando o atraso lá na frente”.



CRÉDITO: IVAN FRANCHET

MEUS PAIS NUNCA FREQUENTARAM UMA SALA DE AULA

MARIA SOUZA, PROFESSORA
ALFABETIZADORA, CENTRO EDUCACIONAL
DE ALCobaÇA - ALCobaÇA/BA

“Sou professora há 18 anos. Na minha família somos dez irmãs e só quatro se formaram. Seis não terminaram o Ensino Fundamental. Desistiram por dificuldade mesmo, na escola e na vida. Meus pais nunca frequentaram uma sala de aula. Eles trabalhavam em casa de família, e só os filhos de fazendeiros naquela época tinham acesso à escola. Quando eu iniciei meus estudos, coloquei para mim como uma meta chegar até o final.

Tudo o que eu consegui na minha vida foi trabalhando mesmo. Primeiro como marisqueira, depois como balconista, pagando meus estudos até vir a ser professora. Hoje eu conto minha história para os meus alunos, conto que eu consegui. Eu sou uma vitoriosa. Eu tenho orgulho de ser professora”.

TRABALHEI COM ELE CONTEÚDO, MAS A PARTE QUE MAIS TRABALHEI FOI O EMOCIONAL

MARIA VALDILENE DA SILVA, PROFESSORA
DO ACELERA BRASIL, ESCOLA XV
DE MARÇO – CHÃ GRANDE/PE



CRÉDITO: ROBERTA GUIMARÃES

“**J**adson era um aluno que me fazia chorar, ficar sem comer. Muitas vezes pensei em desistir de dar aula por causa dele. Nunca tinha visto um menino daquele jeito na sala de aula. Fui pedir ajuda à coordenadora da escola. Era ele ou eu. A coordenadora me disse que o Acelera seria o último ano de Jadson na escola, sua última chance. Ninguém aguentava mais tanta agressividade por parte de Jadson.

Eu não podia lutar com as mesmas armas que ele. A criança passa para o professor o que ela recebe. Se ela recebe carinho, ela vai dar carinho; se ela ganha crítica, ela vai responder com violência. A gente tem que ter jogo de cintura para fazer com que eles queiram aprender, transmitir que eles são capazes e dão conta.

Propus a ele: ‘Jadson, vamos tentar fazer tudo diferente agora?’ E o menino se apegou a mim. Quando se comportava mal na sala de aula, me escrevia um bilhete assim: ‘Professora, me perdoe. A senhora está magoada, mas eu estou muito mais’.

Jadson foi meu desafio e hoje é minha vitória. Vixe Maria, trabalhei com ele conteúdo, pedagogia, mas a parte que mais trabalhei foi o emocional. Ele foi promovido no Acelera Brasil e voltou para a rede regular numa série mais próxima da sua idade”.



CRÉDITO: PAULO JOVÂNIO

ACHO QUE NA EDUCAÇÃO A GENTE PRECISA TER FÉ

GEORGINA GIACOMIM SIAN, 33 ANOS,
PROFESSORA ALFABETIZADORA
- POSTO DA MATA /BA

“Meus pais estudaram só até a segunda série. Se você mandar meu pai ‘armar’ uma conta no papel, ele não sabe. E poucas palavras ele escreve. A minha mãe escreve com muita dificuldade – ou falta alguma letra ou a grafia está errada. É igual aos meninos que estou alfabetizando, é desse jeito. Três irmãos meus só estudaram até a 4ª série. Os únicos formados somos eu e meu irmão mais novo. Eu estudei pedagogia e ele, engenharia mecânica.

A gente morava na zona rural e minha mãe achava que na roça não precisava de estudo. Digamos assim, não incentivou os estudos da gente. Mas eu fui adiante. E hoje minha mãe fica toda prosa comigo: ‘minha filha, como é que você cresceu tanto!’ Então eu me sinto realizada, profissionalmente e no meu íntimo.

Vim de uma família simples e humilde e é uma felicidade ter conquistado o que eu conquistei. Não tenho arrependimento de estar na educação. Agarrei com vontade, com força, determinação. Acho que na educação a gente precisa ter fé.”

ENSINAR É PERMITIR QUE OS ALUNOS TENHAM NOVAS MANEIRAS DE PENSAR, DE SENTIR

VÂNIA DA SILVA, 31 ANOS, PROFESSORA
ALFABETIZADORA DO COLÉGIO ESTADUAL
MENINO JESUS – TRINDADE /GO

“Essas crianças têm muita coisa para descobrir que ainda está guardada, encoberta de cinzas. Aos poucos, porque não é de primeira que consegue, a gente vai tirando as cinzas. Cada aluno tem uma expectativa, um desempenho e uma história de vida diferente, muitas vezes triste e complicada.

Na minha sala são vinte alunos. Não é que eu tenha de fazer vinte planos de aula. Mas no meu plano eu tenho que procurar chegar mais perto do aluno e individualmente encontrar uma forma de trabalhar com cada um; fazer com que cada um chegue ao que a gente espera, a vitória, o sucesso. Tem aquelas que pegam rápido e aqueles que precisam de mais dedicação e incentivo.

De fevereiro até julho, já estou com 99% da turma lendo e escrevendo praticamente tudo. Há erros ortográficos, mas os textos têm sequência e lógica. Tem muitos alunos que eu vejo e digo: ôpa, esse valeu!

Estou com 13 anos de magistério e este ano comecei a cursar letras na faculdade. Sou mãe de dois filhos e trabalho em outra escola particular para suprir minhas necessidades. Quase todas as meninas do meu tempo cresciam pensando em ser professora.

Além de passar o conteúdo do currículo, ensinar é permitir que os alunos tenham novas maneiras de pensar, de sentir; é prepará-los para o mundo que eles se deparam todo os dias quando saem da escola”.





AS FAMÍLIAS

CRÉDITO: LUNAE PARACHO



No meio do ano de 2003, 227 supervisores dos programas do Instituto Ayrton Senna reuniram-se na sede da diretoria regional de educação do Agreste Meridional, em Garanhuns (PE), para discutir as problemáticas do ensino. Uma das queixas era a falta de participação dos pais no estudo dos filhos. E a mensagem dos formadores do Instituto era para que não desistissem; lembrassem de que seu papel era acreditar em alunos a um passo da exclusão e da marginalidade. Era preciso dialogar com a família, sensibilizá-la e descobrir novas maneiras de atrair os pais à escola.

A família é o primeiro ambiente de aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Quando ela não cumpre sua função ou não se alia à escola, o preço pode ser alto. Removidas da rede regular para os programas de recuperação escolar, as crianças com dificuldades de aprendizagem traziam o desejo de possuir o que não tinham. O medo de perder o pouco que tinham, um passado que queriam esquecer e que doía no corpo.

Em uma sala do programa Se Liga em Garanhuns, dos 24 alunos da turma de 2006, apenas dois viviam com os pais biológicos. A maior parte morava com a avó; outros, com padrasto ou madrasta. Havia também as crianças que eram cuidadas por tios ou irmãos mais velhos. Histórias de alcoolismo e violência em casa eram frequentes. “Aqui, só rezando!”, resumiu a professora Nilzete.

As estatísticas no Brasil registram na faixa dos milhões de mães solteiras, de crianças sem o nome do pai na certidão de nascimento, de crianças criadas pela avó. Este contingente era a “clientela” dos programas, e que já havia se acostumado a não ter ajuda na tarefa de casa nem presença de um familiar nas reuniões da escola. Quando as famílias, porém, constatavam o impacto dos projetos e incentivavam os alunos, tornavam-se importantes parceiras.

Em 2004, a então coordenadora de correção de fluxo da Secretaria Estadual de Educação de Goiás, Marina Bretones Moura, detectara a necessidade de as escolas goianas adequarem-se à realidade.

“Falta às escolas fazerem um trabalho de qualidade e direcioná-lo para os alunos que elas realmente têm em sala de aula. E não para os alunos que elas gostariam de ter. O que a gente percebe muitas vezes é que o professor planeja uma aula para aquele aluno que ele sonhou ter na sala. O professor precisa ver o que a criança que ele tem dentro da sala de aula necessita de verdade e conseguir desenvolver seu potencial. Para tanto, mexemos na carga horária do educador. Ele passou a ter um acréscimo de dez horas remuneradas para voltar no contraturno e dar reforço escolar aos alunos com dificuldade.”

A família também tem que contribuir. O mínimo que ela pode fazer, e que muitas vezes não faz, é acordar a criança para ela ir à escola. Se o pai não pode ajudar o filho nas tarefas escolares, ele tem que pelo menos dar condições de o filho fazer a tarefa sozinho. Chega na escola, a criança diz que não fez o dever porque teve que lavar vasilha, lavar roupa... Tem pai que leva o filho para fazer compras no horário da aula... É por isso que os supervisores fazem reuniões de pais com frequência para dizer o que eles podem fazer para que seus filhos tenham um bom rendimento.”

Nos programas do Instituto, inúmeras crianças tentavam mudar a sua verdade todos os dias. Em Guarabira (PB), Wanúbia ensinara o pai a assinar o próprio nome. Ana Paula, em Vicência (PE), incentivara a mãe a voltar a estudar. Daniel, de uma família com 18 filhos, em São José do Egito (PE), não descansou enquanto não viu a mãe largar o vício da cachaça. Conversou, socorreu nas crises, pediu ajuda aos parentes, rezou na igreja da cidade.

Quando a escola funcionava, os alunos “funcionavam”, e passavam a ser um elemento de transformação nas famílias. Aos solavancos, trilhavam um caminho em que cada polegada de luz e sombra tinha um valor inestimável.

VIM ESTUDAR AGORA, AOS 40 ANOS, POR CAUSA DA ANA PAULA

MARIA DO CARMO DA SILVA, 40 ANOS,
DONA DE CASA, VICÊNCIA/PE

“Eu ficava bestinha quando as meninas passavam em frente de casa arrumadas pra ir pra escola. Eu não podia estudar porque minha mãe achava que eu ia ficar passando bilhete pra namorado na aula. Vim estudar agora, aos 40 anos, por causa da Ana Paula. Minha filha ficou sem aprender porque a escola era longe. Quando construíram uma perto de casa, ela estava já com nove anos e fez o 1º ano.

Daí veio o Se Liga. Eu me sentava com meu marido e Ana Paula ficava lendo pra gente, quando voltava do programa. O livro que ela mais gostava era o do passeio da galinha, que ia caminhar à tardinha, passava por cima do cercado, pulava a carroça e chegava bem pro jantar.

Um dia Ana Paula me disse: ‘mãe, vai começar a aula pros adultos de noite, vai estudar!’ E eu fui e já aprendi a fazer meu nome. As letrinhas que eu não sei juntar, minha filha junta e me ensina. Agora ela tá no Acelera, pra melhorar mais. Ela já sabe ler e escrever no quadro e fala que eu sei quase do mesmo jeito que ela.”

EVANDRO MUDOU DA ÁGUA PRO VINHO

DIVINA ALMEIDA LAURA,
49 ANOS, DOMÉSTICA, PALMAS/TO

“A gente mora na roça e não tem condições de comer nem o pão de cada dia. A gente passa dificuldade de tudo. Vive de um aluguelzinho de uma casinha que eu tenho, de 130 reais. E também de um programa de assistência que a polícia dá pro meu neto Evandro. O pai do menino, que era meu filho, era da polícia. Mas ele não existe mais não, ele se foi. A mãe do Evandro também se foi, e não tem mais nada a ver com o menino. Eu que crio ele desde os três meses de nascido.

Eu botei na escola, mas era muito difícil ele passar de ano. Se pudessem abrir o juízo dele e colocar alguma coisa dentro... Mas isso é uma coisa que ninguém faz... Só esses programas mesmo que fez. Evandro só dizia assim: ‘vó, não passei.’ E não queria ir mais ao colégio não. Eu não tinha condições de pagar uma professora particular a ele. Quando surgiu o Se Liga, eu digo: vai! Mudei tudo lá nos horários do projeto de assistência da polícia pra ele poder estudar no Se Liga e no Acelera.

Evandro mudou da água pro vinho. Esse menino nunca aprendeu nem a fazer o nome dele, com dez anos de idade, e hoje ele lê tudo. Eu não sou senhora do saber e o estudo é a única herança que posso deixar pro Evandro. Essa ninguém vai tomar porque tá dentro da cabeça dele”.



CRÉDITO: CLEUDIVAN ARAÚJO

RODOLFO SEVERINO É MEU FUTURO, MEU TUDO

ROSA MARIA GOMES,
56 ANOS, SIRINHAÉM/PE

São 8 horas de uma manhã abafada e opaca na Escola Municipal João XXIII. O quadro negro tem uma rachadura no meio, o abecedário na parede ameaça despençar. Não há cortinas nas janelas para proteger do mormaço. A professora Edna chama os alunos para escreverem, um de cada vez, uma frase na lousa. *A faca é da mamãe*, escreve Inaldo. Quando termina, num ímpeto solta o giz e os braços para os lados e olha de canto os colegas. Compenetrado, Joel senta-se no fundo da sala, tira uma faquinha do bolso e com ela aponta o lápis. Lê baixo e rápido para si a história no livro sobre o garoto que aprende a ler. Coça a ponta do nariz, engole em seco, descansa o rosto sobre a mão esquerda, enquanto a direita distrai-se com a ponta da orelha. Ri e inclina o corpo sobre a mesa. “Ô professora, esse cabra do livro é macho mesmo. Aprendeu a ler tudinho”.

Fora dos livros também havia cabra macho para valer, como Rodolfo Severino Alexandre, que deixava a mãe prosa que só. *“Eu nunca pude estudar porque era mulher. Meus irmãos foram pra escola e eu não. Por isso fiz questão de matricular meu menino nos estudos. E eu tava no fundo do poço porque meu filho chegou aos nove anos de idade sem saber ler. As coisas não entravam na mente dele. Rodolfo Severino é meu futuro, meu tudo. E aprender a ler já é tudo, né? Depois que ele entrou neste programa de alfabetização, ele já tá lendo até a Bíblia. Quando o menino lê pra mim, eu não paro de chorar. Aí ele diz: mainha não vou ler mais não, porque a senhora tá triste. E eu digo pra ele: ô meu filho, eu tô chorando é de alegria”*, emociona-se a agricultora Rosa Maria Gomes.

EU FAZIA UM SACRIFÍCIO DANADO E NADA DE CAIO ESTUDAR

FRANCISCA LEANDRA FERREIRA,
44 ANOS, CEDRO/PE

Há seis anos, a comerciante Francisca Leandra Ferreira, “pelejava” para fazer o filho interessar-se pelos estudos. Matriculado em uma escola particular no Sertão do Araripe, Caio, 12 anos, era, bem dizer assim, um desgosto para a mãe. *“Ele repetiu uma vez o 1º ano e o 2º, e três vezes o 3º ano. Não lia, não escrevia. Ia para a escola chorando. Mordia as professoras. Pensei que ele fosse doente. Levei a uma psicóloga; o menino fez seis meses de tratamento e depois a médica disse que ele não tinha nada”,* desabafa Francisca.

Dona de uma lojinha de roupas no centro de Cedro, Francisca é elite no sertão. Para ver o filho progredir, fez qualquer negócio. Além de pagar o colégio particular, passou a dar dinheiro para o menino ir à aula. *“Eu repetia de ano, era sempre o mais velho da turma. Pedi pra mainha me tirar da escola e ela não tirou. Então eu resolvi que só ia se ela me desse um real todo dia”,* justifica Caio.

Depois a mãe lhe prometeu uma bicicleta, se passasse de ano. Caio não passou, mas mesmo assim ganhou o presente. Desanimada, Francisca decidiu transferir o menino para uma escola pública. *“Paguei pra estudar e não adiantou. Quantas vezes levei ele no braço, me mordendo. Aí desisti, coloquei numa escola do estado”.*

O que Francisca não imaginava é que a escola pública resolveria o problema. Caio foi alfabetizado no Se Liga e recebeu acompanhamento individualizado, dentro do seu ritmo de aprendizado. *“Hoje Caio não dá trabalho pra pegar nos livros. E nunca mais me pediu um centavo. Eu fazia um sacrifício danado e nada de Caio estudar. Eu sei que agora não tô gastando nada e tô achando melhor. Caio já lê umas coisinhas e faz anotações pra mim sem faltar uma letra”,* comemora Francisca.

MINHA MÃE FALOU QUE EU TINHA QUE CONTINUAR A VIDA

EMIVAL DA COSTA PAZ,
13 ANOS, CIDADE DE GOIÁS/GO



CRÉDITO: GERLIND CARVALHO

“Eu bombei três anos o 1º ano e agora estou no 2º. Eu quero muito me formar, fazer alguma coisa de útil da minha vida pra poder cuidar da minha mãe, Divina Fernandez, e meu irmão mais novo, Maicon Douglas, de sete anos. Minha mãe faz aqueles negócios de trabalhar na casa dos outros. Empregada, né?

Meu pai verdadeiro, Osvaldo, não mora com a gente. Minha mãe largou do meu pai quando eu tinha cinco anos. Ele bebia e ficava dando uma de galã. Sabe como é gente bêbada... Mas eu na época não entendia isso e

quando eles se separaram quis ir morar com meu pai e meus tios na fazenda. Morei quatro anos lá e ajudava meu pai no serviço, esses trens de roça. Queria estudar, mas minha tia dizia que a escola não prestava. Ela nunca tinha visto uma sala de aula e disse que eu não precisava dessas coisas. Todo mundo achava que eu não ia ser nada na vida porque um dia eu caí de bicicleta e bati com a cabeça.

Com nove anos, eu quis ir morar com a minha mãe de novo e meu padraστο Emerson, que é vaqueiro e muito bão de cavalo. Minha mãe me colocou na escola. Eu achava que nunca ia passar de ano. Não sabia escrever sílaba nenhuma, não conseguia juntar as letras pra ler. Não sabia fazer uma conta. Sentia um desgosto... O Pimpolho, um colega meu, é quem me ajudava. Eu ficava na rua direto e entrava na sala só quando faltava uma hora pra acabar a aula. Peguei raiva da professora e dos meninos da turma que sabiam ler e escrever.

Quando entrei no Se Liga, disse à professora que era burro. E ela falou assim: ‘menino, não fale mal do burro não; o burro é um animal muito inteligente.’ Aí eu comecei a aprender. De pouquinho em pouquinho até ler um livro de 54 folhas num dia! Até bula de remédio eu leio agora pra minha mãe em casa. Ela tá orgulhosa. No dia do meu aniversário, ela me beijou, me deu almoço, me desejou muitos anos de vida e me deu uma calça amarela que eu boto pra ir na igreja.

Eu era muito triste, pensava em me enfiar debaixo de um carro. Não me sentia à vontade na escola. Mas na sala do Se Liga eu me sinto bem. Eu sou o primeiro a terminar a tarefa, junto com a Lorraine, a Fátima, a Mirele, a Sidivânia e o Mivando. Alegre, alegre de verdade eu nunca mais vou ser porque eu perdi uma parte do meu coração. Faz um ano que meu irmão Edvaldo, de doze anos, morreu de câncer na bexiga. Ele ficou doente dois anos. A gente ia pra escola juntos e ele pôs na cabeça que nossa mãe também ia estudar porque ela nunca tinha ido à escola.

Edvaldo fazia as tarefas da escola na cama. Eu levava o caderno dele pra aula e voltava com tudo corrigido pela professora. Depois que ele morreu, não quis mais ir à escola. Não tinha força pra estudar. Minha mãe disse que eu tinha que continuar a vida. Hoje, ler e escrever é o que eu mais gosto de fazer na vida.”



CRÉDITO: ALEXANDRE CAMPBELL

MINHA VÓ DIZ PRA MIM QUE A VIDA NO MORRO NÃO SERVE

JULIANE RIBEIRO MELO, 13 ANOS,
RIO DE JANEIRO/RJ

"Minha mãe não me botou na escola porque ela trabalhava muito e eu tinha que cuidar dos meus cinco irmãos, de parte de mãe. Da parte do meu pai, eu tenho outros, mas não sei não quantos. Um dia a nossa casa foi roubada e a gente teve que morar de favor na casa dos outros. Aí minha mãe mandou eu e meus irmãos tudo pra casa do meu pai. Ele também não me botou na escola porque não tinha responsabilidade com a gente.

Só quando fui morar com a minha vó é que ela me pôs pra estudar. Mas ainda demorou três anos pra isso acontecer porque ela ficou procurando

meu registro de nascimento. É que quando roubaram a casa da minha mãe, as coisas ficaram tudo embaralhadas. Os meus documentos foram parar na casa da minha tia. Só que a casa da minha tia pegou fogo e ela morreu. Foi com onze pra doze anos que acharam meu registro e me colocaram na escola, na 3ª série. Mas eu já não queria estudar. Eu, grande assim, só no meio de criança pequena...

Fui direto pro Se Liga e todo mundo lá teve paciência comigo. Quando eu li uma frase inteira pra professora, eu não quis mais parar de ler. Me senti mais forte, sei lá, com mais conforto na vida. Eu quero estudar pra ser empresária, ser dona de shopping, pra tirar minha vó do morro do Urubu.

No morro a casa nunca é sua, é dos traficantes. A casa onde a gente mora tem uma passagem por onde que a polícia entra quando tem esse negócio de guerra, sabe? A gente escuta muito tiro lá, mas não é violento. Só que pra quem já é mocinha como eu, morar no morro não dá. Os bandidos ficam olhando. Tem garotas na minha idade que já são mulheres de traficante e têm filho com eles. Se eu ficar vendo essas coisas, elas ficam na minha cabeça; e minha vó diz que pra mim não serve."

O VAI E VEM DAS FAMÍLIAS

Os pais mudavam de casa e de cidade cada vez que não havia trabalho na região, a plantação não vingava, a fase da colheita passava ou a usina de cana fechava. Em busca de novas oportunidades, desapareciam com os filhos sem avisar a escola, e sem levar a documentação de transferência do aluno para que pudessem ser matriculados em outro colégio. E lá se iam mais um, dois, três anos perdidos no percurso escolar. A vida nômade das famílias contribuía ainda mais para engrossar a lista das repetências na rede pública.

“Eu repeti quatro anos o 1º ano. Meus pais mudavam de cidade, eu saía de escola e perdia o ano. Em 2005, eles foram pra Ouricuri. O pai arranhou um trabalho melhor, de vendedor de sanduíche num trailer. Mas eu não fui com eles dessa vez não, porque eu tinha entrado no Acelera Brasil. Eu disse a eles: eu não vou mudar, não quero desistir de estudar esse ano de novo. Vou ficar na casa da minha tia, em Bodocó. Minha mãe falou: ‘você vai com a gente’. Aí, eu pensei: homi, eu não vou. Meu futuro é a minha escola. Eu quero ser um doutor, um advogado. Eu não gosto de ver meu pai sofrendo no pescador, machucando os pés nos espinhos. Posso ajudar estudando. E por isso eu fiquei. Hoje já acerto meu nome bem direitinho, comecei a acelerar nos estudos e assim tô chegando lá”, relatou Deuzivan Tiago Miranda Feitosa, 13 anos, de Bodocó (PE).

Entre a clientela itinerante das escolas, havia também crianças de assentamentos do Movimento Sem Terra, MST. *“Temos vários alunos com distorção idade-série que chamamos de crianças de invasão. Há muitas do MST na*



Deuzivan Tiago Miranda Feitosa

região. E as famílias se mudam bastante. As crianças são obrigadas a parar de estudar para acompanhar os pais. Acabam ficando atrasadas. Cada vez que mudam de escola, é outra realidade, outro professor. e tudo isso reflete no aprendizado”, explicou a diretora de escola de Benevides (PA), Maria Isabel de Carvalho. Como Deuzivan, tudo o que elas queriam era fincar raízes.

“Repeti muitas séries. Bem umas tantas. Meus pais viajavam de um canto pro outro, me tiravam da escola e eu não ia pra frente. Agora eles vieram pra Petrolina, pra podar as plantas e limpar a horta, e me botaram na escola. Agora eu só não vou à aula se tiver doente. Pode ser sábado, domingo, feriado, que eu vou. Rapaz, quero prestar atenção e estudar bastante porque a coisa tá feia. Não dá pra arranjar emprego bom sem leitura, não é não?”, disse Davi dos Santos Clementino, 14 anos, aluno do programa Acelera Brasil, do núcleo de moradores da zona rural de Petrolina (PE).

CRÉDITO: MICHELE ZOLLINI/ AG. BALÃO

PAIS HERÓIS, RECORTES DE UM MESMO BRASIL

"Moro na beira do rio Juruá e tenho uma filha chamada Ruanda, outro chamado Kilson; tenho ainda o Rosênio e a Vivian.. A Ruanda, a mais velha, já lê bem, escreve bem já. O que está faltando – não sei se é falta minha, ou se é falta da mãe dela, que ela não tem, ou se é falta da escola – é sobre a aparência da casa. A Ruanda chega da escola e não está fazendo como é pra fazer pro embelezamento da casa. Mas sobre educação ela melhorou muito mais.



CRÉDITO: PEDRO MARTINELLI

Eu nasci no igarapé chamado Tejeí. Eu estou contando assim porque repassaram pra mim. Eu fiz até a segunda série primária lá na escola da fazenda. De lá, vim pra Cruzeiro do Sul e comecei a trabalhar como agricultor. Eu era roceiro de uma área de terra e cresci muito sobre isso daí, ganhei bastante dinheiro. Comprei moto, uma fazenda de gado bonita, uma casinha mais ou menos, varanda, carro na frente, bacana. Na época, eu era casado mas ela me abandonou e foi embora com um índio.

Aí começou a dismantelar a minha vida. Eu passei uns anos solteiro e me ajuntei com outra mulher, a mãe dessa criança aqui. Passei nove anos trabalhando pra ela. Passei a vida de camelô. Eu ganhei bastante dinheiro também e mobiliei essa casinha aqui. Ia montar uma fazenda de gado pra ela em dois terrenos; ia dar carro pra ela, tudinho. Aí eu fui pro serviço e ela disse que não podia ir comigo porque estava doente. 'Amanhã eu vou, benzinho'. Quando eu cheguei à tarde, tava só o canto, ela já tinha fugido e carregado as coisas tudinho. Fugiu pro Amazonas. Aí fiquei por aqui; estou tocando pra frente. Eu acho difícil chegar lá, mas Deus é bom. Eu acho mais ruim porque faço parte da mãe e parte do pai deles. Essa barreira cai toda em cima de mim, esse peso, tá entendendo?

Eu acordo às quatro da manhã. Vou no rio, tomo um banho; venho pra casa e faço a aparência completa. Faço um cafezinho, bebo, acendo um cigarro. Eu acordo Ruanda, Vivian, Kilson, Rosênio; faço o acompanhamento de embelezamento deles, pra depois eles seguir o caminho da escola pra não perder aula.

A vida do analfabeto é uma vida muito dura. Você vê um analfabeto andando e vê uma pessoa sem cultura. Ruanda já sabe pronunciar a gramática, já lê textos em casa, já me mostra notas boas na escola. Anterior ela não mostrava. O analfabeto vai mostrar o quê? O cabo da enxada, se ele tiver coragem de trabalhar, chegar lá.

Eu achei um grande crescimento da Ruanda. Porque antes ela tava na escola, mas não aprendia. E também tinha a boca sebosa, que é todas as palavras que saem 'desagradativas' da boca da pessoa. Aquele peso antes de melhorar tinha sim. Agora acabou-se aquilo. Através desse projeto dos senhores, ela cresceu muito. Eu acho que ela e várias por aí melhorou muito. Fale aí Ruanda. Ela é acanhada. Tu tem que falar pra eles levarem a prova. Eu sei que achei a diferença do impulso dela, do crescimento da aula, da educação dela.

De noite, eu olho as tarefas deles, olho os cadernos; dali vou examinar alguma coisa, vou ver onde eles estão enalhado. Pra isso, eu

gosto de ir na reunião da escola. As reuniões da escola antes não servia pra mim. Eu saía do meu trabalho e ia lá, ouvia a professora, ouvia a diretora. Eu saía calado, fazia só ouvir aquilo, não tinha argumentos. Então, era tempo perdido. Não era diálogo pedagógico. Era 'improveitável' pra mim."

OZÊNIO GOMES PINHEIRO – CRUZEIRO DO SUL/AC
(PAI DE RUANDA, DO ACELERA BRASIL)

Os olhos de **Luciene Barreiro Alves**, 28 anos, são castanhos e irrequitos. Toda a sua existência, desalinhada por tristezas compridas, alegrias curtas, mas profundas; escrita pelas beiradas, entre a lucidez e a cólera, está contida nos olhos aquosos. Três de seus quatro filhos tiveram problemas na escola e passaram pelo Se Liga ou Acelera Brasil, em Beira Rio, região pobre do Tocantins, a uma hora da capital, Palmas. Graças aos programas, os meninos estão conseguindo tocar os estudos para frente e são o orgulho da mãe.

Luciene não teve a mesma sorte. Perdeu o pai cedo, precisou ajudar a mãe a cuidar dos cinco irmãos menores. Deixou de frequentar a escola no 3º ano para trabalhar de doméstica em casa de família. Ela tentou retomar os estudos, sem o apoio da patroa, que não quis ajudar 'nem com transporte nem com nada'. A escola era longe, Luciene arriscava-se no longo e escuro caminho até a sala de aula, de noite, exausta depois de uma diária pesada de trabalho. Na mesma estrada, uma moça foi estuprada. Luciene desistiu de vez da sala de aula.

Quando ficou mocinha, logo se casou, abandonou o emprego e dedicou-se ao lar e às crianças: Jefferson, 11 anos, Claudino, dez, Claudinei, nove, e Victor Daniel, cinco. A família morava na roça e a escola mais próxima ficava a quatro quilômetros de distância. De geração em geração, os problemas eram iguais. Os meninos perderam muita aula, estagnaram na mesma série. Mais tarde, ficou difícil o marido de Luciene manter a família com o salário de pedreiro. Arrumaram as trouxas, fecharam o barraco e foram tentar a vida em Goiânia, morando de favor na casa da cunhada. Ela trabalhou de doméstica, de novo. Ele, de boy em uma firma. Goiânia não deu certo. Em um ano, a família saiu e voltou para Beira Rio.

Jefferson, o filho mais velho, já tinha repetido duas vezes o 1º ano. E teve que se acostumar a conviver com a zombaria dos colegas até entrar no

Acelera, em 2005, em Porto Nacional. Durante 180 dias no ano, caminhou seis quilômetros a pé para ir e voltar da escola. Nunca se lamentou com a mãe, nem faltou. *"Valia a pena. Pensei que, se conseguisse aprender, podia ensinar os outros. Muitas crianças não sabem nem o que é um A e não tem professora como a tia Consuelo. Ela era muito paciente comigo"*, conta Jefferson. Compenetrado, Ele diz que está no 5º ano agora, que por esses dias fez várias provas e não ganhou nenhuma "bomba". *"Minha menor nota foi 7,5. Eu sinto que posso passar de ano como eles, os outros alunos. Não vou desperdiçar a chance de ser alguém na vida"*, decide-se.

Claudino, o segundo filho de Luciene, sabia menos que Jefferson. Repetiu o 1º ano e aos dez anos teve que ser alfabetizado no programa Se Liga. A mãe deita os olhos marejados no garoto e comenta: *"Até hoje agradeço à professora porque ela lutou muito com Claudino. Ele é muito levado! "Quero que eles tenham a chance que eu não tive. Vou aquietar em Beira Rio pra eles poderem estudar"*, promete Luciene, enchendo os olhos para os filhos.

Claudinei, o terceiro rebento de Luciene, tinha aparentemente chegado mais longe que os outros irmãos. Estava no 3º ano e nunca repetira. Só um detalhe intrigava a mãe: Claudinei passava de ano, mas não sabia ler e escrever! *"O principal não é estudar, é aprender. Eu ficava decepcionada com eles e comigo. Me perguntava onde foi que eu errei. Eu não tinha entendimento, não tinha muito pra dar!"*, desabafa Luciene, os olhos desarmados, lânguidos. Mas a vida deu uma virada. Claudinei também está sendo alfabetizado no Se Liga. *"Foi muito maravilhoso."*



CRÉDITO: CLEUDIVAN ARAÚJO

Em meio ano, Claudinei melhorou a leitura, a escrita, a caligrafia. Ele chega em casa e a gente não precisa ensinar porque eles já ganharam explicação na aula.”, exulta Luciene.

No calendário dos olhos, Luciene contou dias e noites para que os meninos retomassem o trilho dos estudos. Jefferson, que fez o Acelera, prestou concurso para conseguir uma bolsa de estudos do programa federal ProUni. Passou em primeiro lugar nas provas e ganhou 50% de desconto em todos os livros até a faculdade. “É uma alegria dentro da gente que não tem como ser expressada”, emociona-se Luciene. Os olhos estão tremidos, mas vivíssimos, para o céu.

LUCIENE BARREIRO ALVES – LAJEADO/TO (MÃE DE TRÊS CRIANÇAS DO SE LIGA E DO ACELERA BRASIL)

Petrolina, última cidade de Pernambuco, na divisa com a Bahia, é uma das maiores exportadoras de frutas do país. Quem espera encontrar por ali só seca e caatinga, surpreende-se com juncadas de manga, banana e coco pelas plantações. A área rural é dividida em zonas numeradas – Núcleos de Moradores 1, 2, 3, 4 e 5 – , onde trabalham famílias inteiras em projetos de irrigação e plantio. Os pernambucanos residem em meio à fartura, mas sobrevivem à margem dela, como Maria Ilda Amorim Pereira, 36 anos, quatro filhos entre três e dez anos de idade, e um na barriga de cinco meses.

Há dois anos, Maria Ilda e as crianças moram de favor no escritório de uma fazenda de sucos que faliu. À noite, na hora de dormir, ela espalha colchonetes pelo chão onde junta-se com os filhos. O marido trabalha na Bahia como operador de retroescavadeira e quase não vê a família. Quem mora na região, habituou-se com Maria e as crianças pela estrada de asfalto, na hora do almoço e no final de tarde. A mãe leva e busca os filhos na escola. Contando tudo, cinco quilômetros diários de caminhada, pra cima e pra baixo na rodovia.

Estudar podia ser bem mais fácil. Há um ônibus da prefeitura que passa em frente de casa — no Núcleo de Moradores 1 —, e transporta os alunos de graça para uma escola próxima. Mas lá não tem turma do Acelera Brasil. E Edicleison, o filho mais velho, precisa acelerar nos estudos. “Eu tirei meus outros meninos da outra escola pra poderem ir todos juntos na escola onde Edicleison faz o Acelera”, diz Maria Ilda. O primogênito repetiu o 2º ano. “Ele mal botava a primeira letra do nome.

Não sabia de nada de jeito nenhum. Desenvolveu bastante neste programa”, alegra-se a mãe.

Maria Ilda estudou até o 5º ano, mas os filhos ela quer ver formados. “Quando eu preciso fazer duas continhas, Edicleison ligeirinho vai e faz. Ele faz a listinha com o preço dos produtos, arroz, fubá, leite, feijão, macarrão. Pra mim a coisa mais alegre do mundo é que a professora elogie ele”. Edicleison ouve a mãe falar e ri.

MARIA ILDA AMORIM PEREIRA – PETROLINA/PE
(MÃE DE EDICLEISON, DO ACELERA BRASIL)

“Eu sustento a família com um salário mínimo. O meu marido morreu e eu vivo só com meus quatro filhos. Onde eu morava, no Alto Juruá (PA), não tinha escola perto não. Vixe, era bem longe. Eu fui criada trabalhando braçal mesmo, em seringal, roçado, na enxada, em casa, essas coisas assim. Toda vida tive esse costume. Só por hora o que não sei fazer é cortar na motosserra. Cortar eu ainda corto, só não sei serrar. Eu não tenho inveja de todos os homens que trabalham pesado. Eu não tenho, não. Tenho que me virar de qualquer jeito com meus filhos, né. Eu sou pai e a mãe deles dentro de casa.

Eu queria estudar à noite, mas não pude porque fui acidentada e tenho problema na minha cabeça; eu não aguento, dói a minha cabeça demais. Se eu não fosse doente do acidente, tenho certeza que eu já sabia bem. Neguinha, se Deus quiser, quero que meus filhos tudinho, todos quatro, forme os estudos. Se eu for viva, enquanto eu for viva, eu quero que eles formem. Hoje em dia sem estudo a pessoa não arruma emprego, não faz nada, nada, nada. Eu escuto jornal essas coisas assim e vejo que em 2010 pra frente quem não souber ler acabou-se, não pode receber bem em nada. Aí eu faço tudo pra ter os estudos deles e comprar material de estudo, que é tão caro.

Minha preocupação é que minhas meninas qualquer dia já começa namorozinho; já vai jogando os estudos de banda, se pegando a passeio. Por isso eu sou firme. Até hoje elas não passeiam e nem no rio elas não vai. É só da escola pra casa. É a obrigação delas, me ajudar de manhã em casa e de tarde ir pra escola”.

TERESINHA TEÓFILO DA SILVA – CRUZEIRO DO SUL/AC
(MÃE DE DOIS FILHOS NO ACELERA BRASIL)



CRÉDITO: MICHELE ZOLLINI/ AG. BALÃO

Maria Ilda Amorim Pereira





LONGE DA ESCOLA:

o trabalho infantil e outros motivos

CRÉDITO: IVAN FRANCHET



Na sala de aula do *Se Liga*, a professora Janaína debruçou o corpo sobre o caldeirão de alumínio que ocupava a mesa de trabalho, ao lado de cadernos, giz e canetas. Distribuiu com precisão macarrão e feijão em canequinhas que logo chegavam às mãos da criançada. Dos 25 alunos que consumiam avidamente a merenda, 21 trabalhavam no contraturno. Ajudavam a família nos fabricos ou facções de jeans (fábricas de fundo de quintal).

Renan entregava os cortes de brim nas fábricas. Jadil pregava botões. Adelson dobrava as peças e cortava os bolsos. Wellington passava na máquina as tiras das calças. Aléssia costurava o fecho lateral e arrancava as linhas soltas. Dependendo da quantidade e da rapidez, o trabalho podia render bem. Aos 12 anos, Felipe, por exemplo, pregava três mil “olhos de peixe” (taxas decorativas de metal) por semana e chegava a ganhar R\$ 90,00.

A cidade de Toritama, onde estudavam os alunos do *Se Liga*, respondia por cerca de 15% da produção nacional de jeans. À época da

reportagem, em 2010, o pequeno município do agreste pernambucano abrigava indústrias que geravam cerca de dois milhões de peças ao mês.¹

“A gente torce para as feiras não serem boas no domingo, porque aí sobra mercadoria e as crianças não precisam faltar à aula para ajudar os pais no fabrico. Muitos pais não querem os filhos na escola. E nem as crianças querem estudar porque o trabalho na cidade é fácil e rende. Eu sei que o dinheiro circula em Toritama, mas a educação ôh... tá lá embaixo”, afirmou a coordenadora de correção de fluxo da rede municipal, Sheila Alves, 40 anos.

O trabalho infantil sempre foi um tema enredado de tratar. Faz parte do compromisso de parceria entre o Instituto e os municípios a garantia de que os alunos tenham seu tempo integralmente voltado para a escola. As redes escolares confrontavam-se todos os dias com crianças que trabalhavam. As equipes eram orientadas a procurar soluções junto à família e, quando não havia jeito, encaminhar o assunto para o Ministério Público. A “briga” era difícil. Tirar os alunos da linha de montagem significava reduzir a renda familiar. E as crianças resistiam em abrir mão do dinheirinho no final do mês. Poucas lamentavam ter de costurar ao invés de brincar e estudar, embora soubessem ser o certo.

Se em Toritama trabalhar podia até ser divertido, não era uma verdade em outras regiões do país.

“Eu tava no 2º ano com 11 anos e não lembro quantas vezes eu repeti. Foram muitas. Sempre que eu ia terminar o ano, meu pai me tirava da escola pra ajudar a vender abacaxi, banana e goiaba na feira. Este ano eu aprendi a escrever e a ler no programa Se Liga. Já sei fazer o nome da minha mãe, Maria José Caetano; do meu pai, Manoel José Caetano da Silva; e dos meus irmãos, Willian, Erlaine e Aline. O Willian também tá aprendendo no Se Liga. Quando eu chego da escola, meu pai fala que estudar é besteira. Eu digo pra ele que se fosse besteira eu não tava sabendo escrever o nome deles tudinho lá em casa. Nem meu pai, nem minha mãe sabem ler e escrever. Mas minha mãe não acha que é besteira ir pra escola. Ela briga com o pai pra eu ir pro Se Liga. E diz que ela mesmo vai ajudar ele na feira no meu lugar. Mas não, meu pai quer que eu fique o tempo inteiro com ele, vendendo. E minha mãe diz assim: ‘Manoel, você tá explorando o menino, porque ele quer

¹ Em 2019, a cidade tinha mais de três mil empresas de confecções, cinco mil pontos de venda, e produziu cerca de 60 milhões de peças, segundo dados da prefeitura municipal.

estudar e não tá tendo oportunidade”, contou José Caetano Pereira, 12 anos, aluno da Escola Municipal Maria de Lourdes Lima de Almeida, em Pesqueira (PE).

Em Santa Rita (PB), a experiência de Orislan Mateus Dias, 12 anos — rosto vívido e franco, as mãozinhas com calos, o encanto tardio com as letras — era parecida. *“Ajudo meu pai a cuidar e vender porcos e também faço frete. Como sou o mais velho dos seis irmãos, ainda tenho que cuidar da casa. Por isso não dei conta de estudar. Eu fui reprovado no 4º ano porque lia e escrevia errado. E agora no Se Liga eu faço textos belíssimos. Pelo menos a professora acha; só erro algumas frases e pontuação. De noite, eu não paro de ler. Quando tenho uma folguinha, escrevo*

as minhas historinhas. Escrevo que o sufoco já passou e que não paro de me esforçar. Eu quero ser escritor, acho que é uma boa profissão. Não é não?”, observou Orislan.

Muitos alunos tinham que cuidar dos bezerros, cortar talo de capim, juntar estrume para os bois, vender na feira, cavar poço, carregar água, aguar verduras, pegar lenha no mato, lavar carros, catar lixo. *“Trabalhava na rua vigiando carros e chegava em casa de madrugada. Aí eu bombava nas provas, né. Repeti seis vezes de ano. Tenho seis irmãos e quatro vigiam carro que nem eu. Agora eu tenho meu próprio ponto na rua. E pra não ter que trabalhar de noite e perder mais aula, eu coloco alguém pra vigiar no meu lugar”*, relatou Maycon Gomes,



Orislan Mateus Dias

CRÉDITO: FÁBIO CORREA



CRÉDITO: MANO DE CARVALHO.

Maycon Gomes

16 anos, de Trindade (GO), que cursava o 4º ano quando entrou no programa Acelera Brasil.

Apesar de ser encarado como vilão da aprendizagem, o trabalho infantil também podia encobrir a falta de compromisso da escola em manter o aluno nos bancos escolares. Nos programas, as faltas eram consideradas um problema pedagógico, que impactava o desempenho escolar, e não meramente administrativo.

Meire Estefani Alves Moura, 12 anos, havia repetido três vezes o 1º ano em Palmas (TO) porque faltava demais. *“Tinha que ajudar no serviço de casa. Eu só ficava pensando como é que eu ia fazer pra mim sair daquela série que eu não aguentava mais. Vinha a prova no final do ano e eu nunca que passava. Quando cheguei em casa e contei pros meu avós que eu tinha repetido de novo, eles falaram: ‘tira ela da escola’!”,* lembrou Meire, alfabetizada aos 11 anos no Se Liga.

Havia demonstrações, no entanto, de que a escola possuía meios de intervir na frequência dos alunos. O depoimento da coordenadora de correção de fluxo da rede estadual de Sergipe, Ada Augusta Bezerra, em 2005, era a prova. *“O Ensino Fundamental registra taxa de abandono de 25% ao ano. Estamos fazendo um trabalho, junto com o Instituto e o Ministério Público, para que todos os professores de todas as turmas do programa Se Liga e do Acelera Brasil preencham fichas diárias de*

frequência dos alunos, e encaminhem à direção da escola para que sejam tomadas providências junto às famílias. Quando isso não der certo, serão acionados o Conselho Tutelar e o Ministério Público. Em casos extremos, existem as sanções: o pai pode perder a guarda do filho ou ser processado por crime de abandono intelectual. Estamos conseguindo, com conscientização e esclarecimento, evitar as faltas. As razões para as ausências dos alunos quase sempre são as mesmas por aqui: ajudar no sustento da família. E a gente orienta os pais a respeitarem o horário da escola”.

Pernambuco também havia montado uma operação de guerra, em 2003, contra as faltas dos alunos e o trabalho infantil. A Secretaria Estadual de Educação estabeleceu em conjunto com o Ministério Público e as redes escolares municipais um monitoramento especial – que envolvia até a capacitação de diretores de escolas – da presença do aluno em sala de aula. Em três municípios, o Ministério Público chegou a intimar oficialmente alguns pais para que explicassem por que as crianças estavam fora das salas de aula no período escolar.

Nas turmas do programa Se Liga na cidade de Rio Formoso (PE), por exemplo, a mobilização fez o índice de frequência naquele ano subir de 58% para 80%. O município envolveu igreja, líderes comunitários, Conselho Tutelar e Promotoria para, de porta em porta, falar aos pais sobre a importância de mandarem os filhos à escola. A “guerrilha escolar” contra o trabalho infantil começava dentro da sala de aula, no



CRÉDITO: CLEUDIVAN ARAÚJO

Meire Estefani Alves Moura

olhar mais atento do professor, sob o olhar ainda mais atento do diretor. *“O professor não vai mais fazer uma chamada só baixando a cabeça e contando 1, 2, 3. Não, tem que chamar pelo nome, para identificar a criança no dia a dia. Hoje eu tenho uma turma de 6º ano onde faltaram 12, de 39 alunos! Eu preciso saber o que foi que aconteceu. Além do acompanhamento feito pelo professor, conversei também com a supervisora para que ela veja quais foram os alunos faltosos e a razão das faltas”,* ressaltou, em São Luis (MA), a diretora Evanir Braz Torres, da Escola Humberto de Campos.

Algumas redes escolares haviam incorporado a ideia de que os alunos do Se Liga e do Acelera Brasil eram crianças da UTI escolar. As faltas eram quase inaceitáveis dentro dos programas. Para que todos comparecessem às aulas, as estratégias eram criativas. O município de Castelo do Piauí (PI) criou em 2010 o projeto *Pedalandando pelo Sucesso*, que disponibilizava bicicletas para mais de cem alunos que moravam distantes até três quilômetros da escola. O que era mais uma razão para “matarem” com frequência as aulas. A média de faltas por aluno ao ano na cidade era de 5,9. No ano seguinte, o município já registrava menos de duas faltas por criança.

A Escola *Benjamin Soares de Carvalho*, em Teresina (PI), também havia tomado para si a responsabilidade de manter as crianças na escola. Os bons resultados vinham principalmente do pulso forte da diretora Nora Nei:

“A evasão era grande e a escola por qualquer coisinha despachava os alunos cedo pra casa. Agora, a gente faz reunião fora do horário da aula, ou aos sábados, pra não ter que liberar ninguém antes da hora. Também criamos o projeto Pedalar. Se o aluno tiver duas faltas consecutivas, a gente manda um profissional ir lá na casa dele de bicicleta, comprada pela escola, para saber o porquê. Na maioria das vezes, é por falta de responsabilidade dos pais. Em outros casos, é porque não tem comida em casa, não tem sapato pra calçar. E agora eu digo: ‘pode vir descalço, que vai assistir aula do mesmo jeito que os outros’.

E assim nós conseguimos aumentar a frequência. Os alunos com dificuldade recebem reforço no horário complementar e atividades diferenciadas dentro da turma. Cada criança é uma história e a gente tem que trabalhar de acordo com a realidade dela”, contou Nora Nei.

Havia outro motivo que afastava as crianças dos livros, antes mesmo das faltas. Em uma contagem informal, de cada cinco alunos

entrevistados, pelo menos dois iniciavam tardiamente os estudos por não terem registro de nascimento. Os pais acreditavam que, sem a certidão, a escola não iria matriculá-los. As crianças cresciam, então, à margem dela. Sem documentos, sem existirem estatisticamente para serem incluídas nas políticas públicas. Sem a oportunidade de exercerem a cidadania por meio do estudo. As famílias não sabiam, e a escola nem sempre informava, que é obrigação legal dos estabelecimentos de ensino disponibilizar vagas para toda criança em idade escolar, tendo ou não documento.

Morar em área rural era outro problema. Em 2010, em Boca do Acre, no Amazonas, pelo menos 22 crianças dos seringais, na faixa etária entre dez e 14 anos, pisaram pela primeira vez em uma sala de aula. Francisco da Rocha, diretor da Escola *Ricardo Carneiro* — que tinha como *sui generis* endereço *“a margem esquerda do rio Purus descendo”* —, embrenhou-se em uma caminhada de duas horas pela mata naquele ano para buscar em casa três irmãos iletrados — a mais velha, com 14 anos —, e matriculá-los na escola.

Os coordenadores dos programas estimavam que o número de analfabetos na região fosse bem maior. Havia localidades distantes até quatro horas da cidade onde as catraias não chegavam. As crianças que viviam por ali não somavam número suficiente para justificar a criação de uma escola. Os pais, em sua maioria, não tinham estudo e pensavam não ser o primordial para os filhos. Em 2010, a taxa de analfabetismo rural em todo o Brasil, entre crianças de 10 a 14 anos, era de 8,4% (Censo IBGE)².

Nessas regiões do mapa, as escolas tinham que brigar também com o meio ambiente para manter os alunos nos bancos escolares. Na rede de ensino de Cruzeiro do Sul (AC), havia casos de alunos que contraíram malária até cinco vezes no ano. A cada contaminação, ficavam quinze dias sem ir à escola, engrossando as porcentagens de reprovação por falta no município. A escola ribeirinha *Rui Barbosa* guardava na secretaria uma pasta só com notificações de malária. O nome de Mariel Maciel, 11 anos, estava lá. *“Eu já fui esbarrar no hospital duas vezes. As pernas fica bamba, dá uma dor de cabeça. Mas meu irmão ficou pior do que eu. Eu tomei só dois litros de soro, ele tomou três”,* relatou.

2 Em 2018, 2% das crianças entre 6 e 14 anos em todo o Brasil não estavam matriculadas na escola; no Amazonas e no Acre, elas somavam 2,9% e 2,4% (Anuário Brasileiro da Educação Básica/Todos pela Educação).





MOSAICO DA ESCOLA PÚBLICA

CRÉDITO: ROBERTA GUIMARÃES

Pontuando todo o Brasil, os programas educacionais do Instituto Ayrton Senna revelavam um grande e heterogêneo mosaico da escola pública, com tudo o que ela tem de bom e de ruim, e bem longe de esgotar o debate. Uma série de questões emperravam o aprendizado. Com base nelas, o Instituto Ayrton Senna elencou indicadores – comprovados em pesquisas e avaliações – que impactam positivamente em sala de aula. O primeiro deles é o *cumprimento do calendário escolar*, diretamente relacionado ao desempenho dos alunos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBA) estabelece para a educação básica a carga horária mínima anual de 800 horas, distribuídas por 200 dias letivos. A jornada escolar tem que incluir pelo menos quatro horas de aula por dia. Não entram nesta conta o tempo reservado aos exames finais nem o destinado ao intervalo ou ao recreio. As reuniões pedagógicas e as festas escolares também não fazem parte do calendário escolar. Não era, no entanto, o que se via no dia a dia da escola.

“Tem muita festa durante o ano. Tem muita coisa pra comemorar, dia do índio, da mãe, do pai, da árvore, da cultura, da criança, do professor, dia do não sei o quê, fora as datas comemorativas do estado e do município. A criança perdia em torno de vinte aulas porque os 200 dias letivos incluíam todas essas coisas aí. Agora não, toda e qualquer festividade acontece fora do calendário escolar”, destacou Ana Maria de Oliveira, Secretária Municipal de Educação de Cruzeiro do Sul (AC), em 2008. Na adoção dos programas do Instituto como política pública, um dos compromissos da parceria era o cumprimento do calendário.

Em diferentes municípios, os profissionais envolvidos nos projetos lutavam para acabar com culturas arraigadas. Havia várias situações em que os alunos eram dispensados sem que os dias do calendário fossem repostos. Algumas inusitadas, como em Areias (PB), onde uma escola municipal fechou as portas no dia em que a mãe do ex-prefeito, querida pela comunidade escolar, faleceu.

A frequência do professor era outro indicador difícil de lidar em algumas regiões do país. O depoimento de Lindinalva de Oliveira, 45 anos, diretora da escola Josevan Ribeiro Bonfim, em Palmeirais (PI), era emblemático:

“Vários professores faltam. Faltam muito. Professor aqui falta demais. Muitas vezes ele falta numa segunda-feira e marca reposição para o sábado. Só que no sábado, em vez de 25 alunos, vão cinco pra aula dele. Sábado passado, por exemplo, não foi nenhum. E aí o professor faz o quê? Se os

Para que os alunos tivessem vontade de aprender dentro da sala de aula, fora dela era preciso uma vontade ainda maior. A educação pública de qualidade tinha que ser o pódio em uma corrida de obstáculos.



alunos não apareceram, o problema não foi dele, pois estava lá na escola. Então ele registra no calendário como aula dada. Isso aconteceu com quatro professores na semana passada. No final, quem perde conteúdo são os alunos. Se eu disser que a carga horária fecha no final do ano, vou estar mentindo. É raro de fechar. Em 2011, até professor pra Secretaria de Educação eu já encaminhei justamente por causa de falta. Aqui em Palmeirais, o educador escolhe a série em que quer ser lotado e muitas vezes não tem nem aquele aperfeiçoamento pra aula que vai ministrar. Já vi professor de português dar aula de inglês, só pra poder ficar na escola que ele quer. E onde precisa da aula de português, este docente não vai.”

A quantidade de livros lidos pelos alunos, de acordo com os indicadores do Instituto, também contribuía para o rendimento escolar. Somente

35% das escolas públicas de Ensino Fundamental contavam com biblioteca ou sala de leitura (Censo Escolar 2010). A média de livros que o brasileiro lia por vontade própria era de 4,7 ao ano (Instituto Pró-Livro 2008). Os números sofreram pouco acréscimo de lá para cá.¹ Leitura não é hábito no país. Em inúmeras escolas do interior, além de não terem biblioteca para frequentar, os alunos estudavam com livros didáticos emprestados pela escola. No final do curso, tinham que ser devolvidos para serem utilizados por outra turma.

Em Piçarra (PA), nenhuma das 36 escolas municipais possuía biblioteca até 2011. Havia uma única biblioteca pública no centro da cidade, porém... *“Quase não vejo aluno da minha escola por ali. Talvez falte incentivo do próprio professor, de passar indicação de leituras ou títulos para pesquisa. Mais difícil ainda é ver um educador lá, pesquisando nos livros”,* comentou Edinéia Ferreira, 37 anos, coordenadora de correção de fluxo escolar da rede municipal.

Em Irituia, também no Pará, era a mesma coisa. A coordenadora Francisca Edna Leite dos Santos, 46 anos, dizia que os educadores estavam estagnados quando o assunto era livro. *“Eles não tinham o hábito de ler. Então como eles poderiam formar um aluno leitor? A aula era aquela coisa mecânica, de passar o conteúdo e pronto, acabou. Nós percebíamos essa acomodação, esse marasmo dos professores. Mesmo aqueles que haviam cursado pedagogia e letras na universidade entravam na sala de aula só dizendo: ‘menino copiiiia’, lembrou Francisca.*

O Acelera Brasil contribuiu para a mudança. *“A leitura do professor evoluiu e a do aluno evoluiu junto. O projeto tem uma meta de 40 livros lidos por aluno em um ano. Isso exige que o professor também leia os livros, pra saber de fato se a criança leu ou não. O resultado é que tanto os alunos quanto os professores se animaram com a leitura e ficaram mais criativos em geral”,* comemorou Francisca.

Para que os alunos tivessem vontade de aprender dentro da sala de aula, fora dela era preciso uma vontade ainda maior. A educação pública de qualidade tinha que ser o pódio em uma corrida de obstáculos. *“Eu nasci em uma pequena cidade e tive a oportunidade de estudar e*

me formar longe daqui. Voltei pra minha terra e consegui como prefeito diminuir a criminalidade no município, que era de um homicídio por mês. Acredito que a educação é uma forma de multiplicar o bem, sair da escuridão para a claridade. A bola de neve começa a se formar na sala de aula. É preciso acima de tudo vontade política de inovar e coragem de fazer. Ou existe isso ou o Brasil vai ficar marcando passo,” ressaltou o então prefeito de Cortês (PE), Ernani Borba.

Um ótimo ensino público não dependia exclusivamente de mais ou menos verbas em caixa. *“Somos um estado pobre, investimos o mínimo fixado por lei, pouco em relação a outros estados. Os recursos ajudam, mas não são o ponto principal. É preciso fazer uma análise em relação ao querer do funcionário, do professor, do gestor da escola. Tomo como exemplo duas escolas que recebem os mesmos recursos. Por que uma funciona bem e a outra não? O financeiro é necessário, mas não é tudo”,* avaliou a ex-secretária estadual de educação da Paraíba, Maria América de Assis Castro.

Tampouco era preciso reinventar a roda na educação, como observou a ex-secretária estadual de educação do Tocantins, Maria Auxiliadora Seabra Rezende:

“Não existe nenhuma solução mágica na educação. O que é essencial é a busca de resultados; o trabalho com os números, representando gente, sendo apropriados e gerando ações e políticas públicas. O maior referencial dos programas do Instituto para estados e municípios é a possibilidade de mergulharem em sua realidade educacional, conhecerem seus dados. E, a partir daí, programar ações de intervenção e monitoramento.

Para tudo isso, a gente tem que mexer na estrutura interna da Secretaria de Educação e mostrar para o governo do estado que isso é prioridade, definindo recursos e formas de acompanhamento. Percebo os secretários de educação preocupados em não deixar que os programas do Instituto sejam vistos como política de governo, mas sim como políticas de estado. Eles respondem a uma demanda real, de responsabilização por uma realidade que é nossa e na qual temos que interferir. Em inúmeros estados e prefeituras, vi a educação, assim como outras pastas, ficarem atreladas à política. Em função disso, vários programas — incluindo os do Instituto, que tinham resultados em uma gestão — foram simplesmente descontinuados quando a próxima gestão não pertencia ao mesmo grupo político. E aí...tome a reinventar a roda de novo a cada quatro anos de mandato”.

¹ Segundo o Censo Escolar 2017, 38,9% das escolas municipais de EF têm biblioteca. Nas regiões Norte e Nordeste, há municípios em que menos de 20% dos colégios possuem um espaço com livros. Em 2016, o brasileiro leu a quantidade anual média de 4, 96 livros (Retratos da Leitura no Brasil /Instituto Pró-Livro).

ACELERA BRASIL FOI MUITO ALÉM DE SUA PROPOSTA ORIGINAL

INÊS KISIL MISKALO¹



CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA

Tive o privilégio de participar do Acelera Brasil, um programa que começou despretensioso, que apenas se propunha a ser uma solução para a regularização do fluxo escolar, mas que trazia em seu âmago a força e o poder de desvelar a educação formal, de apresentar evidências das mudanças necessárias para o pleno desenvolvimento de crianças e jovens, e de mobilizar educadores, governantes e empresários, em uma explícita relação de colaboração e complementaridade.

Quando assumi sua liderança, em 1999, estava em curso a fase de validação do programa em parceria com as redes de ensino de 24

municípios de todas as regiões do país, iniciada em 1997. Embora o Acelera ainda estivesse em fase de protótipo, já havia despertado o interesse de outras redes de ensino, inclusive estaduais, e duas delas – Goiás e Espírito Santo – implantariam a parceria, mesmo sem a validação concluída.

Naquele momento, redes de ensino buscavam alternativas para superar a distorção idade-série e, como os primeiros parceiros já manifestavam satisfação com os resultados dos dois anos de implementação do Acelera, promoveram a divulgação ‘boca a boca’. Os pedidos para estabelecimento de parceria cresceram consideravelmente. Iniciava-se, então, o trabalho de escala, que se tornaria marca do Acelera Brasil e do próprio Instituto.

O Acelera Brasil foi muito além de sua proposta inicial e emprestou sua força e conhecimento em política pública e gestão para outros programas do Instituto Ayrton Senna que vieram em seguida. Inúmeros educadores pelo país afora foram motivados a investirem na formação acadêmica por meio de mestrados e doutorados, a reverem seus conceitos e práticas, e a se tornarem profissionais melhores ao acreditarem e investirem no sucesso do aluno.

Vivi uma fase incrível, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional, pois à medida que ‘mergulhava’ na proposta e no acompanhamento das implementações, precisei ampliar meus conhecimentos técnico e acadêmico para fazer a gestão do programa. Mas também tive a oportunidade de conhecer e vivenciar os diversos ‘brasis’ do Brasil, ouvir sotaques regionais, entender culturas; e constatar que dificuldades e problemas educacionais não se circunscrevem a determinados territórios, mas se encontram presentes em todas as regiões, diferenciados apenas pelo grau de intensidade ou pela maior ou menor capacidade de resposta.

A gestão do Acelera Brasil, e dos programas que foram sendo formatados para responder a novas demandas evidenciadas pela sua execução, permitiu-me conhecer e conviver com pessoas maravilhosas, verdadeiros anjos que sempre tive ao meu lado, os agentes técnicos e a equipe interna que formei ao longo dos anos. Pessoas que sempre apoiaram minhas iniciativas e foram parceiras no trabalho pelo sucesso das crianças e jovens estudantes e dos adultos educadores. Estes profissionais muitas vezes tiveram que superar seus próprios limites e ampliar suas competências produtivas, relacionais e, antes de tudo, afetivas, pois o Acelera Brasil sempre mexeu com nossas

emoções e sentimentos, moveu-nos para encontrar o outro, para entendê-lo, acolhê-lo e ficar a seu lado no processo de superação das dificuldades de todas as ordens.

A busca, às vezes, do que parecia impossível nunca inibiu a equipe ou a fez desistir; pelo contrário, foi sempre fator de crescimento da resiliência. Mesmo quando ela precisou reconhecer limites, principalmente nas situações que envolviam questões político-partidárias e levavam à interrupção de processos e mudanças nos rumos dos projetos – uma situação que ainda hoje pode ser encontrada país afora.

Valendo-me de uma frase de Paulo de Tarso, apóstolo dos gentios, acredito que combati o ‘bom combate’ ao defender o direito a sonhar e a realizar a plenitude da vida, essência do Acelera Brasil. ‘Terminei minha carreira’ no que toca à liderança do Acelera Brasil com a certeza do dever cumprido, pois ele não perdeu qualidade e nem potencial de transformação após 24 anos, além de oferecer oportunidades de sucesso para alunos e redes que ainda dele necessitam. E ‘guardei a fé’, pois continuo crendo firmemente no poder de transformação que há dentro de cada educador e profissional da educação, e na realização dos sonhos de todas as crianças e jovens brasileiros.”

1 Inês Kisil Miskalo entrou no Instituto Ayrton Senna em 1999. Como líder da área de Educação Formal, uniu experiência e conhecimentos para o desenvolvimento, implantação e execução dos programas de correção de fluxo e gestão ao longo de mais de vinte anos. Atualmente é gerente executiva de articulação da Vice-presidência de Desenvolvimento Global & Comunicação do Instituto.





OS GESTORES ESCOLARES

CRÉDITO: ZÉ LUIZ CAVALCANTE

Nos relatos que marcavam “o antes e o depois” da adoção dos programas do Instituto Ayrton Senna, inúmeros profissionais ligados às escolas ou às secretarias de educação assumiam a incapacidade de lidar com problemas relacionados à gestão. No programa Gestão Nota 10, os diretores recebiam treinamento básico em liderança e ferramentas de gerenciamento que ajudavam a criar práticas dentro da escola.

“Nossa escola atende a uma comunidade quilombola com muitas dificuldades de aprendizado. Tínhamos o paradigma de que um aluno nosso só vai até o 9º ano, sem condições de ir mais longe, chegar a uma universidade. Com as ferramentas de gestão do Instituto, vimos que a aprendizagem é possível. A criança precisa apenas ser estimulada da forma correta”, afirmou Helena Novelin, 51 anos, diretora de uma escola da área rural de São Roque (SP).

Inseridos nas redes escolares, os programas de gestão do Instituto (Gestão Nota 10 e Circuito Campeão) faziam as equipes repensarem suas práticas e debruçarem-se sobre uma realidade escolar que desconheciam.

“Eu me apropriava dos dados da escola (evasão, transferência, reprovação, matrículas), mas superficialmente. Dentro da minha carreira profissional, a escola nunca teve este perfil de aprofundar dados e estatísticas. Reprovou, reprovou. Não se procurava a razão”, admitiu Maria Aparecida Cardoso Klein, diretora da escola Marques de Herval, em Campo Bom (RS). Ao passar pelas formações do programa Gestão Nota 10, ela foi mudando de perfil.



Maria Aparecida Cardoso Klein

Dentro da minha carreira profissional, a escola nunca teve este perfil de aprofundar dados e estatísticas. Reprovou, reprovou. Não se procurava a razão.

“Me coloquei como tarefa buscar onde estava falhando; dar apoio aos professores e ouvir suas angústias; buscar soluções junto com a equipe escolar. Hoje mergulho nos dados para saber quantos alunos leem e em que nível está a aprendizagem de cada um. Tudo para ver onde está o problema. No momento em que começamos a buscar informação, ir

atrás do aluno faltoso, planejar aulas em função das dificuldades, os índices de aprovação aumentaram, e com qualidade”, comemorou Maria Aparecida.

Um atrás do outro, os depoimentos evidenciavam tudo o que estava fora do lugar na escola brasileira. *“Assumi essa escola com um Ideb de 5,2, mas ele não era real. Me deparei com uma turma de 4º ano inteiro sem saber ler e escrever. Aprovavam as crianças sem condições, e iam jogando pra frente. O bom resultado era só número, era mascarado”, revelou Eliete Schmidt, diretora da Escola Municipal Paulo Pinheiro Machado, em Ponta Grossa (PR).*

Nos primeiros contatos das escolas e secretarias de educação com os programas, palavras como diagnóstico, planejamento, meta, foco nos resultados, faziam parte de um vocabulário desconhecido. *“A gente apagava fogo. Não olhava efetivamente o dia a dia do aluno para perceber quais eram os entraves”,*

reconheceu Luisa Maria Solano Nogueira, 47 anos, coordenadora de gestão da Secretaria Estadual de Educação do Piauí.

Criar uma cultura de acompanhamento sistemático nas escolas — que passava, entre outras exigências, pela melhor formação dos professores — foi um dos grandes desafios das redes de ensino, como constatou o ex-secretário municipal de Educação do Piauí, Washington Bonfim:

“A dificuldade da Secretaria de Educação é tornar o acompanhamento, o planejamento e a avaliação práticas frequentes. Mas é nossa missão. Investimos muito em formação continuada, porém ela não dá resultados quando não se tem a sistematização do trabalho diário na escola para que não se percam de vista os resultados. A universidade se afastou completamente dos sistemas públicos de ensino. O professor sai da faculdade sem a formação voltada para o domínio da sala de aula, para

CRÉDITO: LEO SANCHES

a diversidade e desigualdade dentro das turmas. Sobre tudo, ele não é formado na cultura da avaliação, planejamento e resultados. Ele chega à escola com diploma, mas sem instrumentos”.

No início dos trabalhos, monitorar gerava estafas e calafrios. “Relatórios, vinte formulários para preencher, um horror, um monte de papel. Acompanhamento mensal 1 e 2; gerenciamento mensal 1 e 2; ficha de leitura 1, 2, 3. Diversas vezes disse à equipe do Instituto: olha gente, não vamos ter tempo de toda aula preencher formulário pra inserir no sistema! O que aconteceu foi que o acompanhamento e a avaliação foram se perdendo no estado. Cada um foi ficando por sua conta e ninguém respondendo pelos resultados”, lembrou, em 2003, a então coordenadora de correção de fluxo escolar da rede estadual de Pernambuco, Edenize Galindo. Mas com o tempo, essa rejeição foi se dissipando. “Vários coordenadores, inclusive eu, acordam à noite para anotar as providências do dia seguinte. Virou um vírus. Percebemos que o atraso de informação gera um descompromisso”.

Maria da Penha de Souza, 46 anos, diretora adjunta da Escola Olívio Pinto, em João Pessoa (PB), foi uma que ficou por sua conta e risco. “Antes de assumir a direção da escola, fui professora alfabetizadora de vários alunos que hoje estão nos programas do Instituto. Me sentia totalmente imobilizada, incapacitada porque não conseguia alfabetizá-los. Eu achava que tinha um sistema pronto que eu botava lá no quadro e os alunos aprendiam. Quando não dava certo, eu ficava bem nervosa. Existia um supervisor geral na escola, mas quando eu me sentava com ele pra expor minhas dificuldades, ele sempre tinha outras coisas para resolver. Me sentia perdida, frustrada. Hoje, com os novos programas, as professoras têm as aulas e o desempenho dos alunos acompanhados diariamente, e há alguém planejando junto com elas dentro da escola. Era assim que tinha que ser, não é?”, relatou Maria da Penha.

Na parceria com o Instituto, tornava-se possível atender as necessidades da escola no “micro”, como descreveu Ana Patrícia Freitas de Araújo Silva, 37 anos, ex-coordenadora regional do Circuito Campeão, de Recife (PE):

“O Instituto faz o monitoramento da frequência de alunos e professores, do cumprimento dos dias letivos, da leitura, escrita e produção de textos de crianças de primeira à quarta série. Antes não compreendia esta proposta. Via como uma fiscalização. Por meio do sistema informatizado de monitoramento, a gente começou a descobrir com dados concretos

Criar uma cultura de acompanhamento sistemático nas escolas – que passava, entre outras exigências, pela melhor formação dos professores – foi um dos grandes desafios das redes de ensino.

e atualizados quantas crianças não estavam lendo em determinada turma. Assim, a gente sabia onde e quando devia intervir.

No passado, tínhamos que vivenciar mais de um semestre de aula para agir. Além disso, a Secretaria de Educação sabia do que a escola precisava, mas não ia lá resolver. E hoje, com a parceria com o Instituto, do miudinho, do feijão com arroz, tudo chega – do abecedário nas turmas iniciais ao papel de ofício para os professores. Houve investimento no kit literário e no material pedagógico. O Circuito Campeão, que em Pernambuco se chama Alfabetizar com Sucesso, é um projeto estruturador. Existe uma história antes e depois dele.”

A gestão da escola sempre foi uma das maiores fragilidades do ensino público. Até 2001, em Sinop (MT), por exemplo, não existia a figura do gestor dentro da escola. A ex-secretária de educação do município,



Edenize Galindo

CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA

Rosa Oliva, relatou que naquele período havia um profissional dentro da Secretaria de Educação que respondia pela direção de pelo menos 16 escolas. No dia a dia, as unidades escolares ficavam sob a responsabilidade de professores e supervisores.

Em Cruzeiro do Sul (AC), também era assim. *“Um único professor realizava todas as funções da escola. Ele era o diretor, o coordenador, o merendeiro, o servente e também o educador. O resultado é que chegamos a ter na nossa escola uma turma de 1º ano com 53% dos alunos reprovados. A escola ficava jogada à própria sorte”,* explicou Jadson Freitas, gestor da Escola Municipal Rui Barbosa. Quando assumiu a direção, Jadson arregaçou as mangas e procurou reverter os indicadores negativos. Também gostava de contar aos alunos a sua própria trajetória. *“Eu nasci e estudei aqui em Cruzeiro do Sul. Meu pai é agricultor como os pais dessas crianças, que sobrevivem ainda da pesca e do carvão. Fui professor, supervisor, coordenador e hoje estou como diretor de escola. A minha vida está sendo diferente da vida do meu pai. Eu sou o exemplo puro de que é possível mudar a realidade em que você nasceu”,* afirmou Jadson.

Eram inúmeros os diretores com a garra de Jadson, mas nem todos possuíam competência técnica para o cargo. Da noite para o dia, acontecia de acordarem chefes de uma escola, por indicação do prefeito, do secretário de educação ou do vereador. A tendência natural era aproximarem-se das questões administrativas, deixando de lado o que não conheciam, o pedagógico.

Em 2010, um mapeamento da rede municipal de ensino de São Luis (MA) apontou pelo menos quinze escolas cujas direções eram sugestões políticas. *“Os diretores possuem apenas o Ensino Médio, enquanto a gente exige que os nossos professores sejam concursados e tenham nível superior”,* revelou à época a então coordenadora de gestão da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão, Ana Paula Nascimento Pires.

Na adoção dos programas educacionais como política pública, era recomendado às prefeituras que revissem o processo de seleção de diretores. Ponta Grossa, a uma hora de Curitiba, no Paraná, resolveu a questão de forma incomum. Um decreto municipal definiu que os



CRÉDITO: PEDRO NORONHA

diretores fossem eleitos pelos votos de pais de alunos e de servidores da escola. Para disputarem o cargo, precisaram fazer curso de 40 horas ministrado pela Secretaria de Educação e passar por uma prova. Tinham ainda que apresentar para a Secretaria e para a comunidade escolar um plano de trabalho atualizado anualmente.

Tudo o que o gestor projetava, cumpria ou não, era analisado. Seu mandato era de quatro anos, com direito a apenas uma reeleição. E foi exigido dos profissionais formação continuada. Isso contribuiu para que pelo menos dez escolas municipais de Ponta Grossa conquistassem em 2009 Ideb maior que 6, meta do governo federal para 2022. A nota geral do município foi de 5,4, superior à pontuação nacional, de 4,6.¹

¹ Dois anos depois, Ponta Grossa atingiu a meta Brasil, que se mantinha em 2019.

No Centro de Tempo Integral Professor Raldir Cavalcante Bastos, uma gestão engajada fez o Ideb saltar em 2011 de 3,7 para 6,2 – nota que se manteve até 2019. O diretor, Carlos Eduardo Rodrigues, é o primeiro a chegar no colégio, às 5h40. Eloquentemente, acompanha de perto o aprendizado dos alunos, articula todas as atividades escolares e participa delas. “O papel do gestor é recolher os dados de cada aluno (livros lidos, frequência, deveres de casa cumpridos, nível de leitura e escrita), fazer um diagnóstico preciso e traçar ações individualizadas diante das dificuldades. Também lutamos – e conseguimos – para que a escola fosse de tempo integral,

para que nossos alunos fossem acompanhados durante todo o dia”, detalha Carlos. Para a dedicação ser total, o diretor comprou uma casa bem próxima à escola, que fica em um conjunto habitacional feio e violento – o Renascença II. “Eu morava com meus pais em um bairro de classe média. Eles quase morreram do coração quando me mudei. Ficaram com medo, né. Mas hoje eles veem que valeu a pena o esforço”, conta o diretor piauiense.

DIRETOR CARLOS RODRIGUES

ESCOLA RADIR CAVALCANTE BASTOS – TERESINA/PI



Eliane Saback Sampaio assumiu a liderança da escola municipal Affonso Várzea, em Inhaúma, zona norte da cidade do Rio de Janeiro (RJ), com duas batalhas pela frente: a educação de qualidade e a segurança dos alunos. Em inúmeras localidades do Rio, os estabelecimentos de ensino são também veteranos de guerra, obrigados a conviverem com o tráfico de drogas e balas perdidas na disputa por território e em brigas com a polícia. As escolas adequaram-se como quem precisa sobreviver no front.

“Nossa escola fica no complexo do Alemão, que engloba várias favelas, Nova Brasília, Grotta, Fazendinha, Caixa D’água, Penha, Paraíso... Em muitos momentos, isso aqui fica um caldeirão, com as nossas crianças dentro. Já tivemos muita dificuldade com lotação de professores. Se eles puderem escolher, eles procuram não trabalhar nessa escola. Aqui é um lugar que de repente explode uma guerra. Há dez dias, por exemplo, teve um conflito com os traficantes na Nova Brasília, bem pertinho, com muito, muito tiro.

Temos um comportamento padrão para estas situações: todos os alunos calmamente deixam as salas de aula e descemos todos para

o térreo. Quando há uma trégua no tiroteio, os pais descem o morro pra tirar os filhos da escola e levá-los pra casa. A família inteira se enclausura e espera tudo passar. E mesmo dois dias depois da confusão, muitos alunos não aparecem na aula porque o morro ainda tá tumultuado.

A violência é um agravante da realidade da escola porque faz a criança perder aula e aprender com medo. Mas não podemos creditar o fracasso do aprendizado apenas à violência. A verdade é que os alunos com mais dificuldade ficavam mesmo esquecidos no canto da sala. Hoje temos programas de aceleração e de alfabetização e há uma perspectiva de progresso desses alunos. Às vezes passa por alguns educadores o sentimento de desânimo. Reprovou um ano, reprovou dois anos, deixa este aluno pra lá. Mas a mentalidade está mudando e a comunidade escolar hoje entende todas as crianças como responsabilidade de toda a escola”, relata Eliane.

DIRETORA ELIANE SAMPAIO
ESCOLA AFFONSO VÁRZEA – RIO DE JANEIRO/RJ



CRÉDITO: ALEXANDRE CAMPBELL

Eliane Saback Sampaio

“Na nossa escola tem Acelera Brasil desde 1999. Começamos com cinco turmas e nos tornamos referência em Goiás. Tínhamos uma equipe compromissada e todos abraçaram o programa. Na época, eu era secretária do colégio e vi que a autoestima adormecida dos alunos despertou. A escola passou a ser mais alegre porque os alunos do Acelera era e são alegres; não têm timidez, querem se apresentar em público. Acompanhamos os egressos do programa e constatamos que eles estão tendo sucesso e notas altas. Verificamos que são poucos os que estão com dificuldade na escola.

Eu me sinto realizada por ter participado de um projeto que está resgatando os alunos. Hoje temos poucos estudantes no turno da noite, geralmente lotados. Por quê? Com a correção idade/série, o aluno defasado hoje já está lá na frente, no Ensino Médio ou no mercado de trabalho. E percebemos que o Acelera amadurece o aluno para o mercado de trabalho. É um programa em que o aluno é atuante. Se ele percebeu que fez bem, ele refaz. O processo de fazer e refazer, típico do programa, faz o aluno adquirir conhecimento. E aí ele quer mais, quer avançar rápido, tem curiosidade de saber o que tem lá na frente. Não é aquele

aluno que retrai. O Acelera trouxe abertura e autonomia para discutir e mexer. Antes dele, não tínhamos liberdade nem para dar aula de reforço. Os professores da minha escola agora estão germinando o programa nas outras salas. E com esta germinação, muita coisa está mudando. A reescrita, uma dinâmica em que o aluno refaz o próprio texto, descobre e corrige os erros, está sendo adotada nas outras turmas. Os professores estão fazendo trabalhos de grupo, estimulando a cooperação em todas as séries. Antes tudo era muito organizado, certinho, não havia este contato coletivo.

O papel do diretor é de acompanhamento, de abraçar o projeto e fazer com que o professor tenha gosto pelo trabalho. Eu também trabalho o aluno, não fico atrás da mesa. Tenho a experiência de duas turmas de formandos do Ensino Médio que passaram pelo Acelera. Sinto orgulho de fazer parte de um programa que tirou os alunos das ruas, e que não queriam mais estudar, e os devolveu para a sociedade com uma postura mais crítica e o desejo de um futuro melhor”.

DIRETORA MARIA DE FÁTIMA SOARES DE OLIVEIRA
COLÉGIO ESTADUAL 16 DE JULHO – TRINDADE/GO

“Estou há dez anos na direção da escola e posso dizer que tínhamos turmas de até 45 alunos, com idades misturadas e processo educacional difícil de ser trabalhado. Com a implantação da política de alfabetização na escola, melhor atendimento e acompanhamento, o rendimento dos alunos elevou-se. Na metodologia do programa Circuito Campeão, todo o ensino é cronometrado, planejado da acolhida em sala de aula ao encaminhamento do dever de casa.

O perfil do professor que hoje está na sala de aula também é uma grande vitória. Nem todos os professores estão aptos a trabalhar com os anos iniciais, e uma das exigências do Circuito é que eles tenham este perfil e amem o que estão fazendo.

Além disso, a capacitação dos diretores foi de grande enriquecimento para a revisão da nossa prática e o olhar de forma particular para cada aluno. A preocupação maior do gestor não é só administrar o funcionamento do prédio; ela deve se voltar para o pedagógico, para a sala de aula e o aluno. E tudo isso, sem demagogia, é o que estamos procurando abraçar. Não é fácil, mas é apaixonante.”

DIRETORA MARIA DA CONCEIÇÃO MELO, CENTRO EDUCATIVO MARIA DE LOURDEZ ASSUNÇÃO – PIRIPIRI /PI



CRÉDITO: MICHELE ZOLINI

“O trabalho com a gestão tem sido uma experiência muito enriquecedora, uma vez que precisamos aprender a analisar dados e a atuar com estimativas – no sentido de nos antecipar aos resultados para que as ações implementadas possam ser mais focadas e efetivamente eficazes.

Cada escola envia informações, como número de livros lidos por aluno, número de ‘para casa’ não feito, infrequência, reuniões pedagógicas, resultados de aprendizagem e muitas outras que garantem o monitoramento de tudo que acontece ou deixa de acontecer na escola. Esse material é avaliado mensalmente.

Atualmente, um gestor precisa ser um gerente de dados, um articulador. É imprescindível que tenha uma visão real de todos os processos que ocorrem na escola e seja um profundo conhecedor das pessoas, pois só assim é possível uma liderança eficaz e verdadeira.”

DIRETORA SÍLVIA MONTEIRO
ESCOLA PRIMEIRO DE MAIO – SOBRAL/CE

UMA CENA BRASILEIRA

Sobral, um case de sucesso

A parceria de Sobral (CE) com o Instituto Ayrton Senna foi uma das mais frutíferas da história dos programas de correção de fluxo. Começou em 1997, quando quinze municípios brasileiros iniciaram a implantação do Acelera Brasil na rede pública. Sobral foi um deles. À medida que o programa era executado, o tema distorção idade-série aprofundava-se e sua discussão apontou para dois caminhos que iriam garantir a eficiência da correção de fluxo: a promoção de mudanças sistêmicas na gestão educacional e a garantia de que alunos com sete anos de idade, ao concluírem o 2º ano do Ensino Fundamental, estivessem devidamente alfabetizados. Posteriormente, em 2001, a cidade cearense adotou os programas Se Liga e Escola Campeã (encerrado em 2004). A partir de 2005, implementou o Gestão Nota 10 e, em 2007, o Circuito Campeão.

Diagnosticar, definir estratégias e metas, monitorar os resultados foram práticas dos programas que Sobral, a exemplo de outros municípios, incorporou em sua rede de ensino. A parceria do Instituto com Sobral centrou-se em ampliar a competência técnica das equipes locais, tornando-as autônomas para buscarem soluções efetivas e eficazes para suas dificuldades. Assim, cada vez mais Sobral mergulhou em sua realidade e acabou por desenvolver iniciativas próprias. Graças a elas, a cidade virou exemplo nacional em educação de qualidade.

A partir de 2018, o Instituto Ayrton Senna voltou a ser parceiro do município de Sobral



em mais um desafio: o desenvolvimento de competências socioemocionais em seus alunos. A decisão de incluir essas habilidades no currículo da educação municipal foi no sentido de preparar crianças e adolescentes para a melhoria dos relacionamentos interpessoais. Em Sobral, um novo vocabulário passou a fazer parte do conteúdo pedagógico, das falas de profissionais de educação e de gestores.

“Achei que só saber as coisas não era suficiente. Nós precisávamos de amor, solidariedade, entendimento, tolerância. Eu não sabia que essas coisas todas tinham um nome, que eram competências socioemocionais. Procurei o Instituto Ayrton Senna, que me recebeu mais uma vez de braços abertos, e nos associamos novamente para desenvolver a educação integral para nossas crianças e adolescentes.”, comemorou Ivo Gomes, prefeito de Sobral desde 2017.



CRÉDITO DAS FOTOS: FÁBIO CORREA





COMUNHÃO DOS HOMENS E ABUNDÂNCIA

CRÉDITO: PEDRO NORONHA

Em 2019, o Instituto Ayrton Senna lançou o documento **Diagnóstico da Educação Básica**, com relatórios personalizados que trazem evidências sobre a situação educacional dos estados brasileiros. É mais uma ferramenta, aliada à riqueza de dados estatísticos disponíveis, para que gestores e educadores possam identificar onde é preciso unificar esforços e recursos, e garantir um ensino de qualidade e menos desigual.¹

Apesar dos progressos, os estados possuem, em maior ou menor medida, desafios de diferentes aspectos. O país ainda tem um largo déficit a superar em relação aos conteúdos tradicionais do currículo, ligado ao chamado desenvolvimento cognitivo. Ao mesmo tempo, as escolas precisam nomear e agregar ao ensino as competências socioemocionais – como autogestão, engajamento com os outros, amabilidade, resiliência emocional e abertura ao novo –, além daquelas que entrelaçam os dois aspectos: cognitivos e socioemocionais.

Presente desde o início dos programas realizados pelo Instituto Ayrton Senna, o desenvolvimento dessas habilidades dá fortes sinais de impacto sobre o desempenho, em processos pedagógicos em que “o outro” é percebido a partir de múltiplos valores. Os depoimentos de alunos e professores comprovam.

“Minha mente era fraca, não conseguia gravar as coisas. Quando me chamaram pra ir pra sala do Acelera, vou te contar, foi uma coisa boa. As pessoas eram atenciosas comigo, a professora Flávia me respeitava, a diretora me dava conselho. Lembro das perguntas que tinha no livro do Acelera – quem você é, pra onde vai, o que você tem, o que não tem. Eu pensava muito, pensava na minha família, na minha autoestima. No programa tive apoio. Ali eu encontrava motivo pra viver. Passei a me dedicar aos estudos. Fui botando as coisas boas na cabeça. No final do ano, eu olhava pra mim e via que tinha mudado a minha leitura, o meu modo de escrever, de agir. Rapaz, era outra pessoa. Sem o estudo, eu não estaria hoje contando a minha história com dignidade”, comove-se Emerson José Galdino, 15 anos, de Ribeirão (PE).

Na escola Olívio Pinto, em João Pessoa (PB), Maria do Desterro Mello destaca a importância do vínculo entre professor e aluno. *“Isso desperta um lado novo na criança, resgata algo adormecido, sua história, seu lado bom, seu autoconceito como uma pessoa capaz de ter sucesso na*



escola. Estou trabalhando numa metodologia que ativa o prazer em tudo o que se faz em sala de aula. O que leva a turma a desbravar um outro mundo, a conquistar novos espaços e a olhar com atenção à sua volta. É assim que vem a paixão de aprender”.

Ao invés do fracasso, a supervisora do Se Liga em Sirinhaém (PE), Silvana Josefa da Silva, passou a focar nos resultados positivos de seus alunos. *“Os pais dessas crianças só eram chamados para ouvir coisas ruins. O menino faz bagunça, não estuda, não aprende. A orientação agora é outra. Se o estudante está bem, ótimo; se está mais ou menos, a gente fala: olhe, seu filho tá evoluindo e vai progredir”* conta Silvana, que colocou o próprio filho para ser alfabetizado no Se Liga.

Ao longo dos programas de correção de fluxo, uma nova autoimagem ia desenhando-se e sobrepondo-se à antiga. *“Eu achava eu um burro. Mas a escola foi puxando a minha mente. Foi aí que eu fui olhando que eu tinha meu direito. Fui desenvolvendo e tive essa chance de ser um menino inteligente, ser um menino sábio. Me enchi de uma vontade muito grande de me dedicar a mim mesmo”,* afirma Samuel Xavier da Silva, 12 anos, de Carpina (PE).

¹ Disponível em https://www.institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/a-causa/diagnostico-da-educacao.html?utm_source=site&utm_medium=estudos-pesquisas

permite a expansão das capacidades essenciais de cada pessoa. Dá-se conta delas justamente quando faltam, segundo Sen. Sua ausência impede de aproveitar as chances que a vida oferece, de fazer escolhas, de participar das decisões da comunidade e do país. E, o mais importante, de decidir sobre o próprio destino².

2 Desenvolvimento Como Liberdade, Amartya Sen; São Paulo: Companhia das

Ainda que a escola pública brasileira acumule carências, nela está o potencial para a abundância, a ser despertado e cultivado em alunos e professores. E seres humanos abundantes — construtivos, positivos, solidários —, como o sol no zênite alastram luz.

FIM



Emerson José Galdino

CRÉDITO: FABIO CORREA



**AINDA QUE A ESCOLA
PÚBLICA BRASILEIRA ACUMULE
CARÊNCIAS, NELA TAMBÉM ESTÁ
O POTENCIAL PARA A ABUNDÂNCIA,
A SER DESPERTADO E CULTIVADO
EM ALUNOS E PROFESSORES.
E SERES HUMANOS ABUNDANTES
– CONSTRUTIVOS, POSITIVOS,
SOLIDÁRIOS –, COMO O SOL
NO ZÊNITE ALASTRAM LUZ.**



GALERIA DE IMAGENS



CRÉDITO: ALEJANDRO ZAMBRANA



CRÉDITO: ESTÚDIO EUKA



CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA



CRÉDITO: FÁBIO CORREA



CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA

CRÉDITO: ROBERTA GUIMARÃES



CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA



CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA



CRÉDITO: GLAUCO SPINDOLA



CRÉDITO: IVAN FRANCHET



Instituto
**Ayrton
Senna**



Educação do futuro,
agora.

institutoayrtonsenna.org.br